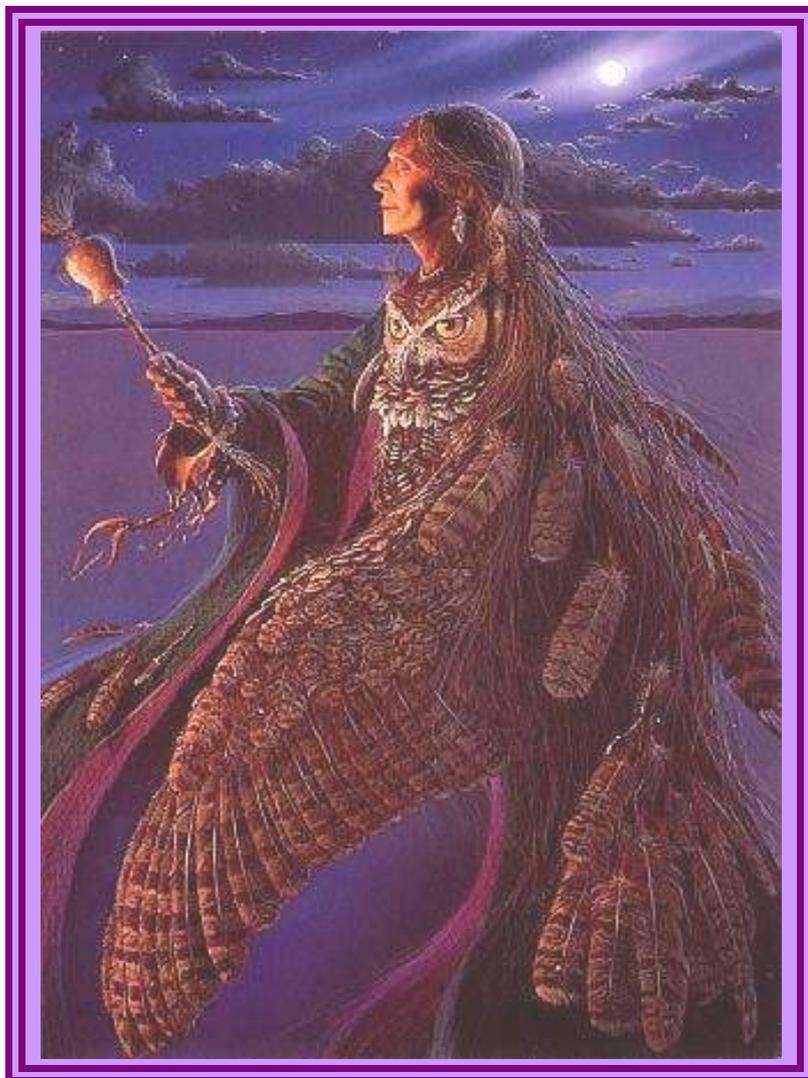


Ìyàmi Òsòróngà

PODER FEMININO NO CONTRASTE DE AMOR E MEDO



Coletânea diversa
2004

ÌYÀMÌ ÒSÒRÓNGÀ - PODER FEMININO NO CONTRASTE DE AMOR E MEDO

Sem sombra de dúvida, a mulher e seu Poder é um dos Mitos mais profundos da história humana. Principalmente, por serem possuidoras de uma força misteriosa, até nos dias de hoje são exageradamente cercadas de medos, o que provocou no ocidente muitos equívocos referente a forma de cultuar **ÌYÀMÌ ÒSÒRÓNGÀ**. Irrevogavelmente o Poder da mulher em todas as culturas do planeta sempre foi reverenciado e conseqüentemente muito temido. Se olhássemos para trás alcançaríamos as análises bem específicas do desempenho da mulher e os cultos originados através de seus poderes... Isso principalmente nas Culturas Africanas, e se pudéssemos ainda voltar para ouvir dentro de nós a VOZ do **Poder da Fêmea Universal**, escutaríamos possivelmente algo bem próximo a isto:

Meu culto data desde a Idade da Pedra. Na forma centralizada de um grande culto à fertilidade. No início da existência quando os seres humanos davam seus primeiros passos para evolução sobre as planícies intocadas do planeta... Eu ÌYÀMÌ, estava lá também. O tempo passou... passou... passou, e os homens desceram das planícies e foram construir suas cidades. E eu abstratamente fui com eles. Eles me cultuaram na Babilônia onde fui adorada e chamada de ISTHAR. Já no terceiro milênio antes de Cristo, os homens me invocavam de tal maneira com sabedoria, meu Poder era apaziguado... e minha força então podia ser detida, como poder feminino gerei muitos filhos (seres humanos) mais de cem ao dia. No Egito fui amada com o nome de NEITH apreciada como a mais velha e a mais sábia das Divindades, sempre à frente das artes úteis. Contemplada no céu noturno que se arqueava sobre a Terra formando com minhas mãos e pés as portas da Vida e da Morte. Por isso fui também cultuada principalmente em seus cultos fúnebres como Guerreira Protetora de seus mortos, Eu, era associada a vida e a morte, como a principal representante de DEUS, para os Egípcios, Eu era uma totalidade do Supremo. Posteriormente fui relacionada a ÍSIS, por ser Ela, uma deusa da beleza e fertilidade.

Entre os Hebreus fui chamada de ASTARTE. Na Frígia apareci como CIBELE (a guerreira caçadora possuidora dos 9 fogos), indicando a fertilidade. Na Grécia, recebi o nome de REA, GEA e DEMETER, por ser sempre densa, profunda, misteriosa e escura (TERRA). Senhora do mundo inferior no sentido vertical das profundezas da terra, por isso fui relacionada também à Morte. Meu ventre terreno e magnético que guarda os mortos, numa eterna restituição, Meu ventre que é também o centro da fertilidade de onde a vida emana. Por isso sou como labirinto que significa entrar no ventre para encontrar a morte, e dele tal qual o grão de trigo gloriosamente brota.

Na Grécia, sou chamada de LAMIA, amada e alimentada por homens e seus filhos homens. Como Deusa celta fui chamada de ANNIS e meu culto alcançou a Europa. Porém, a forma que mais fui conhecida e meu culto se desenvolveu, foi como Mãe-Negra (Densa Terra). Fui cultuada na cultura Cretense-Egéia, onde Eu era originariamente venerada em grutas e cujos sacerdotes eram mulheres. Eu era e sou a Lady of the Beasts (Senhora Pássaro) mulher de instinto animal venerada nas montanhas. Como em várias culturas fui comparada como a Mãe Animal de seios sempre descoberto que amamenta seus filhotes, como a cabra, vaca, etc. como indicam as vestes de peles e as roupas das sacerdotisas que sempre apareciam diante de meu altar com seus seios descobertos. Em algumas culturas, Eu tinha nas costas linhas verticais que lembravam penas da cauda dos pássaros. Em outras culturas, uma pequena estatueta na qual Eu era representada com uma criança em meu colo, às vezes com cabeça de cobra.

Na Suméria fui cultuada como INANNA, popularíssima força de dupla personalidade: Eu era Tida de manhã como uma valorosa mulher "Senhora Guerreira" a deusa de muitos heróis, e de noite Eu era a deusa da fertilidade, dos prazeres e do amor, fertilizando as sementes na terra como também o próprio homem. Por isso, fui chamada de Divindade Decaída, isso, por meus vários aspectos e características, ou seja, a própria posição vertical da Terra, metade inferior da cabaça, a posição da mulher quando recebe seu homem para ser fecundada numa posição da vida, como também a posição da morte, sempre de barriga ou ventre para cima.

Chamada também de divindade decaída, por Eu ser força (energia) contida mundialmente em todas as mulheres, por isso, sou a Força que não é subordinada a um só homem, mas a vários... Fato que minhas sacerdotisas respeitosa e representam de forma figurativa as "sagradas

prostitutas", por não pertencerem a um e sim a todos os homens (Òrìsà's Masculinos) sem distinção. Assim eu possuo múltiplos ventres, pois sou Eu o ventre principal (Mãe Terra), na qual todas as minhas sacerdotisas sobrenaturais se transformam e ganham distinções. Esta era a necessidade que a humanidade tinha de conciliar sexualidade e religião, como me cultuavam nos primórdios, me integrando ao poder dos opostos. Me regressando ao primeiro plano da consciência coletiva para lhes assegurar a queda da rigidez patriarcal.

Em Roma, sou apaziguada pelo terrível festival de Lemúria, com suas cerimônias de deificação à seus mortos... minhas equivalentes romanas são TELLUS, CERES e MAIA.

O medo dos homens ainda é imenso, eles acham que sou culpada de suas fraquezas e até por suas incapacidades. Assim, eles abençoavam e ainda abençoam as espadas, com as quais matam uns aos outros, e eu, por minha empatia as sinto atravessarem em minha garganta. Figurativamente eles me submergem nas águas, me cremam e espalham minhas cinzas ao vento. Eles extraem meu coração e cozinham com vinagre. Selam em minha sepultura quente com pétalas de rosas, arroz e ferro,... tentando me destruir, e Eu, sempre acabo voltando. Ao redor do mundo eu sempre volto.

Nas planícies inglesas, onde os primeiros Anglo-saxões escreveram poesia sobre mim. Eles me amaram e ainda me amam a seu modo particular... e Eu também os Amo do meu modo ! Sou sempre amada e temida.

Os Japoneses me chamam de HANNYA, temendo minha boca e meu andar. Seus homens, jovens macios se escondem e tremem diante de minha presença, mas eu sinto seu sangue pulsar quando os revelo meus lábios. Entretanto, os mexicanos me chamam de LA-LORONA (A Chorona) por Eu ser o jorro menstrual de minhas filhas, possibilitando nascer em todo mundo milhões de seres ao mesmo tempo, abundantemente como o choro das águas nas cachoeiras.

Na Índia fui chamada de RAKSHASI, tão bela e terrível, cultuada, Amada e temida pelos homens aqui como em qualquer lugar. Eu existo muito antes das tribos, e o medo dos homens de pronunciarem o Meu Nome já é passado, como um grito herdado de pai para filho século a século. Eu, sempre aparentemente tenho uma função para com eles, suas estranhas sociedades são constituídas e firmadas sob uma ameaça imaginária, o que me faz, ser cuidadosamente colocada além das luzes de suas tochas.

Evolutivamente, enquanto suas tochas se transformam em lampiões, e seus lampiões se transformam em luz néon, sua pequena casa de medo honrado (consciência) permanece intocável.

Hoje, eles até acham que me conhecem profundamente, mas apesar de Eu possuir muitos nomes, sou Única, e eles nem conseguem considerar tal fato. Por tantos outros Povos eu ÌYÀMÌ, singularmente sou chamada de tantos nomes diferentes, Ex.: ÒSÒRÓNGÀ - ANANANGEL - CIVATATEO, SWAWMX - IYEMONJA - IYEMONJA-ODUA - TALAMAUR - UPYR - ÒDU - EGAEPONA - DIANNA - NĀNĀ - IYAORI - NANBUKU - CIBELLE - IYANILĒ - ONILÉ - IYALAIYE - AZERI - IYABUKU - NANKUABA - IYANLÀ - IYELALA - IYAMASE - IYAMI-AJÉ - ELEYE - ALAYÉ - IYAALÉ - IYEMOWO - MAWÙ - ÒDUWA e centenas de outros nomes já citados anteriormente... Mas todos para mim significam quase que a mesma coisa. Os nomes não dizem nada do que penso ou do que sinto. Sou quase sempre, uma coisa a ser deturpada, caçada e metaforicamente morta. Coisa que os seres humanos fazem quando suas mentes vazias requerem algo negro (sujo) para suas fantasias, principalmente sexuais. Assim me desonram, fazendo comigo o mesmo que fazem com minhas físicas Filhas, através delas me transformando em objeto de seus prazeres e maus-tratos.

Ainda sim sou Divindade decaída, que além de tudo, sou Aquela que é base da humanidade sustentando seus pés, amparando suas almas e corpos em minha residência, propiciando estrutura de vida, aquela que provê abundância e riquezas, sou sim, a MÃE UNIVERSAL, chamada pelos Yorubà's, ODÙ para uns, e ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ para outros “.

Ìyàmì Òsòróngà “A Mãe Ancestral Universal”.

Na liturgia tradicional Yoruba a que deu origem a Afro-brasileira, a Mãe Universal é denominada como a própria **Terra-Negra**, conseqüentemente possuindo vários nomes referentes a seus vários aspectos, não só dentro do âmbito natural como também dentro de vários âmbitos religiosos Yorubà. Um de seus títulos mais respeitado é **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ**, nome que é cultuada na "**Sociedade Òsòróngà**".

Já na sociedade Òrisà onde é cultuada primordialmente junto com **ÒÒRÌSÀNLÀ-ÒBÁTÁLÀ**, principalmente por ser o âmbito que **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** entra ritualmente no contexto feminino na interação com o oposto através de tudo que é Branco, se relacionando intimamente no culto da cabaça de Efun, atuando como um significativo complemento na formação do Par universal e sobrenatural, ou seja, a união dos opostos refletida numa visão da união de **ÒÒRÌSÀNLÀ** como o esposo mítico da grande Mãe Òrisà **ÌYÀMÌ-NLÀ**, renomeada necessariamente com o nome de **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** onde é primordialmente proprietária da **cor vermelha, cor símbolo da vida, fonte de energia, poder sobrenatural, vivacidade, crescimento, dinamismo, movimento, possibilidade, sensibilidade, fertilidade.**

Somente após a união ritual do branco com o vermelho, os quais unidos ritualmente são aspecto rituais capazes de dar existência à algo, tanto espiritual quanto físico, ou seja, a única forma de se fazer nascer ritualmente a força de um determinado Òrisà no culto e principalmente numa cabeça de Yawo, como também expressam a forma de união dos gêneros (macho e fêmea) presidindo o nascimento de seres físicos no planeta.

No culto chamado **Awo-Funfun**, **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** é conhecida como a Mãe vermelha, onde necessariamente é mantida com esse mesmo nome, estruturalmente cultuada como esposa mítica de **ÒÒRÌSÀNLÀ-ÒBÁTÁLÀ**, onde entre muitos títulos classificados funfun's (primordiais) é também chamada de **IYEMOWO** (mãe que possibilita dinheiro à suas filhas), ou seja, os **búzios**, elemento este **símbolo da riqueza e ancestralidade de todas as Iyagbas**, pertencendo primordialmente a Bábáluàiyé o Òrisà que possibilita riquezas matérias. Este fato é comprovado na iniciação de um Yawo seja à **ÌYÀMÌ** ou **IYEMOJA**, quando irrevogavelmente tanto em pequenos ou grandes rituais, seus Elegun's saem à público com suas roupas Vermelha ou Branca completamente cobertas de **Aje (Búzios)**, num pedido único de riqueza seguidamente expressando a Antigüidade desse Supremo Òrisà feminino, seja qual for seu aspecto.

Dizer que **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** não é um Òrisà, ou dizer que Ela simplesmente não tem iniciação num culto próprio, é indiscutivelmente incorrer numa enorme falta de conhecimento referente a **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ**.

O que é preciso distinguir sobre o nome **ÒSÒRÓNGÀ**, que é nada mais nada menos, que uma **Sociedade executora de rituais aos ancestrais, onde ÌYÀMÌ encabeça como a matriarca das IYÁ-MI (minhas mães), ou seja, tanto Òrisà's Obirin (fêmeas) quanto os espíritos das Mães remotas e recentemente desencarnadas (Egungun feminino),** cultuadas num complexo de ascensão a feminilidade, onde o homem principalmente tem seu precioso desempenho, administrando as forças femininas, num outro tipo de interação dos opostos, agora força sobrenatural feminina somada a força física masculina, ato precioso para **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ**, que abençoa os homens com fecundidade através de Òòrisà'nlà. Desta maneira está comprovado **que homens capacitados pode sim, administrar pequenos e grandes rituais à ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ, até porque hoje, o fato de incorrer os homens à não cultua-la, foi devido uma pequena deturpação que aconteceu na Bahia/Salvador, quando um séquito de mulheres praticavam rituais às GÈLÈDÈ's abstendo os homens a participarem de tais ritos,** "era tanta força que elas tinham que o culto acabou se extinguindo completamente", fato que deu origem a uma irmandade de mulheres de crença Católica... Fatos que para os Yorubanos não tem coesão alguma referente ao culto de **GELEDE**, o que na verdade, é outro departamento em que **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** está inserida de forma complexa distinta comparado ao seu culto próprio.

Note bem, como faz uma grande diferença de acentuações do nome **ÌYÀMÌ (poderosa e respeitável Mãe), o que torna totalmente diferente do nome IYÁMI (minha mãe),** tanto na escrita quanto na característica verbal desempenhada no título. Por isso, tanto na sociedade **ÒSÒRÓNGÀ** quanto na

sociedade **Òrisà, ÌYÀMÌ mãe universal**, é, e deve sempre ser cultuada como o núcleo feminino, como também na interação do seu oposto, que é o próprio **ÒÒRISÀNLÀ**, o Pai Universal.

Na verdade, **ÌYÀMÌ é uma poderosa força singular que atua naturalmente como uma matriarca, num tipo de canalizadora do poder sobrenatural ou físico feminino, particularidade especial que cada uma Elas desempenham um tipo de função diferenciada, mas primeiramente como** verdadeiras fontes geradoras de vidas, onde todas estão voltadas para a Grande Mãe que é o **Òrisà ÌYÀMÌ**, atuando como base estrutural da vida, que em natural oposição preside a morte. Fato que comprova sua estreita relação com os Egunguns. Por isso, explicitamente de forma figurativa é afamada também como a Dona dos Mares, ou seja, o próprio útero mítico planetário, possuindo suas Águas Verdes ou Azuis, cores estas oriundas do Negro, o que comprova sua inteira relação com a morte e conseqüentemente com **Egungun**, fato que recebe o nome de **ÌYÉMÒJÁ-ÒDUÀ**, possuindo poderosamente uma característica anfíbia associada ao Mar e a Terra. Por isso **ÌYÀMÌ, seja sob o título de ÒSÒRÓNGÀ ou IYÉMÒNJÁ**, é uma única Grande Mãe, que irrevogavelmente está naturalmente e ritualmente relacionada a uma condição anfíbia, possivelmente cultuada **Tanto na Água quanto na Terra** com nomes distintos, o que faz da grande Mãe Poderosa em seus vários aspectos rituais, quando acontece suas transmutações no âmbito natural e no âmbito religioso. Comprovamos isso no culto de Egungun, onde **ÌYÀMÌ** é a primordial proprietária do Mel (elemento natural), cujo alimento é muito utilizado no culto à todo os **Egungun** (ancestral), principalmente **SÀNGÓ**. Já dá para perceber, o verdadeiro motivo que nas rodas de **SANGO** se louva tanto **IYÉMÒJÁ-ÒDUÀ**, não havendo veracidade no fato de **SANGO** ser uma prole direta de **IYÉMÒJÁ** e sim porque **IYÉMÒJÁ é a Mãe mítica de todos os seres vivos**, e principalmente pela condição de **SANGO** ser um **memorável e grande Egungun desencarnado**, o qual é cultuado aqui no **Brasil equivocadamente como um Òrisà**, onde acabou sendo confundido com os próprio **Òrisàs JAKUTA e AGANJU**, nos quais **SANGO** foi iniciado individualmente quando vivo.

Este é o verdadeiro fato que **ÌYÀMÌ ÒSÒRÓNGÀ** necessariamente, com o nome de **IYÉMÒNJÁ**, é louvada nas **Rodas de SANGO**, ou seja, é também inserida nos rituais do **grande Egungun-Sango**, representante primordial do **séquito ancestral Yorubà**, fato ignorado aqui no Brasil pela maioria dos que exercem o título de **Babalorixa e Iyalorixa**. Pois até os Uruguaios e Paraguaiois corrigiram este assunto, e já estão bem à frente comparado ao Brasil no tocante a **SANGO**.

Voltando ao contexto feminino, **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** é uma Poderosa força voltada ao principio feminino, principalmente na função do Útero, Seios e Regra Menstrual, **uma Mãe dotada de liderança, justeza, parcialidade e irritabilidade efêmera, possuidora de Astúcia e Sabedoria**.

Na sociedade das **GÈLÈDÈ** (mascaras), Ela é também chamada pelo nome **ÌYÀMÌ-AKO**, título que faz referencia ao **PÁSSARO "WAKO-WAKO"** representante de sua principal expressão **Animal Alado e Caçador**. No culto **GÈLÈDÈ**, acontece à saída seqüencial das mascarar, onde a mascara **AKO** encabeça o título de **IYALODE (primeira dama da sociedade)**. **ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ** é ainda chamada **ÌYÀMÌ-AKOKO** (Poderosa e respeitável Mãe ancestral Suprema), pois este título entre alguns outros é somente uma referencia a Antigüidade da Terra (O planeta).

ÀSE IJÉSÀ ÈGBÈ ÒMÒ L'ÒDÈ LÒGÚN EKÙN KIBO IYEOSUN.

Prof e Bàbálòrìsà: Wagner K.S. TI OLÒGÚN.

BAIRRO: JARDIM BOM RETIRO - SÃO GONÇALO - RJ.

TEL; 021 - 9667-2994

FPA - FACULDADE PAULISTA DE ARTE

PÓS-GRADUAÇÃO (LATO-SENSU)

**ARTE-EDUCAÇÃO:
ARTE E COMUNICAÇÃO**

Iyami Osorongá (Minha Mãe Feiticeira)

O coletivo feminino na cosmogonia do Universo.

YASKARA MANZINI.

SÃO PAULO

2001

FPA - FACULDADE PAULISTA DE ARTE

PÓS-GRADUAÇÃO (LATO-SENSU)

**ARTE-EDUCAÇÃO:
ARTE E COMUNICAÇÃO**

Iyami Osorongá (Minha Mãe Feiticeira)

O coletivo feminino na cosmogonia do Universo.

YASKARA MANZINI.

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação (Lato Sensu) da FPA-Faculdade Paulista de Artes para obtenção do título de Especialista em Arte-Educação, na área de concentração em Arte e Comunicação, sob a orientação da Professora Doutora Arlete Assumpção.

SÃO PAULO

2001

A

Adekunle Aderonmu - Babalaô Ogunjimmy, por abrir os caminhos,
Babalaô Fáyiomí Fábio Escada, alegria de Ifá - por sua paciência e sabedoria,
Iyá Obá - que apontou a Ajé que existe em mim,
Edson Gregório - meu irmão de fé,
Roberto Santos - filho predileto dos ventos.
Vinny (Vinicius) - pelas longas e esclarecedoras conversas
e
Nelson Tezzoni Manzini (in memoriam) pelo apoio que nunca negou-me...

Meus agradecimentos...
Adukpé ô!

Este trabalho é dedicado a

Therezinha Munhoz Manzini,
Ruth Nascimento Munhoz,
Cacilda Tezzoni Manzini e
Minhas Ancestrais.

Mulheres fortes e feiticeiras que tornaram possível minha existência...

RESUMO

No presente trabalho, procuramos resgatar o universo simbólico feminino do Orixá Iyami Osoronga, o coletivo ancestral feminino, através dos mitos referentes à criação do mundo na cosmogonia iorubana.

SUMÁRIO

Agradecimentos		
Dedicatória		
Sumário		
Introdução		
Capítulo 1: Panorama e objetivo do estudo		9
1.1 Apresentação do tema e justificativa		10
1.2 Hipóteses		11
1.3 Procedimentos metodológicos		11
Capítulo 2: Tessituras culturais: novos caminhos para a educação. Morin e o Borí.		13
Capítulo 3: Comunicação e arte na cultura africano – brasileira		19
3.1 Transmissão oral e aprendizado		21
3.2 Dança, resgate cultural e aprendizado.		23
Capítulo 4: Cosmogonia iorubana: a criação do Aiê		25
4.1 Esé Ntáyé Odudua	26	
4.2 A Criação dos Ará-àiyé: O sopro de Orixalá		27
4.3 Divergências	28	
4.4 Considerações metafísicas	29	
Capítulo 5: Grandes Mães ou Feiticeiras?		
Divindades femininas do panteão iorubano: as Iyami		31
5.1 Iyami Akòko: Oxum	32	
5.2 Iyami Alákòko: Oiá-lansã	35	
5.3 Iyá Ogbe: Obá		37
5.4 Yéyé Omo Ejá		39
5.5 Otim	41	
5.6 Euá: a senhora do Adô		42
5.7 Olokun	43	
5.8 Ajê Xalugá	43	
5.9 Iyami Imóle: Odua – Oduduwa (Odù Lógbáje)		44
5.10 Omo Àtiòro okè Ofa: Nanã Buruku	44	
Capítulo 6: Minha Mãe Osorongá		46
6.1 Mulheres pássaros		47
6.2 A trindade Iyami, Orunmilá e Exú		48
6.3 Iyami e a sociedade Geledé		52
6.4 Ajé é bruxa e velha		55
6.5 A sociedade Geledé no Brasil		55
6.6 Iyami Osorongá e a sociedade Ogoni		56
6.7 A Irmandade da boa Morte	56	
6.8 Iyami Agba: a anciã de cabelos brancos despede-se dos filhos		56
6.9 Trabalhos para apascentar Iyami	58	
6.10A asa encantada de Iyami Osorongá		61
Considerações Parciais		62
Referências Bibliográficas		
Sites		
Anexos		

INTRODUÇÃO

“O corpo humano feminino
é representado como um trono,
onde a criança pode sentar-se,
é o símbolo sagrado da Grande Mãe.”
(Susanna Bárbara; 1995:88)

O primeiro contato com o nome Iyami Osorongá aconteceu em 1997 ao pesquisarmos bibliografia de apoio para as aulas de dança negra do grupo EN-CENNA, na Fundação Cultural São Paulo PUC/SP, quando deparamos com a dissertação de mestrado em Sociologia de Susanna Bárbara “A Dança do Vento e da Tempestade”:

“A Grande Mãe apresenta tanto aspectos bons quanto maus. Seria, na minha opinião, a época das iyami (as grandes mães feiticeiras)”.

(Susanna Bárbara, 1995:88)

A autora cita a lenda das Eleye, outro nome das Iyami, mulheres-pássaros que usaram mal seu poder mágico e que por isso tiveram de entregar a Orixalá sua cabaça mágica para que Ele fizesse um bom uso do poder da criação. Esta lenda das Iyami resultou na coreografia Eleye,

“Existiam as iyami (nossa mãe) ou então eleye (donas dos pássaros) ou ainda àgbá ou iyá àgbá (a anciã, a pessoa de idade, mãe idosa e respeitável). Elas são as mais antigas divindades-mães femininas na história iorubana”.

(Verger, 1994:16)

Apresentada no I Ensaio de Dança, realizado em 25 de outubro de 1997 no TUCA (Teatro da Universidade Católica).

Apesar de termos obtido bons resultados coreográficos a curiosidade sobre o tema levou-nos a procurar o artigo “Grandeza e Decadência do Culto Iyami Òsòròngà (Minha Mãe Feiticeira) entre os Yoruba”, que nos deixou ainda mais intrigados sobre tal Orixá e as superstições que a cercam.

Os Anos passaram, porém as informações mal digeridas sobre Iyami Osorongá continuaram permeando nossos pensamentos daí a resolução em retornar tal tema para estudo.

Capítulo 1:

PANORAMA E OBJETIVO DO ESTUDO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E JUSTIFICATIVA.

“Eleye com uma boca redonda.
 Pássaro àtíòro que desce docemente.
 (Eles se reúnem para beber o sangue) voa sobre o teto da casa.
 (Passando da rua) colocou no mundo
 (Come desde a cabeça, eles estão contentes).
 (Come desde a cabeça, eles estão contentes)
 colocou no mundo (Chora como uma criança mimada).
 (Chora como uma criança mimada) colocou no mundo ajé.
 Quando ajé veio ao mundo ela colocou no mundo três filhos.
 Ela colocou no mundo “Vertigem”
 Ela colocou no mundo “Troca e sorte”
 Ela colocou no mundo “Esticou-se fortemente morrendo”.
 Ela colocou no mundo estes três filhos.
 Assim eles não têm plumas.
 o pássaro **akó** lhes deu as plumas.
 Nos tempos antigos, elas dizem que elas não gratificam o mal
 no filho que tem o bem.
 Eu sou vosso filho tendo o bem, não me gratificai o mal.
 Vento secreto da Terra.
 Vento secreto do além.
 Sombra longa, grande pássaro que voa em todos os lugares.
 Noz de coco de quatro olhos, proprietária de vinte ramos.
 Obscuridade quarenta flechas (É difícil que o dia se torne noite).
 Ela se torna pássaro **olongo** (que) sacode a cabeça.
 Ela se torna pássaro untado de osùn muito vermelho.
 Ela se torna pássaro, se torna irmã caçula da árvore **akòko**.
 (A coroa sobe na cabeça) segredo de **Ído**.
 A rã se esconde em um lugar fresco.
 Mata sem dividir, fama da noite.
 Ela voa abertamente para entrar na cidade.
 Vai à vontade, anda à vontade, anda suavemente para entrar no mercado.
 (Faz as coisas de acordo com sua própria vontade).
 Elegante pássaro que voa no sentido invertido de barriga para cima.
 Ele tem o bico pontudo como a conta esuwu.
 Ele tem as pernas como as contas sègi.
 Ele come a carne das pessoas começando pela cabeça.
 Ele come desde o fígado até o coração.
 O grande caçador.
 Ele come desde o estômago até a vesícula biliar.
 Ele não dá o frango para ninguém criar,
 mas ele toma o carneiro para junto desta aqui.”
 (Verger; 1992:90)

O texto de Verger é hermético, simbólico, truncado e reticente impelindo-nos a adentrar na complexidade do universo afro-descendente brasileiro.

O sistema religioso africano-brasileiro é passado de geração a geração de forma oral, pois acreditam seus sacerdotes que a palavra verbalizada possui o poder de transmitir o Axé, força contida nos ensinamentos herdados de seus ancestrais.

Os sacerdotes utilizam dos oráculos de **Ifá e Jogo de Búzios** para conhecer os odús, signos que contêm itans: contos milenares que versam sobre a história da criação do mundo e dos Orixás - divindades que simbolizam as forças da natureza, quando da separação do mundo em **Orum** (mundo celeste) e **Aiê** (mundo material).

O texto de Verger traduz alguns destes itans relativos a Iyami Òsòròngà, cuja tradução para a língua portuguesa é “**Minha Mãe**” **Osorongá**.

Iyami Osorongá é proprietária de um pássaro chamado **Aragamago** e de uma cabaça segundo o **odú Irété Ogbè**. (Verger; 1992:80).

Para os religiosos africanos e afro-descendentes, a representação mais perfeita do Universo é a Cabaça: **Igbadu** onde estão contidos os segredos da criação do Aiê. **Odùá, Odù Lógbáje ou Iya Malé** é o nome que **Osorongá** possui quando torna-se sua proprietária: Mãe dos Orixás.

Outra máscara de **Iyami** é como anciã, a mulher sábia e respeitável, que pode também ser chamada de **Àgbà** ou **Igba nlá**: “**Aos apelos que seus filhos fizerem, ela responderá do interior da cabaça, pois ela tornou-se idosa**”. (Verger; 1994:67)

Iyami Osorongá é um dos Orixás mais antigos, possui o poder de **fecundar, fertilizar** ou **esterilizar** conforme seu desejo. **A força de Iyami é tão poderosa e aterradora que se alguém proferir seu nome deve colocar a ponta dos dedos no chão em sinal de respeito.**

1.2 HIPÓTESES

O silêncio que ronda o nome de **Iyami Osorongá** leva a supor:

1. Se **Osorongá** foi um mito matriarcal do *período neolítico* – época na qual o sistema familiar, conceito de posse e leis não eram definidos, então o pânico, terror e superstição existente entre os sacerdotes e devotos dos cultos africano e afro-descendentes poderiam ser resultantes do medo de um caos social.
2. Caso a devotas de **Iyami Osorongá** não pudessem cultuá-la abertamente, devido o sincretismo religioso católico-iorubano, então seria venerada sob os véus da **Irmandade da Boa Morte**, através da devoção a Nossa Senhora.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escassez bibliográfica sobre o tema levou-nos a encontrar **Iyami Osorongá** sob as qualidades dos **Orixás femininos** retratados por Pierre Verger na Bahia e Nigéria, nos rituais nagô sobre a morte descritos por Juana Elbein, nos rituais **axexê** e mitos iorubanos comentados por Prandi e nos **abiku**, as crianças que nascem para morrer, pesquisados por Augras aprofundando-nos no Candomblé – percebendo-o enquanto fator de resistência política e cultural do negro - religião de origem africana estabelecida no País.

Nina Rodrigues¹ foi o pioneiro no estudo da questão negra no Brasil, estudou as diferentes etnias africanas e sua religião com “um olhar de fora”: distanciado da comunidade africana e afro-descendente estabelecida no País.

Alertados por Marco Aurélio Luz percebemos seu pensamento segregacionista-científico europeu, conseqüente de sua época:

“O critério científico da inferioridade da raça negra... Para a ciência, não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade”.

(Apud Luz; 2000:208)

Pierre Verger, Juana Elbein dos Santos, Júlio Braga, entre outros antropólogos conhecidos, optaram por um “olhar de dentro”: observando, participando e interagindo no universo pesquisado, tornado-se além de especialistas, membros respeitáveis nas comunidades pesquisadas.

“É preciso pôr-se de sobreaviso e impor-se uma vigilância consciente a todos os instantes para não incorrer em concepções ou na utilização de terminologia que se origine do etnocentrismo ou da falta de conhecimentos.

A revisão crítica permite destacar os elementos e valores específicos Nagô do Brasil, como próprios e diferenciados da cultura luso-européia e constituindo uma unidade dinâmica. É nesse sentido que insistimos tanto num enfoque “desde dentro”, isto é, a partir da realidade cultural do grupo”.

(Elbein, 1998:20)

O estigma da cólera e desequilíbrio desta egrégora ancestral dificultou nosso acesso a informantes, além do fato dos sacerdotes do candomblé terem certo receio em relação aos pesquisadores e o mundo acadêmico.

Tentamos discutir sobre o assunto em fóruns virtuais sobre candomblé e a referência, quando nos era passada, sempre remetia a Verger ou aos rituais Geledé na Nigéria, quando não recebíamos mensagens alertando que tal Orixá não era assunto para Net ou que não lidássemos com tal energia.

Em nossas estadias na cidade de Salvador, em março e julho de 2001, apenas as pessoas que nos eram muito próximas passaram informações superficiais e truncadas sobre o assunto ou como Iyami Osorongá atuava sobre nossa cabeça e dirigia nosso destino naquele momento.

Percebemos em Elbein que para conseguir acesso a tais informações ou vivências, teríamos de ser iniciados de grau hierarquicamente superior ou “os mais velhos”, como diz o “povo de santo”.

A persistência é um Dom das Filhas de Oxum... e o Destino levou-nos a conhecer o Ifá-Toso Fábio Escada que muito nos ajudou com seu material e sabedoria através de entrevistas informais.

A temporada soteropolitana permitiu-nos recolher material no Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO/UFBA), Fundação Casa de Jorge Amado, fotografar os Murais de Carybé e por fim, termos um rápido contato com Professor Ordep Serra que indicou-nos que estamos apenas no começo desta caminhada, pois para aprofundarmos é necessário nos adequar ao tempo africano...

Hey Iroko | Sò | Só!

Capítulo 2:

TESSITURAS CULTURAIS: NOVOS CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO.

MORIN E O BORÍ.

“Orí Buruku, Kossi Orisha!”

Frase de terreiro²

¹ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), médico e antropólogo brasileiro, natural de Vargem Grande, Mato Grosso, analisou os problemas do negro no Brasil com profundidade tornando-se referência para inúmeros pesquisadores sobre o assunto. Escreveu: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894), O animismo fetichista dos negros da Bahia (1900) e Os Africanos no Brasil (1932).

² Cabeça Ruim não dá Orixá!

Edgar Morin, educador e filósofo contemporâneo, em seus livros **A Cabeça Bem Feita** e **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** alerta-nos para as mudanças paradigmáticas emergentes além de levantar e propor novos olhares para várias questões pertinentes à globalização, educação, cidadania, e a poesia na vida.

O velho paradigma positivista instaurado no século **XIX** propôs a descoberta de verdades absolutas através do método matemático: qualificando e quantificando seus Objetos de estudos, portanto fragmentando, compartimentando, especificando o Saber, ocultando o Ser humano e suas angústias naturais pertinentes a Ele Próprio, a natureza, ao universo. As ciências humanas tornaram-se impertinentes ao próprio ser humano e essa visão fragmentada sobre a ciência ainda ecoava no século XX quando o antropólogo Levy Strauss argumentou que o objetivo das ciências sociais não era revelar o homem, mas colocá-lo em estruturas.

As descobertas da Nova Física, a partir de 1905, e a teoria da relatividade proposta por Einstein, trouxeram questões como **Tempo, Espaço e Observador** sobre objeto observado para a metodologia científica, iniciando uma mudança de pensamento na qual o Sujeito passou a fazer parte das descobertas, da ciência, da vida. O Homem estava voltando a fazer parte da história no Ocidente.

A Segunda revolução científica iniciada **nos anos 50**, com a teoria geral dos sistemas formulada por Bertalanffy mostraram que organizações em sistemas não podem ser concebidas isoladamente ou fragmentadas, como propunha a ciência positivista, pois produzem qualidades desconhecidas quando vistas no todo, propriedades estas chamadas de emergências. As emergências dialogam entre si e modificam a complexidade nos sistemas.

A complexidade mostra-nos que podemos observar sobre diferentes aspectos (especificidades) e que estes aspectos formam uma totalidade, globalidade.

A partir dos anos 60 novas emergências, tais como a Ecologia e a Cosmologia, foram se estruturando e reintegrando as ciências da natureza, conseqüentemente ao Homem e suas inquietações.

“Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele”.

(Morin; 2001:37)

Percebendo o homem também como uma emergência, seus anseios, reflexões, sua cultura e os conceitos de sociedade, começaram a ser reavaliados. Os desenvolvimentos dos meios tecnológicos de comunicação geraram a explosão das trocas culturais a partir dos anos 80.

Este novo conhecimento fez-nos perceber o planeta como um Todo composto por seres, humanos ou não, diversos e interdependentes dentro do sistema. A visão fragmentada de apenas um destes aspectos na atualidade torna-se alienada da realidade.

A escola e seu sistema educacional persistem numa visão fragmentada, descontextualizada, segregacionista, herdada do positivismo na história ocidental. O conhecimento proposto pela escola é separatista e analítico contrapondo-se a ligação e síntese que organiza e resulta na reflexão dos saberes, portanto muito distante de uma democracia cognitiva.

O saber contextualizado, globalizado tende a manifestar, usando as palavras de Morin, **“um pensamento ecologizante”**, no qual todo acontecimento, informação ou conhecimento possui uma relação de inseparabilidade com seu meio ambiente (**cultural, social, econômico, político, etc.**). Esta forma de entender e refletir mostra-nos os acontecimentos em seu contexto, fazendo-nos perceber como este o modifica ou o explica de outra maneira. É através deste “pensamento ecologizante” que percebemos a diversidade – individual e cultural – apesar da similitude da espécie humana:

“Pelo nascimento, participamos da aventura biológica; pela morte, participamos da tragédia cósmica. O ser mais corriqueiro, o destino mais banal participa dessa tragédia e dessa aventura”.

(Morin; 2001:36)

A aventura da vida vista e entendida, dessa forma complexa não comporta barreiras. Dá-se a necessidade de abrir novas fronteiras de conhecimento, trocas e tolerância mútua. É apresentando alguns aspectos do culto afro-descendente brasileiro que pretendemos contribuir para estabelecer uma malha de trocas entre cultura afro e euro-descendente.

As teorias do Caos e da Incerteza demonstraram a saga do Cosmo que organizou-se ao desintegrar-se, aniquilando a anti-matéria pela matéria, a autodestruição de numerosos astros, colisão de galáxias

gerando entre outras coisas um terceiro planeta numa pequena estrela, nomeada por nós humanos de **Sol**.

A **Ecologia**, ciência recém emergida, tornou-nos conscientes da importância do planeta **Terra** no cosmo, como sistema, na biosfera e como pátria da raça humana, não como soma destes fatores, mas como uma totalidade complexa físico-biológica e antropológica.

Na gênese africana encontramos pinceladas destas teorias no texto de Adilson de Oxalá:

“Em um tempo imemoriável, nada mais existia além do Orum³... Lá existiam todas as coisas que existem hoje em nosso mundo, só que de forma imaterial, mais sutil. Tudo o que ali havia era protótipo do que temos hoje em nosso plano existencial.”

(Ogbebara; 1998:13)

Outro mito sobre a criação do mundo narra:

No começo de tudo quando não existia a terra e tudo era céu ou água, Olodumaré o Deus Supremo – percebeu que aquele não era o mundo que desejava, que o mundo precisava de mais vidas. Criou então sete príncipes coroados e riquezas jamais vista, criou uma galinha e vinte uma barras de ferro, criou também um pano preto e um pacote imenso que ninguém conhecia seu conteúdo, por fim, criou uma corrente de ferro muito comprida, na qual prendeu os tesouros e os sete príncipes e deixou cair tudo isto lá do alto no céu. Muito sábio jogou do céu também uma semente de igi opê³ que cresceu rapidamente e serviu de abrigo seguro aos príncipes. Sendo comandantes por natureza, os príncipes precisaram se separar e cada um tomou seu destino. Antes de partirem resolveram dividir entre si o tesouro que Olodumaré tinha criado. Com os seis mais velhos ficaram os búzios, as pérolas, os tecidos e tudo que julgavam de maior valia. Ao mais moço coube o pacote de pano preto, as vinte uma barras de ferro e a galinha. Os seis mais velhos partiram montados nas folhas de dendezeiro. Oranian, o príncipe mais novo, muito curioso resolveu abrir o pacote preto para saber o que continha. Reparou numa substância preta desconhecida, sacudiu o pano e deixou que a substância caísse na água, ao invés de afundar formou um montinho. A galinha voou, posou em cima, começou a ciscar e a matéria preta foi se espalhando, espalhando, foi crescendo, tomando o lugar da água... e assim nasceu a terra, que mais tarde originou os continentes. (Petrovich & Machado; 2000:62)

Em “La Méthode”, Morin afirma: **“a vida só pode ter nascido de uma mistura de acaso e necessidade...”** e esse acaso e necessidade são metaforicamente apresentados nestas duas histórias nas quais podemos perceber a **anti-matéria representada no Orum** ou pelo **saco preto** do segundo conto, pelos seis príncipes que não ficaram na Terra, mas partiram em folhas de dendezeiro, possível alusão a **outras galáxias e estrelas do Universo**, entre outras imagens do imaginário negro.

A prepotência positivista, duma verdade única e somente européia, privou-nos de riquezas poéticas como nos contos acima referidos.

Os negros escravizados que chegaram ao Brasil trouxeram e conservaram, veladamente, sua cultura. A reforma para uma educação ética de pensamento ecologizante, propostos por Morin atualmente, já faziam parte da cultura africana como podemos perceber nos fragmentos do conto “Os sonhos do tempo perdido”, no qual dá-se um diálogo entre **Ramon**, sacerdote-educador e **Onansokum**, *griot* (contador de histórias), um educador da cultura africana:

Ramon, o egípcio – Onde estão os hieróglifos da língua falada pelo seu povo? Em que papiro ou pedra estão gravados os sinais? Onde está a escrita desse povo Yorubá?

Onansokum – No coração, Senhor emissário. Nossa escrita é guardada no coração como a própria vida. Os sinais são os objetos sagrados. Cada objeto tem uma lenda. Cada lenda tem história. Cada história é um mito com uma lição sagrada. E a trama da história fica presa na cabeça, orientando o caminho de cada pessoa.

Ramon, o Egípcio – A trama da história, você quer dizer que se prende no turbante como os árabes e os egípcios têm na cabeça?

³ Orum é o reino dos deuses nagô, morada de Olórun (Deus Supremo), Eboras e espíritos de diversas hierarquias.

³ Semente de dendezeiro.

Onansokum – **A trama da história, o enredo, fica presa por dentro do Orí⁴. Os sinais entram pelos olhos, pelos ouvidos e pelo corpo, porque tudo é alimento. Tudo na vida se transforma em gente. E, tudo no mundo se transforma em símbolo de vida. É por isso que temos nove caminhos para dentro do corpo. É pelos caminhos que os orixás continuaram a criação dos seres humanos e a criação do mundo.**

Ramon, o Egípcio – **Senhor ministro, queira compreender a minha curiosidade. Como mestre de iniciação no Cairo, devo aprender mais sobre o povo Yorubá para melhor defender a paz junto ao Faraó. O que é que quer dizer continuar a criar os seres humanos? Que trabalho é esse? Eles semeiam no corpo humano como os egípcios semeiam trigo às margens do Nilo?**

Onansokum – **Cria-se com o canto, com as palavras, com a respiração; cria-se com a dança, cria-se com os rituais e com os objetos sagrados. Tudo é feito de lendas e histórias. Toda a nossa tradição é a oficina de Deus. E é por estas histórias, que se modelam os seres humanos, à sua imagem e à sua semelhança.**

Ramon, o Egípcio – **Então as suas palavras querem dizer que tudo é sagrado? Divinos são o Rei, a vida e os costumes? No Egito, só o Faraó é sagrado, só o Faraó é Deus.**

Onansokum – **Aqui em nossa terra, tudo que existe nela, a vida e as pessoas, tudo é sagrado. Cantamos, dançamos, caçamos, trabalhamos e mostramos os nossos rituais como a própria vida. E a vida para nós é sagrada. Assim é, para que as nossas crianças aprendam a ser adultos melhores e, nosso povo jamais esqueça a lição: ‘VIVER, TRABALHAR E AGRADECER A OLODUMARÉ É UMA E A MESMA COISA, AXÉ, E PAZ’.**”

(Petrovich & Machado; 2000:47)

A sabedoria africana sempre deu-se conta de que fazemos parte de um contexto planetário!

A aprendizagem cidadã, solidária e responsável supõe uma identidade nacional, fruto de um Estado-Nação completo e complexo, religioso, histórico, artístico, político, econômico e cultural.

“A comunidade de destino é tanto mais profunda quando selada por uma fraternidade mitológica”.

(Morin; 2001:67)

Os Ilês, Casas de Culto aos Orixá, durante muito tempo serviram como espaço agregador dos afro-descendentes **preservando e transmitindo a identidade e seus valores ancestrais através dos contos, músicas, danças, ritos e dialetos africanos**, enquanto espaço religioso do Candomblé, desagregado da escola formal.

Atualmente o Ilé Axé Opô Afonjá, antiga casa de Candomblé baiana localizada no bairro de São Gonçalo do Retiro, **tem desenvolvido um trabalho de aprendizagem cidadã através de sua escola formal**

⁴ Orí, a cabeça no idioma ioruba.

Eugênia Ana dos Santos⁵. Algumas Organizações Não Governamentais também tentam através da educação não formal, o terceiro setor, desenvolver aspectos da cidadania solidária.

E nossa escola formal?

É possível que enquanto a Escola mantiver uma visão descontextualizada e fechada para a diversidade étnica e cultural do País, entre outros problemas, estará muito distante da formação de uma identidade nacional, que emergirá da diversidade dos povos que aqui chegaram, pois não favorecerá uma cultura da humanidade – complexa e diversa - que forneça conhecimentos, valores e símbolos que possam orientar e guiar as vidas humanas.

A acumulação e quantificação de conhecimentos tornam o aprendizado prosaico, afastando e desvalorizando o sentir, o prazer, a criatividade e a curiosidade – qualidades tão humanas - como formas cognitivas.

A Arte e suas manifestações foi tratada como objeto de consumo para os mais abastados ou relegada a um plano inferior nos séculos passados. Uma política educacional que valoriza a produção em massa e o desenvolvimento tecnológico, não cede espaço para a criação, os sentimentos e a cultura humanista.

As manifestações artísticas, pontos de fuga do prosaísmo através da catarse, exorcizam o tédio desumano do cotidiano e por outro lado funcionam como forma de aprendizado na e para a vida. Mais do que signos semióticos, metáforas de linguagem, tecnologia desenvolvida para o lazer, podem alicerçar a comunicação entre os seres através da obra de escritores e poetas, burilar o sentimento estético e tornar reconhecível a emoção, quando se percebe “no outro” (personagem ou tela) nuances de nossas vidas subjetivas.

“A poesia...leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade -, mas também poeticamente destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase... mistério, que está além do dizível”. (Morin; 2001:45)

⁵ A Escola Eugênia Ana dos Santos do Ilé Axé Opô Afonjá, desenvolveu sua metodologia fundamentada no Projeto “100 Anos de Sirê” - aprovado pela UNICEF em 1987. Pretende através do ensino (de 1ª a 4ª série), construído em sintonia com a realidade presente no interior de sua comunidade, unir as novas tendências pedagógicas ao pensamento tradicional da comunidade religiosa. Propõe uma filosofia pluricultural no aprendizado enfocada na ecologia. OBJETIVOS GERAIS: Possibilitar às crianças e jovens desta comunidade, desenvolverem suas aptidões e potencialidades em profusão, com a pluriculturalidade do Espaço-Terreiro. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Fundamentar as linguagens artísticas da Música, Artes Cênicas, Plásticas, etc. Reconhecer suas características específicas na nossa cultura (dos descendentes lorubanos) em contraponto com as poéticas de outros povos. Proporcionar ao educando uma experimentação das atividades estudadas e sua reflexão. Possibilitar a normatização das etapas estudadas para desenvolver futuros estudos e pesquisas. No processo ensino-aprendizado a integração com o meio ambiente e suas características de preservação e conservação, suas implicações na vida cotidiana das pessoas.

Aulas das disciplinas do núcleo comum, consideradas como laboratórios: Línguas (linguagem): Português e Iorubá; Matemática; História; Geografia; Ciências Biológicas; Ecologia; Atividades Artísticas (laboratórios específicos): Artes Cênicas, Música: (Coral Infantil), Artes Plásticas (Pintura, Modelagem), Reciclagem de lixo (oficina permanente de papel, trabalhando com o educando na confecção do papel e relacionando com a preservação da natureza, seu material didático), Construção de brinquedos (com o lixo, desencadeando na criança seu processo criativo em consonância com o meio ambiente e suas transformações, resgatando a lúdica infantil, encontrada nos brinquedos confeccionados por ela própria); Laboratórios naturais: horta, criatório de animais (local de observação do ciclo de vida dos animais mamíferos, ovíparos, de carapaça, etc.); Museu Ohun Lailai (local onde é preservado os 84 anos da História da Comunidade do Ilé Axé Opô Afonjá, que as crianças visitam); Sala de leitura (Biblioteca)

Na cultura afro-nagô o poético é expresso pela palavra **Odara**, aquilo que é bom, que possui **Axé – força, energia vital**. É este **Axé** contido nas danças, pinturas, **orikis** que religa e harmoniza os seres no **Orum e no Aiê, a Natureza e os ancestrais**.

Juana Elbein dos Santos e Deoscóredes M. dos Santos (Mestre Didi) afirmam:

“A linguagem das comunidades-terreiro nagô é um discurso sobre a experiência do sagrado. Nos cânticos e textos pronunciados vão se revelando todos os entes e acontecimentos passados e presentes, o conjunto inexprimível de teofanias evocadoras e restituidoras de princípios arcaicos. A experiência da linguagem é indizível na medida que só poderá ser apreendida por si próprio na relação interpessoal viva, incorporada em situações iniciáticas”.

(apud Luz; 2000:451)

O “mistério além do dizível” faz parte da aventura humana de abrir-se ao Cosmo: entender a Si mesmo e ao outro, lutar contra a tragédia da morte, compreender as forças da Natureza e suas manifestações. **Para isso precisamos fazer um Bori: alimentar nossas cabeças...** e Morin através de suas propostas nos oferece farto alimento!

Adukpé ô Baba Morin!

Capítulo 3:

COMUNICAÇÃO E ARTE NA CULTURA AFRICANO – BRASILEIRA

“Esse destino comum, memorizado, transmitido de geração a geração, pela família, por cânticos, músicas, danças, poesias (...) onde são ressuscitados os sofrimentos, as mortes, as vitórias, as glórias da história nacional, os martírios e proezas de seus heróis. Assim, a própria identificação com o passado torna presente a comunidade de destino.” (Morin; 2001:67)

A cultura africano-brasileira é **um todo complexo no qual religião, arte, estrutura social e econômica** criam interstícios impossíveis de serem estudados de uma forma em separado.

Não é nosso objetivo traçarmos um histórico do processo político e econômico que culminou no comércio escravagista - que desde o séc. **XV** escravizou africanos nas plantações em Algarve (Portugal), minas na Espanha, e trabalho doméstico na França e Inglaterra, tampouco nas insurgências negras que se processaram no Brasil, como a **Revolta dos malês em 1835**, ou o próprio processo de rebelião contra a coroa portuguesa em **1821**, no qual negros e brancos tomaram parte, apesar de tais assuntos serem de extrema relevância para entendermos todo o processo de resgate da cultura negro brasileira. Porém pincelaremos alguns tópicos sobre o desenrolar da construção da identidade e conseqüentemente da cultura africana que aqui aflorou.

Desde o aportamento dos negros africanos no Brasil, que antes de embarcarem para seu lugar de destino, eram batizados pelos padres católicos e marcados a ferro quente como forma de distingui-los dos negros profanos, poderíamos dizer que foi o sentimento Banzo¹ que uniu as diversas etnias africanas e foi esse mesmo sentimento **que gerou o candomblé, uma religião de características africano-brasileiras, como nos afirma em palestra Júlio Braga:**

“... é uma religião tipicamente brasileira, porque, na África, o culto dos orixás é diferente. Cada cidade é protegida por um orixá em particular, enquanto que, nas casas de candomblé baiano, são cultuados todos os orixás, como se uma pequena África tivesse sido reconstruída.”

(apud Susanna Barbara; 1995:42)

Os orixás e seu culto vieram com os africanos, porém o ambiente propício para sua implantação no Brasil teve de ser modificado às condições das diferentes nações que tiveram de conviver juntas, além das condições geográficas, históricas e sociais da época. Seu culto era escondido e ou sincretizado nos Santos católicos.

¹ Sentimento de pesar e saudade da terra natal, por vezes pode também expressar a idéia de revolta pela condição de escravo.

“A devoção se dirigia inicialmente aos ancestrais africanos representados por N.S. do Rosário, S. Benedito, Santa Efigênia, N.Sra. de Aparecida, etc., assim como as almas santas, espíritos ancestrais. Esse culto era uma consequência da expansão da religião africana que paralelamente se processava durante a noite, quando concedidos pelo senhor, ou em espaços criados clandestinamente.” (Luz; 2000:348)

As confrarias religiosas negras, sob uma aparência católica apostólica romana, foram surgindo como uma forma de reconstruir a identidade negro africana dentro de um contexto social ainda escravagista, ampliando os espaços comunitários fundamentais a uma coalização sócio-econômica e cultural negra.

“Em meio aos espaços sociais instituídos pelas Irmandades Religiosas, se reestruturam relações sociais emanadas dos centros de irradiação dos valores negros, isto é, as instituições da religião tradicional africana.” (Luz; 2000:387)

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário funcionava desde **1604**, porém só conseguiu construir sua igreja, ainda hoje no Pelourinho às Portas do Carmo, em **1703 ou 1704**.

A **Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte** reuniu as maiores sacerdotisas do culto nagô encabeçadas por Mãe Nassô e fundaram a primeira casa de culto dos orixás no Brasil, o **Ilé Ase Airá Intilé**.

“É importante observarmos que, no fim do século XVIII, nos arredores de Salvador, já existem ilé axé, casas de culto aos orixá. E kerebetan, casa de culto aos vodun.” (Luz; 2000:390)

Após o aparecimento das casas de culto aos orixás, surgem as sociedades secretas, tais como **Egungum, Geledé e Ogboni** das quais nos adentraremos mais adiante, haja vista tais sociedades bem como a referida **Irmandade da Boa Morte** possuírem íntima ligação com nosso objeto de estudo.

O importante é percebermos que os processos cognitivos, artísticos e comunicacionais, bem como seu desenvolvimento e a expansão da cultura africano-brasileira só pôde acontecer pela fé religiosa que sempre permeou a cultura negra. É no candomblé que os valores africanos são vivenciados aos resgatar os origens divinas dos homens e dos ancestrais - fundadores das cidades na África, é através **do transe do iniciado que os deuses se manifestam através da dança, música, canto, paramentos e vestimentas**, nos quais cada signo remete a uma qualidade ou estória ancestral num processo de semiose quase infinito.

3.1 TRANSMISSÃO ORAL E APRENDIZADO

“... a importância da linguagem está em seus poderes, e não em suas leis fundamentais”.

(Morin; 2001:43)

O sistema religioso iorubano é passado de geração a geração de forma oral, pois acreditam os babalaôs, babalorixás e ialorixás, supremos sacerdotes e sacerdotisas dos cultos africano-brasileiros que a **PALAVRA** contém o poder e a força de criar algo e só através de seu pronunciamento quase cantado é possível expressar a idéia e a força que as mesmas representam.

“A transmissão oral é uma técnica a serviço de um sistema dinâmico”.(Elbein; 1998:47)

A palavra sempre vêm acompanhada de expressões faciais, entonações e gestos gerando um sistema dinâmico que deve ser realizado constantemente, pois cada palavra é única, ao terminar de ser proferida desaparece dentro daquele contexto e sua próxima repetição poderá estar preenchida de outras situações religiosas ou não. É através da palavra que se processa a comunicação entre as gerações:

“... comunica de boca a orelha a experiência de uma geração à outra, transmite o àse concentrado dos antepassados a gerações do presente”. (Elbein; 1998:47)

Notamos que a **PALAVRA PRONUNCIADA** esta ligada a dois conceitos: **Axé e Emi**.

O conceito de axé é muito amplo e no presente ensaio não pretendemos adentrar em tal conceito, mas de uma forma bem superficial poderíamos afirmar que o **axé é a força, o poder gerador e criador que permeia tudo o que foi criado por Olorum**, possui íntima ligação com o sangue de nossos

antepassados, com o sangue que circula em nossos vasos sanguíneos, órgãos internos, bem como no dos animais.

“**Axé**, como alguém disse uma vez, é tudo que você quiser chamar de **axé**. Parece brincadeira, mas não é. **Axé** é uma expressão que perdeu no Brasil a relação direta com seu sentido etimológico para, ampliado, **significar tudo que você possa perceber no contexto sagrado como força**. **Axé** é uma **força mágica, um universo absolutamente metafísico**, força que emana da sua capacidade de poder real. Você tem um poder de mando que é fruto de uma circunstância social que, na leitura do candomblé, também é **axé**. Quer dizer, a expressão ganha um horizonte semântico sem fronteiras. Tudo que representa **força, poder, emanação do sagrado você, pode chamar de axé**”. (Braga; 2000; 154)

O **Emi** é o sopro, a respiração, o ar que inspiramos e expelimos durante nossa vida e que esta ligado a massa de ar genérica que a todos envolve, é o **Emi** que dá passagem para força do axé expresso de viva voz, daí o poder da **VERBALIZAÇÃO** da palavra para o aprendizado e continuidade da cultura africano-brasileira.

Os **Babalaôs, sacerdotes de Orunmilá**, possuem um sistema de adivinhação chamado Ifá² – destino, composto por 256 odús ou signos que contêm Itans, histórias ou contos milenares.

Os odús e seus itans contam-nos sobre a história da criação do mundo e dos Orixás – divindades que simbolizam **as forças da natureza**, quando da separação do mundo em **Orum** (mundo celeste) e **Aiê** (mundo material).

Nosso informante principal **Babalaô Ifá-Toso Fáiyomi³ Fábio Escada** explicou-nos que o culto de Ifá não depende de Orixá, o contrário dá-se no Candomblé que necessita do conhecimento do odú da pessoa – através do jogo de búzios⁴, para saber qual o orixá que rege a “cabeça” dela e quais os procedimentos para iniciar tal pessoa no culto e agradar a divindade que coroa a cabeça do fiel.

“Cada cabeça tem, assim, o seu odu, que lhe revelará seu destino e o que deve ser feito para melhorá-lo”. (Luz; 2000:47)

No culto a Ifá o iniciado passa por um longo período de aprendizado e socialização entre os outros sacerdotes, devendo memorizar os **256** odús, a prática dos **ebós** (sacrifícios ou oferendas), **adimú** (comidas votivas) e a utilização das folhas enquanto fator medicinal. Este aprendizado tem a duração aproximada de **vinte anos**, porém antes de chegar ao seu grau máximo o iniciado receberia o grau de **Owó Áwo**, a mão de Ifá ou mão de búzios,

“... era a coroação de anos de esforços e estudos intensos, sendo sancionada em ritual próprio que promovia a união do mundo natural e do sobrenatural, juntamente com a intuição psíquica introduzida em transe mediúnico leve, que passava a abrir canais diretos de percepção do Bábáláwo para a presença do àsé de Órúnmilá, Èsú Bara, Ori e seu Olori; já que o sacerdote jamais entraria em transe possessivo, sendo isso, na verdade, a grande diferença entre o verdadeiro Bábáláwo e o Bábálòrisà.” Escada & Filho; 2001:72)

Podendo depois continuar seu aprendizado para adquirir os títulos de **Bàbá Elegán, Bàbá Olosù e Bàbá Olodù** quando o babalaô poderá ou não ostentar o título de **Ifá-Toso e Àwoni**.

No candomblé o iniciado pode tornar-se um filho ou filha de santo após longo período de preparação, segundo as palavras de Verger:

“A iniciação consiste em suscitar, ou melhor, em ressuscitar no noviço, em certas circunstâncias, aspectos da personalidade escondida; aqueles correspondentes à personalidade do ancestral divinizado, presente nele em estado latente, inibidos e alienados pelas circunstâncias da existência levada por ele até essa data.” (apud Susanna Barbara; 1995:48)

² Estudados no ocidente primeiramente por Maupoil e editados sob o título La géomancie à l’ancienne Côté de Esclaves, Paris em 1943.

³ Alegria de Ifá.

⁴ O sistema oracular dos búzios usado no Candomblé contêm os dezesseis odús principais do oráculo de Ifá.

A primeira fase da iniciação consiste no **borí**, alimentar a cabeça, pois é o **Orí** (a cabeça) que guarda o destino da pessoa, **nada se faz para orixá sem tratar antes da cabeça do iniciado**. Depois é necessário fazer o assentamento do Santo, ou seja, **é preciso colocar no chão, no plano material a energia simbólica contida no orixá do iniciado**. Na terceira fase a ialorixá prevê se o abiã deve ou não ser raspado, a partir daí começa a iniciação propriamente dita, o abiã deve ficar recluso por **dezessete dias para, através de beberagens e rituais secretos**, entrar em contato com a energia do orixá que será fixada tal qual uma coroa em sua cabeça, tornando-se **adoxu ou iaô** (mulher de orixá). Concluída a terceira fase, o iniciado deve fazer suas obrigações de **três e sete anos para alcançar a condição de ebômi**. Durante esse período os **cantos, toques, danças, rezas e uso das plantas de forma ritual ou medicinal são aprendidos**.

Hall sugere que tal aprendizagem acontece em unidades globais, que se inserem em um contexto de situações e podem ser memorizadas como conjuntos. (Susanna Barbara;1995:52)

O fato é que o aprendizado no candomblé dá-se de forma não sistemática, porém através da observação, participação e vivência dos ritos de passagem e das cerimônias e festas existentes no ilê.

“Através da iniciação e de sua experiência no seio da comunidade, os integrantes vivem e absorvem os princípios do sistema. A atividade ritual engendra uma série de outras atividades: música, dança, canto e recitação, arte e artesanato, cozinha etc., que integram o sistema de valores, a gestalt e a cosmovisão africana do ‘terreiro’.” (Elbein; 1998:38)

3.2 DANÇA, RESGATE CULTURAL E APRENDIZADO

“Lá vem a força, lá vem a magia

Que me incendeia o corpo de alegria

Lá vem a santa maldita euforia

Que me alucina, me sacode, e rodopia.”

(Milton Nascimento – Fernando Brandt)

A dança africana é uma forma de expressão artística muito complexa, inserida num contexto dentro da sociedade africana e afro-descendente mundial. Sua força, beleza e vigor podem ser sentidos tanto no sapateado **Muchongoyo** de **Zimbabwe**, nas danças de máscaras **Geledé** na Nigéria, no samba e capoeira do Brasil, na rumba Cubana, nas danças dos saltitantes Zulus. A magia que une essas danças de lugares e povos tão diferentes pode ser chamada de um instinto de comunhão que une a raça negra espalhada pelo planeta, através de um vínculo ancestral por memória, epopéia e tradição oral.

No Brasil coube ao Candomblé, preservar a maior parte das danças sagradas africanas. No culto religioso a dança possui um papel fundamental, pois é ela que **RELIGA** o homem ao **SEU LADO DIVINO**, é a dança que leva a uma compreensão e comunhão com a Natureza, a Vida.

Existem duas correntes básicas que tentam explicar o aparecimento dos **Orixás**. Uma delas remonta a criação do Universo, a outra narra que os Orixás foram seres importantes, donos de grande poder em vida, que morreram de maneira incomum, tomando o caráter de um dos elementos da natureza. O Orixá **Xangô foi Rei de Oyó, o Orixá Oxóssi, rei de Ketu**.

Nas danças os Orixás mostram seu poder e suas histórias através dos movimentos:

- **Xangô, deus do fogo e da justiça, pode dançar com seu oxê, um machado de dupla ponta fazendo justiça na terra ou com o fogo que gera a vida;**
- **Os braços de Oxóssi, deus da caça, assemelham-se a flechas e suas pernas parecem cavalgar enquanto caça o alimento para a subsistência de seu povo;**
- **Oya-lansã, deusa dos ventos e da magia, espalha os ventos com seus braços e saia, numa dança guerreira e sensual;**
- **Oxum, deusa da beleza do ouro e das águas doces, banha-se nas águas dos rios enquanto penteia-se balançando suas pulseiras e olhando-se no espelho;**
- **Iemanjá, deusa-mãe dos Orixás, a senhora do mar, segura seus filhos queridos nos braços;**
- **Naná dança com o Ibiri carregando-o como se ninasse um bebê;**

- **Ogum, deus da guerra, da forja, segura suas duas espadas guerreiras em suas mãos: com a primeira mata seus inimigos, com a segunda limpa o sangue da primeira; etc.**

A dança negra reverencia as origens através da repetição dos gestos ancestrais que foram passados de pai para filho, mantendo viva a ligação com os antepassados que praticaram os mesmos gestos.

A dança africana possui **sete dimensões estéticas** que podem ser percebidas inclusive em técnicas modernas que se inspiraram na dança tradicional:

- **POLIRRITMIA** – *mostra que cada parte do corpo movimenta-se com um ritmo e com uma forma diferente, proporcionando o conhecimento do ritmo próprio e variante de cada aspecto da natureza.*
- **POLICENTRISMO** – *indica que há vários centros no corpo humano que dão impulso à dança, assim como no Universo existem vários centros energéticos.*
- **CURVILINEARIDADE** – *encontrada em várias danças e em vários movimentos, uma vez que ao círculo é conferido o poder sobrenatural, criando a estabilidade fora do tempo.*
- **DIMENSIONALIDADE** – *é entendida como a possibilidade de exprimir as várias camadas dos sentidos: olhar, ouvir que seria o lado externo dos movimentos ligados com uma outra dimensão mais interna e espiritual, sintetizada pela parte central do corpo.*
- **REPETIÇÃO** – *como forma de intensificar e provocar o caráter de atemporalidade, quando o gesto permanece o mesmo apesar do passar dos anos, e de continuação destes gestos no futuro.*
- **ASPECTO HOLÍSTICO** – *na dança os movimentos, as partes do corpo utilizadas, as roupas vestidas, a música, cada elemento têm um sentido próprio, porém juntos simbolizam algo outro. Uma dança realizada para uma simples diversão também pode remeter a outra coisa, numa corrente simbólica infinita.*
- **MEMÓRIA ÉPICA** – *é a história da tradição e da antiga harmonia da natureza, da época na qual não existiam diferenças, nem separações. Memória que têm que ser lembrada e fortalecida. (Asante; 1996:71)*

A dança tradicional africana gerou técnicas precisas de aprendizado na dança como a técnica de Katherine Dunham - baseada no folclore haitiano, Mundalai, o Jazz Norte-Americano e o Street Dance.

No Brasil, a dança negra não está mais vinculada apenas ao Candomblé. A **capoeira, samba, axé, os blocos de afoxé e carnavalescos bebem nas águas da dança tradicional e religiosa africana.**

A Profa. Dra. Inaicira Falcão da UNICAMP e coreógrafos como Pederneiras do Grupo Corpo em Benguelê, Firmino Pitanga com a Cia. Batá Kotô e Álvaro Juvenal com o grupo Okum têm pesquisado e anexado a dança tradicional negra aspectos da dança contemporânea, visando uma estética da dança brasileira e ao nosso ver têm obtido bons resultados.

A dança no candomblé é um dos caminhos que reintegra a energia cósmica do devoto ao seu Orixá de origem, portanto ao Orum, morada dos deuses que um dia de lá partiram para criar o nosso mundo, o Aiê.

COSMOGONIA IORUBANA: A CRIAÇÃO DO AIÊ

Para os religiosos dos cultos africanos e afro-brasileiros a representação mais perfeita do Universo é a Cabaça, tendo sua parte superior ligação com o Mundo Abstrato e sua parte inferior com o mundo concreto como nos afirma o itan Igba-nda Aiyé, revelado no odú Òtúrúpòn-Òwórin e reinterpretado no texto Igbadu, a Cabaça da Existência escrito por Awofá Ogbeara:

1. ESÉ NTAYÉ ODUDUA

Em tempos imemoriais todos os Orixás viviam com Olorum no Orun. Nesse plano perfeito nada faltava a eles, possuíam todo o conforto, iguarias e riquezas que qualquer um jamais supôs existir, porém havia um grande ócio no Mundo Diáfano. Grande Senhor do Universo para terminar com tal vagar resolveu criar um novo mundo onde criaturas seriam réplicas dos Deuses e para levar ao fim sua idéia precisaria da ajuda de seus filhos. Reuniu todos os **Orixás Funfun** contou-lhes seu plano e outorgou a cada um deles uma parte nessa missão. Seu primogênito foi encarregado de levar o **APO-IWA**, o *saco da existência*, até o **Orun-Oun-Aié** lugar onde o Orum encontra-se com o grande vazio do infinito para lá

criar o Aiê, porém **Obatalá** foi avisado pelo pai que não poderia consumir nenhum tipo de bebida fermentada durante o aquela missão. Para **Odùà**, sua filha, foi dito que nada precisaria fazer que apenas acompanhasse seu irmão e se submetesse as suas ordens, que se precisasse de alguma ajuda que a pedisse a **Elegbará**¹. Terminada a reunião **Obatalá** dirigiu-se à casa de Orunmilá – O Senhor do Destino – para saber do Poderoso Orixá o quão auspiciosa seria sua missão. O Babalaô disse-lhe que seria necessário fazer um sacrifício a Exú. Inconformado com o que ouvira o Orgulhoso Orixá Branco recusou-se a fazer tal sacrifício e partiu com outros Orixás Funfun para criar o Aiê. A distância para chegar ao Vazio a ser preenchido era longo e no caminho os Orixás conheceram o calor, o desconforto, as dificuldades, a sede - porque as provisões de água foram secando - e alguns desistiram de acompanhar o velho Oxalá e voltaram para o conforto do Orum.

Nesse momento Elegbará resolveu agir e testar o Grande Funfun, através de seus poderes mágicos adiantou-se ao Orixá e de uma de suas inúmeras cabacinhas retirou um pó mágico e colocou no caminho de Oxalufã uma **Palmeira Igui Opé**.

Vendo a palmeira Obatalá correu até ela, porém não encontrou água para saciar sua sede e num ato de insensatez cravou seu **opaxorô**² no tronco da palmeira colhendo com uma cabaça o sumo que dela escorria saciando a sede que o acometia. O sumo da palmeira possui um teor altamente alcoólico e o Orixá Funfun adormeceu embriagado. Os Orixás de tudo tentaram para acordar o Primogênito, porém ele dormia profundamente e cansados voltaram ao Orum. Exú vendo Oxalá sozinho e desacordado pegou o **apo-iwa** e voltou satisfeito e vingado ao Orum.

Oduvia aborrecida com seu irmão correu a seu Pai para contar sobre o fracasso do primogênito. Elegbara chegando em seguida confirma o caso - desde o ebó que o Funfun não ofertou até o desmaio - e devolve ao Pai o saco da existência.

O Senhor de Toda a Criação entregou então a **Odùà** a missão de criar o Aiê. Ela pediu para Exú acompanhá-la nessa aventura.

Como reza a tradição a filha de Olorum foi visitar Orunmilá para saber quais sacrifícios deveriam ser feitos para que concretiza-se seu fardo. O Senhor dos Destinos após jogar o Opelé diz a Princesa que sua missão seria bem sucedida, porém o trajeto de **Odùà** seria idêntico a morte, pois o mundo a ser criado seria composto por **matéria perecível**, e que um dia esse mundo seria habitado por criaturas feitas a imagem dos Orixás. O incorruptível e fiel **Orixá Iku** iria devolver à terra toda Criatura existente para que assim pudesse voltar a Olodumaré.

O reinado de Odùà sobre o Aiê seria regido pelo segundo odú: **Oyeku Meji**, caminho ligado a matéria saturada que só poderá voltar a um estado sutil através da morte. Para o sucesso de sua missão a Princesa doravante deveria **usar apenas roupas pretas**, deveria ofertar a Elegbara cinco galinhas de angola, cinco pombos, um camaleão, uma corrente com dois mil elos e para Olorum duzentos caracóis Igbín.

Odùà entregou a Exú as oferendas e ele devolveu uma galinha, um pombo, o camaleão e a corrente com um elo a menos para ela dizendo-lhe que deveria soltar os animais no meio do caminho e que não esquecesse de levar a corrente consigo. Depois de banhada com ervas ela dirigiu-se ao Pai para entregar-lhe os duzentos igbíns.

Olorum recebendo o presente guardou-o no apéré-odu e apercebeu-se de uma cabacinha contendo terra no apo-iwa, entregou-a a sua Filha junto com um caracol Igbín. Despediram-se e Odùà foi encontrar-se com os Orixás e Eboras que a esperavam para começar a caminhada.

Ogum foi abrindo o caminho e os Orixás chegaram ao Vazio Absoluto. **Odùà** soltou a pomba que espalhou o pó branco da primeira cabaça que estava no **Apo-iwa** e os ventos foram criados, **a Mãe de Vestes Negras** chamou **Oiá** e a ela concedeu o comando dos ventos. Da segunda cabacinha **Iyatémi** tirou um pó azul que jogou para baixo e que ao cair foi se transformando no caramujo **Igbín** que ia vertendo água até chegar às profundezas daquele abismo, **Iemanjá** e **Oxum** foram chamadas para cuidar das águas do mundo que estava sendo criado. A terceira cabaça continha um pó preto que a

¹ Elegbara é um dos muitos nomes ou qualidades de Exú.

² Um cajado feito de metal que mede aproximadamente 120 cm de altura. “É uma barra com um pássaro na extremidade superior, com discos metálicos inseridos horizontalmente em diferentes alturas, dos quais pedem pequenos objetos, sininhos redondos, sinos em forma de funil e moedas.” (Elbein; 1998:77)

galinha de Angola começou a ciscar espalhando terra por sobre os oceanos, a **Nanã**, a mais idosa dentre os Orixás, foi outorgada a lama. O pó da cabaça vermelha metamorfoseou-se no camaleão que soprava fogo sobre tudo o que estava criado, a Princesa deu a **Iná, Aganju e Xangô** o poder sobre o fogo. **Odùà** pegou a última cabaça que Olorum lhe entregou e amarrando a corrente de **mil novecentos e noventa e nove elos** na borda do abismo desceu para o desconhecido que acabara de ser concebido. Ao tocar o solo imprimiu ao mundo sua marca de **Esé Ntayé Odudua**, soprou o pó da última cabaça e a terra foi espalhada pelos animais... Estava criado o Aiê.

4.2 A CRIAÇÃO DOS ARA-AIYÉ: O SOPRO DE ORIXALÁ

Obatalá despertando sozinho de seu sono percebeu-se sem o saco da existência, arrependido, logrado e envergonhado voltou ao Orum para desculpar-se com seu Pai. Olorum perdoou o filho e concedeu-lhe a qualidade de **Alabaxé**, o Senhor que possui a poder da realização, para que possa insuflar o sopro da divindade no homem. Explica-lhe o Mais Antigo dos Antigos que a criação no Aiê ainda não estava completa, faltava criar um ser imagem e semelhança dos Orixás. Tal criatura deveria ter um corpo divinizado, que seria criado por **Baba Ajalá – o artesão divino** - e um corpo material modelado com lama de **Odùà**. O homem possuiria então um corpo físico proveniente da matéria da qual cada Orixá detinha o poder e um corpo sutil que retornaria ao Orum após a morte no Aiê. **Obatalá** junto as criaturas modeladas por Ajalá rumaram para a Terra. **Odudua** soube através de Exú que seu irmão estava rumando para o **Aiê** junto a criaturas diferentes e enviou Exú como seu embaixador para saber as intenções de **Oxalá**. Em seguida foi consultar **Orunmilá** e sob sua orientação foi instruída a encontrar seu irmão, sozinha e levar consigo a grande cabaça na qual guardara as pequenas cabacinhas do dia da criação do Aiê, deveria convencer o **Primogênito** a cultivar a cabaça e fazer um sacrifício de quatrocentos igbins. **A Mãe de Vestes Negras e o Senhor de Brancas Vestes** encontraram-se e depois de muitas discussões chegaram ao tal acordo, então **Odùà** pegou a grande cabaça e juntou suas duas partes. A parte de cima foi pintada de branco, **representando a origem divina da criação e a debaixo foi pintada de preto, representando o mundo material**. A grande cabaça recebeu o nome de **Igbadú** e **dentro dela estão reunidos todos os segredos pertinentes a criação do Universo**. **Obatalá** tomou **Odùà** como esposa e assim o destino da criação do homem foi selado. A lama para a confecção do corpo material do homem foi tirada por **Ikú**, que desde então ficou **encarregado de devolver o homem a terra de onde veio, não podendo o Orixá jamais fixar-se em algum lugar do planeta**. A **Olugama** foi dada a tarefa de modelar o corpo humano com material idêntico aos corpos confeccionados por **Ajalá** no Orum. Depois de tudo pronto **Oxalá** soprou o **EMI** sobre eles e transformaram-se em **Ara-aiyés**, homens e mulheres que povoaram a terra e procriaram... Seguiu-se um longo tempo de paz. **Obatalá** e seu séquito estabeleceram-se num lugar chamado **Idítaa**, construindo ali uma grande cidade cercada por muralhas. **Odùà** fundou **Ilé Ifé**, a Terra do Amor (Nigéria).

4.3 DIVERGÊNCIAS

Outra interpretação do itan **Igba-Nda Aiyé** versa que **Odùà** saiu do Orum depois de **Orixalá** devido os sacrifícios indicados pelos Babalaôs. Terminados os ebós a Princesa partiu ao encontro de seu irmão e o encontrou desmaiado, pegou o apo-iwa e voltou ao Orum para entregá-lo a Olorum, este lhe devolveu o saco e outorgou-lhe a missão de criar o Aiê. Nesta versão **Orunmilá** têm o papel fundamental de **mediador, equilibrando e apascentando as divergências entre os irmãos para que o Universo possa continuar a existir**. (Elbein; 1998:60)

Uma versão da Gênese africana³ narra que Olorum - um aglomerado de ar – ao iniciar seu manso movimento converteu-se em água e gerou **Orixalá**. Da conjunção do ar e da água originou-se a lama, **Odudua**. A lama gerou uma bolha que recebeu o sopro de **Oxalá** transformando-se na primeira forma individualizada, o primeiro nascido na existência: **Exú Yangi**. Uma versão recolhida por Prandi (2001:380) concede a **Iemanjá** o papel de genitora ancestral:

**“Olodumare-Olofim vivia só no Infinito,
cercado apenas de fogo, chamas e vapores,
onde quase nem podia caminhar.**

³ Recitada e traduzida por David Agboola Adenjii para Juana Elbein (1998:59).

**Cansado desse seu universo tenebroso,
 cansado de não ter com quem falar,
 cansado de não ter com quem brigar,
 decidiu pôr fim àquela situação.
 Libertou as suas forças e a violência
 delas fez jorrar uma tormenta de águas.
 As águas debateram-se com rochas que nasciam
 e abriram no chão profundas e grandes cavidades.
 A água encheu as fendas ocas,
 fazendo-se mares e oceanos,
 em cujas profundezas Olocum foi habitar.
 Do que sobrou da inundação se fez a terra.
 Na superfície do mar, junto à terra,
 ali tomou seu reino lemanjá,
 com suas algas e estrelas-do-mar,
 peixes, corais, conchas, madrepérolas.
 Ali nasceu lemanjá em prata e azul,
 coroada pelo arco-íris Oxumarê.
 Olodumare e lemanjá, a mãe dos orixás,
 dominaram o fogo no fundo da Terra
 e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões,
 por onde ainda respira o fogo aprisionado.
 O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram
 e com suas cinzas Orixá Ocô fertilizou os campos,
 propiciando o nascimento de ervas, frutos,
 árvores, bosques, florestas,
 que se foram dados aos cuidados de Ossaim.
 Nos lugares onde as cinzas foram escassas,
 nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste,
 que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.
 lemanjá encantou-se com a Terra
 e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas.
 Assim surgiu Oxum, dona das águas doces.
 Quando tudo estava feito
 e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de lemanjá,
 Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum,
 criou o ser humano.
 E o ser humano povoou a Terra.
 E os orixás pelos humanos foram celebrados.”**

4.4 CONSIDERAÇÕES METAFÍSICAS.

O Mundo Abstrato ou Orum, muitas vezes confundido com o conceito de Céu (Católico Apostólico Romano) – é um mundo não material e diáfano subdividido em nove espaços sutis que envolvem o Aiê (Ayié), mundo concreto. Tudo o que existe no Aiê possui réplica no Orum e, este duplo existiu, existe ou existirá num dos Nove Espaços do Orum, lá residem todas as entidades sobrenaturais do panteão afro-religioso. (Escada & Filho; 2001:18)

Olorum, Senhor Supremo de toda a Criação, Oba Òrun⁴ está sentado sobre um àpéré, uma almofada - no qual tudo o que constitui e representa o Universo – o iwá, àsé e àbá⁶ - está contido. Olorum emanou

⁴ Rei do Orum.

⁶ São as três forças que possibilitam e regulam toda a existência no Orun e no Ayié.

IWÁ = poder que permite a existência genérica (àpò-iwà) é veiculado pelo ar e pela respiração;

ÀSE = poder que permite a realização genérica, veiculada pelo sangue (branco, vermelho ou preto);

ÀBÁ = poder da intenção que veicula o àse. (Elbein; 1998: 72)

Obatalá – seu primogênito, Odùà, Exú, Orunmilá e todos os outros Orixás. Obatalá representa o Princípio Masculino e Ativo da Criação, Odùà seu contrário: Princípio Feminino, Passivo da Criação e Exú o Princípio Neutro, o filho. São considerados junto a outras divindades emanadas por Olorum de Orixás Funfun ou Orixás que usam Branco, lembremos que o branco é a cor usada para o luto entre os africanos, é o branco que sintetiza o princípio do retorno ao orun, paz e a harmonia do Mundos Divinizados.

“O branco é a cor da morte e, assim, dos iniciados os quais têm ainda de nascer.”

(Susanna Barbara; 1995:51)

O branco representa uns dos aspectos do axé da criação masculino-feminino que possui na água de caracol uma de suas maiores representações: gozo masculino e feminino no momento do orgasmo, o grifo é nosso. Os Orixás Funfun são os progenitores ancestrais masculinos, os quatrocentos Irunmalês da Direita. Os Irunmalês são Orixás e entidades mitificadas que datam da criação do universo, “Igbà iwà sé, nos tempos que em que a existência se originou”, segundo Elbein. (Elbein, 1998:74). Seus axé foram transferidos pelo próprio Olorum. De Olorum também foram emanados os duzentos Irunmalês da esquerda, os Eboras⁷ e os ancestrais humanos que são cultuados – em culto à parte do Candomblé - como Eguns ou Egunguns, considerados os antepassados míticos africanos. **Os Eboras representam o poder gerador feminino e seus filhos liderados por Odùà, então considerada simbolicamente como a parte inferior de Igbadu.** A cabaça da existência Igbadu aos nossos olhos remetem dentre muitas representações o ventre feminino fecundado e gerador de vida, no qual a parte de cima que possui a ligação com o Orum é análoga ao cordão umbilical e a parte debaixo, o Aiyé com o útero. Johnson citado em Elbein exclama:

“O igbadú é uma cabaça coberta contendo quatro pequenos recipientes feitos da casca de noz do coco cortada ao meio e que contêm, além de algo desconhecido para o não-iniciado, um pouco de lama num, um pouco de carvão noutro, um pouco de giz noutro e ainda num outro um pouco de pó vermelho da árvore African Rosewood – cada um deles destinado a representar certos atributos divinos e que, com recipientes que os contêm, representam os quatro Odù principais – *Eji Ogbè, Òyèkún Meji, Ibara Meji e Edi Meji*”.

(Elbein, 1998:66)

Não caberia no presente ensaio aprofundarmos nos referidos Odús, haja vista existir ampla bibliografia sobre o tema, porém faz-se mister citá-los e dar uma breve explanação sobre os mesmos no oráculo de Ifá e os Orixás que compreendem parte do poder desses odús.

Ejìogbe é o primeiro odú do oráculo de Ifá e o oitavo no jogos de búzios, quer dizer “o *primogênito*” possui relação com os Orixás *Oxaguiã*, todos os *Jagum, Oiá, Odé e Oxum*.

Oyèkúmeji é o segundo odú no oráculo de Ifá, quer dizer “duas vezes fazendeiro ou duas vezes na cidade de Oko” está intimamente ligado aos Ibeji, Ogum e Olókun.

Iworimeji é o terceiro odú de Ifá e também o terceiro no jogo de búzios, relacionado ao aparecimento de Ogum.

Odímeiji, o quarto odú do oráculo de Ifá e o sétimo no jogo de búzios: “o avesso, o contrário” é respondido por **Exú, os Abicu, Omulu, Oxum Opará e Oxalufã**. (Escada & Filho, 2001:98)

A Cabaça da Existência contêm os mesmo três princípios contidos no *àpèré* de Olorum, **Iwá, Àse, Àbá** que correspondem aos três tipos de sangue⁸ usados nas cerimônias africano-brasileiras religiosas mais um quarto elemento, **a lama ou Exú:** a primeira forma de existência individualizada.

Capítulo 5: GRANDES MÃES OU FEITICEIRAS?

⁷ O termo **Ebora** não é usado constantemente no Brasil, considerando-se todos **Irunmalês** como Orixás e distinguindo-os como **Irunmalês** da direita ou esquerda.

⁸ Os portadores do Axé são: o sangue branco, vermelho e preto encontrados nos reinos mineral, vegetal e animal. O sangue branco compreende as secreções, seiva de plantas, prata, sais minerais, etc. O sangue vermelho equivale ao sangue humano ou animal, azeite de dendê, mel, o cobre, etc. O sangue preto as cinzas, sumo escuro de vegetais, carvão, etc.

Divindades femininas do panteão iorubano: as Iyami.

A palavra **Iyami** é iorubana e traduzida significa **Minha Mãe**, portanto reporta-se aos **Irunmalês da Esquerda** ou **Eboras, genitoras de toda a raça humana, nossas mães ancestrais**.

Através dos mitos recolhidos percebemos as várias faces das divindades femininas individualizadas. Notamos que algumas dessas estórias são muito antigas, possivelmente do período **neolítico**, anteriores a descoberta do papel masculino na procriação, haja vista muitas deusas terem concebidos seus filhos através de **ebós** (sacrifícios ou oferendas) ou simplesmente serem filhos só da mãe com uma entidade sobrenatural, normalmente **Obatalá**.

O antropólogo Jacques Dupuis (1989:12) ao comparar várias mitologias afirma-nos sobre o papel da mulher na **Proto-História**:

“As mulheres eram então consideradas depositárias de uma ciência oculta, transmitida desde tempos imemoriais até as últimas gerações de magas”.

O poder divino que as orixás possuem e como o usam, estão ligados aos portadores do **Axé**: a água através do **líquido amniótico (sangue branco)**, o fogo através do **sangue menstrual (sangue vermelho)** e a terra **através do óvulo e da placenta (sangue preto)**, daí sua ligação com a feitiçaria.

5.1 IYAMI AKÔKO: OXUM

“Oxum, mãe de clareza

Graça clara

Mãe de clareza.

Enfeita seu filho com bronze

Fabrica fortuna na água

Cria crianças no rio.

Brinca com seus braceletes

Colhe e acolhe segredos...

Fêmea força que não se afronta

Fêmea de quem macho foge.

Na água funda se assenta profunda

Na fundura da água que corre.

Oxum do seio cheio

Ora leiê, me proteja

És o que tenho –

Me receba”.

(Risério;1996:151)

Oxum, a divindade que guarda o rio de mesmo nome nas águas nigerianas de **Ijexá e Ijebu**, é a **labá** mais **encantadora, vaidosa, elegante, astuta e inteligente da mitologia iorubana**.

Em algumas lendas é considerada a primeira filha de lemanjá:

A Mãe das Águas não conseguia conceber e os babalaôs¹ pediram que fizesse um ebó no rio a cada cinco dias acompanhada de crianças e que levasse à cabeça um pote branco, onde colocaria água fresca para beber e se banhar. lemanjá após engravidar continuou a fazer as obrigações pedidas pelos adivinhos, certo dia sentindo as contrações do parto, despediu-se das crianças e pariu **Oxum sozinha**.

No terceiro dia de sua existência o umbigo da pequena **Oxum** começou a sangrar e de nada valeram os cuidados da mãe para estancar tal quantidade de sangue. Mais uma vez, o oráculo foi consultado e aconselhou lemanjá a banhar a criança na água fria e procurar **Ogum**.

O Senhor da forja pronto a ajudar foi ter com Ossaim² e a pedido deste colheu um tipo de erva e a macerou com pimenta verde e o entregou a **lemanjá**, o remédio de **Ogum** curou a pequena **Oxum**. A **primeira filha de lemanjá cresceu sadia e exuberante**. (Prandi; 2001:340)

¹ Babalaô ou Babalawo (ioruba; de Baba, pai e Awo, segredo; portanto Pai do segredo). Sacerdote do culto de Ifá.

² Ossaim ou Ossanha, orixá das folhas e ervas.

Outra estória conta que apesar de **Iemanjá** ser esposa de **Oxalá**, teve um envolvimento com **Orunmilá**. O senhor dos adivinhos desconfiado que a filha recém nascida da **labá** fosse fruto de sua paixão, pediu a seu amigo **Exú** que visitasse Iemanjá e verificasse se a menina possuía algum sinal na cabeça. O astuto **Exú** viu na cabeça da menina o sinal de **Orunmilá** e a levou para ser criada pelo pai. Orgulhoso da criança satisfez todas as suas vontades. **Oxum**, a filha querida de **Orunmilá**, cresceu vaidosa e caprichosa. (Prandi; 2001:320).

Elbein (1998: 85) afirma ser **Oxum a Grande Mãe Ancestral Suprema**:

“No tempo a criação, quando Òsun estava vindo das profundezas do òrun, Olódùmaré confiou-lhe o poder de zelar por cada uma das crianças criadas por Òrisà que iriam nascer na terra. Òsun seria a provedora de crianças. Ela deveria fazer com que as crianças permanecessem no ventre de suas mães, assegurando-lhes medicamentos e tratamentos apropriados para evitar abortos e contratempos antes do nascimento; mesmo depois de nascida a criança, até ela não estar dotada de razão e não estar falando sua língua, o desenvolvimento e a obtenção de sua inteligência estariam sob o cuidado de Òsun”.

É nítido na narrativa acima seu poder de **Iyami Akòko**, haja vista as crianças serem **Eboras** filhos, primeiros habitantes do Aiyé representados também nas penas de **ekodidé**. Outras lendas narram que Oxum criou **Oyá** e os **Ibejis** (conhecidos vulgarmente como Cosme e Damião), filhos de Iansã, porém a grandeza de seu terrível poder e a íntima relação que possui com a fertilidade é notado no itan referente ao nascimento do odú **Osetuwa**, encontrado em Verger (1997:174), Ogbeara (1998: 63), Elbein (1998:150) e Prandi (2001: 345).

No início dos tempos quando os Orixás criaram o Aiê, os **Irunmalês da Direita** reuniam-se para discutir e tomar decisões secretas sobre o planeta e vedavam as Orixás mulheres participarem de tais assembléias. A formosa Oxum inconformada com tal atitude resolveu vingar-se usando seus poderes de **Iyami Ajé**: rogou uma praga deixando as mulheres e fêmeas que habitavam o Aiê estéreis e de nada valiam as tentativas masculinas de procriação - sem a magia feminina nenhuma vida humana poderia fecundar e toda vida sobre a Terra iria extinguir-se.

Os Orixás masculinos foram consultar **Olodumaré** preocupados que estavam com sua descendência. O Pai de Todos soube da confraria masculina, da exclusão das mulheres nas decisões e da atitude de Oxum. Aconselhou os Orixás a pedirem desculpas a ela, pois Iyami Akòko é a Senhora Geradora da Vida, Feiticeira e Mãe Ancestral Suprema. Ainda ressentida Iyami Ajé respondeu que só retiraria tal praga se a criança gerada em suas entranhas fosse do sexo masculino. Os Orixás a conselho de Orunmilá estenderam seu axé ao ventre de Oxum que pariu um menino gerado pela magia: **Akin Osó**, o grande feiticeiro. Batizado por Ifá tornou-se o décimo sétimo odú: **Osetuwa**.

Como Senhora das Águas Doces transformou-se em peixe para firmar um pacto com **Laro**, primeiro Rei de **Oxogbô**, para que sua descendência fosse próspera e seu reinado feliz (Verger; 1997:175), portanto representa também um peixe mítico e todos os peixes são considerados seus filhos.

É a senhora do **ekodidé**, uma representação dos **Eboras** filhos como percebemos nesta lenda:

Oxalá sendo um Orixá Branco têm por **ewó** (proibição) o sangue. Uma de suas mulheres, filha de Oxum, tinha por obrigação cuidar dos paramentos e ferramentas do Senhor da Paz. As outras duas mulheres com inveja da esposa dedicada resolveram prejudicar sua rival criando varias situações, porém a filha de Oxum resolveu bem todas elas, inclusive a da coroa de Oxalá que foi jogada no mar e depois encontrada na barriga do peixe que ela comprou. Não desistindo, as invejosas armaram um derradeiro golpe, durante a festa de Oxalá quando a filha de Oxum levantou-se para pegar a coroa do Rei, as invejosas colocaram um preparado mágico no assento. Ao sentar-se a esposa preferida sentiu algo quente e pegajoso...Era sangue, a única proibição do Orixá. Oxalá expulsou-a do castelo.

Com misericórdia de sua filha, Oxum recolheu-a e dela tratou banhando-a e vestindo-a. Ao ir limpar a bacia do banho, a poderosa mãe dos segredos percebeu que não havia mais sangue, só penas de um raríssimo papagaio-da-costa africano, penas **edidé** (ou **ekodidé**). Essas penas eram tão raras que o próprio Oxalá não as possuía. A sábia Mãe enfeitou sua filha com as preciosas penas e fê-la participar das festas. O Senhor da Paz sabendo que Oxum era proprietária de tais penas foi até sua casa e lá

encontrou sua esposa, que foi perdoada e em homenagem a esse episódio o único paramento vermelho de Oxalá é a pena do ekodidé. (Prandi; 2001:329)

No livro *Por que Oxalá usa ekodidé*, existem pequenas divergências do conto acima, a protagonista tem nome **Omon Oxum**. Ela é uma senhora que possui uma filha adotiva que ajuda a destrinchar o sumiço da coroa de Oxalá. Três são as mulheres invejosas e o sangue que escorre de **Omon Oxum** é fruto de seu esforço para ficar em pé perante o Rei – apesar da clara alusão ao sangue menstrual. **Omon Oxum** após sair do castelo de Oxalá pede auxílio a **Exú, Ogum e Oxóssi** – notemos que todos são Orixás masculinos e sendo homens não conhecem o sangue menstrual - que nada fazem. **Oxum** a acolhe e das feridas de **Omon Oxum** saem as penas de **ekodidé**. O desenrolar dos fatos é igual em ambos os mitos. (Santos: 1997)

Oxum é Eleyê, Mãe que detêm o poder de transformar-se em pássaro. **Metamorfoseou-se num pombo para fugir da clausura imposta por Xangô**. (Prandi; 2001:332)

Um mito cubano conta que os Orixás pretendiam destronar **Olodumaré**. **Olorum** sabendo de tal heresia tornou a terra seca fazendo com que não chovesse no Aiê. A **Ajé** transformou-se num pavão e resolveu ir a **Olodumaré**, que morava no **Orum**, levar o pedido dos já arrependidos Orixás. Todos os Orixás dela zombaram: como poderia tão frágil criatura chegar ao Pai?

Determinada, Oxum começou a voar e subir cada vez mais alto no céu, o Sol queimou-lhe as belas asas coloridas tornando-as negras e da sua cabeça enfeitada nada restou, mas ela não desistia e subia cada vez mais alto até que chegou ao Orum. Olorum compadecido perante tal sacrifício perdoou os Orixás, os homens e deu para **Oxum**, transformada num **abutre**, a chuva que fertiliza a Terra. Fez do abutre seu mensageiro, pois **só ele pode voar até a infundável distância de Olodumaré**. (Prandi; 2001:341)

Com este relato mais uma vez reafirmamos a ligação de **Oxum com a fertilidade e continuidade da vida**, descendência priorizada pelos africanos e afro-descendentes. **O ovo das aves, célula geradora de vida é seu símbolo, bem como de todas as Iyami Agba**.

Notamos que a partir de seu nascimento possui o poder do sangue vermelho da menstruação, da fertilidade e do parto. Protetora das grávidas e das crianças recém nascidas é conhecida como **Olutóju Awón Omo** (*senhora que vigia e guarda todas as crianças*) e **Alàwòyè Omo**, (mãe que cura as crianças).

O conhecimento sobre o destino dos homens e dos deuses era vedado às mulheres, apenas os babalaôs podiam jogar o **Opelé Ifá**, as mulheres puderam aprender os odús principais para poderem cultuar os Orixás graças a **Oxum**. Em conto citado por Prandi (2001:337) encontramos a seguinte versão:

Obatalá tendo aprendido com **Orunmilá** os jogos que podem ver o destino de cada Ser, foi banhar-se no rio. Exú que por ali passava, muito brincalhão roubou as roupas do Rei e saiu. **Oxum** que pelos rios andava vendo o Rei em situação tão delicada resolveu ajudá-lo. O Rei Nú conhecendo muito bem o gênio do alegre **Exú** desdenhou do poder da Doce Senhora em conseguir convencê-lo a devolver suas roupas, a determinada **Oxum** então fez um pacto com o Poderoso Orixá. A Dona do Mel depois de muito procurar, encontrou **Exú** numa encruzilhada comendo seus ebós. Quando viu **Oxum**, o esperto orixá ficou teso de desejo e quis possuí-la. A formosa **labá** impôs a condição de que **Exú** devolvesse em trocas as roupas de **Obatalá**, e assim ambos entregaram-se. A astuta Orixá entregou as roupas de **Obatalá** que como prometido lhe ensinou o **Jogo de Búzios e Obis**, “desde então Oxum têm também o segredo do oráculo” que compreende os dezesseis odús principais do Opelé Ifá.

Outra estória ligando Oxum e Exú ao jogo de búzios versa:

“Ifá ordenou que Èsù o serviria como escravo durante dezesseis anos. Então, Ifá mandou Èsù procurar dezesseis cocos de dendê e ele foi, só que ao mesmo tempo em que achava os cocos de dendê, ele ia descobrindo o segredo dos mesmos, um por um; sendo assim, Èsù passou a auxiliar **Òrunmilá** em seu sistema, assim **Òrúmmilá** passou a precisar de um ajudante e delegou **Òsún** como sendo a sua primeira ajudante, ou ainda a sua primeira **Apetebi**. Desta forma, o povo passou a procurá-la e **Òsún** se queixou a Ifá, que lhe ensinou os segredos dos dezesseis principais odú e lhe preparou dezesseis búzios, e, em paralelo, ordenou que Èsù respondesse naqueles búzios. Este, revoltado, disse que só responderia caso todos os sacrifícios determinados pelo oráculo dos búzios passassem também a ser dados a ele, até mesmo os que eram determinados a outro òrìsà, dos quais passou a tirar a sua parte como forma de pagamento do trato feito.” (Escada & Filho; 2001:79)

Iyalode, justa homenagem a **Oxum**, é um título conferido à pessoa que ocupa cargo mais importante entre as mulheres da cidade, sendo consultada nos grandes momentos de discórdias nas comunidades africanas.

Oxum representa Nossa Mãe Ancestral Suprema esta associada a Iyami Agba, as veneráveis mães e Iyami Ajé, as mães da fortuna e da felicidade.

5.2 IYAMI ALÁKÒKO: OIÁ - IANSÃ

Dona de minha cabeça

“Ê ê epa, Oiá ô.
Grande mãe.
Iá, ô.
Beleza preta
No ventre do vento.
Dona do vento que desgrenha as brenhas
Dona do vento que despenteia os campos

Amor de Xangô...
Toma conta de mim.” (Risério; 1996:148)

Filha de Oxum, segundo um mito cubano, nasceu dentro das águas. (Prandi; 2001:295) Susanna Barbara (1995:104) narra-nos uma lenda por ela recolhida, que confirma a maternidade de Oxum:

“Um dia Oxum, que queria tanto ter uma filha mulher, botou uma galinha-d’angola num quarto e, depois de ter feito várias obrigações, no nono dia nasceu Oiá”.

Em homenagem a Oxum, aqueles que tem **Oiá** como protetora muitas vezes usam no **ileke** (colar de contas) uma pedra amarela e o resto das contas vermelhas. Outras lendas contam que foi criada por Odé, aprendendo com ele a arte da caça e dele ganhando **erukere** (rabo de cavalo), símbolo de realeza e poder sobre os espíritos da floresta. Oiá é a divindade do rio Níger, em iorubá Odò Oya. Foi casada com Ogum (Divindade do Ferro e da Forja) de quem recebeu um Ida, espécie de sabre, depois se uniu a Xangô. Conta um dos mitos que Ogum furioso perseguiu os amantes e encontrando Oiá “trocou golpes de varas mágicas” partindo-a em nove pedaços, uma alusão aos nove braços do rio Níger. (Verger; 1997:168)

O sopro de Iansã, muitas vezes é chamado de vento da morte, pois traz consigo maus presságios, o conto a seguir confirma tal qualidade. Iansã ajudava Ogum na forja soprando o fogo, assim, os armamentos que o ferreiro confeccionava para o guerreiro Oxaguiã ficavam prontos mais rapidamente. O Jovem Oxalá enamorou-se de Oiá, levando-a para morar em seu castelo. Tendo eclodido outra guerra, Oxaguiã precisou novamente dos serviços de Ogum, porém as armas demoravam demais a ficarem prontas. Oiá resolveu então avivar a forja e soprava em direção da casa de Ogum, “E o povo se acostumou com o sopro de Oyá cruzando os ares e logo o chamou de vento”. A guerra piorava e Iansã assoprava cada vez mais forte “Tão forte que destruía tudo no caminho, levando casas, arrancando árvores, arrasando cidades e aldeias. O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oya e o povo chamava isso de tempestade”. (Prandi; 2001: 304)

O marido vermelho de Oiá é Xangô, que possui entre suas qualidades o Fogo, assim sendo, Oiá torna-se o princípio feminino do fogo:

“Foi a primeira mulher de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Conta uma lenda que Xangô enviou-a em missão na terra dos baribas, afim de buscar um preparado que, uma vez ingerido, lhe permitiria lançar fogo e chamas pela boca e pelo nariz. Oiá desobedecendo às instruções do esposo, experimentou esse preparado, tornando-se também capaz de cuspir fogo, para grande desgosto de Xangô, que desejava guardar só para si esse terrível poder”. (Verger; 1997:168)

Ogbebara (1998:115) afirma que **Obá** foi a primeira esposa de Xangô, Oiá sua segunda esposa e Oxum a terceira:

“Primeiro é necessário que conquistes o amor de Obá. Depois deves casar-te oficialmente com ela... Isto feito, deverás casar-te oficialmente, com outras duas labás...”

Como Obá representa o princípio arcaico do fogo e também é **patrona ancestrale dos egunguns**, como veremos adiante, concordamos com a coerência na afirmação de Ogbebara.

Outra estória conta que Oiá queria ser mãe, mas não conseguia engravidar. Xangô estuprou-a e dessa violência nasceram os oitos filhos da labá, porém seus filhos eram mudos. A mãe dos ventos fez oferendas e tempos depois nasceu seu nono filho que não era mudo, contudo possuía uma voz gutural, grave, profunda...

“Esse filho foi Egúngún, o antepassado que fundou cada família. Foi Egúngún, o ancestral que fundou cada cidade. Hoje, quando Egúngún volta para dançar entre seus descendentes, usando suas ricas máscaras e roupas coloridas, somente diante de uma mulher ele se curva. Somente diante de Oiá se curva Egúngún”. (Prandi; 2001:309)

Soberana entre os mortos e os ancestrais como **Oiá Igbalé**, a lansã do oriki *iyá-mesan-òrun*³. É homenageada também como

“Alákòko, dona do òpákòko, tronco ou ramo da árvore akòko; tronco ritual que liga os 9 espaços do orun ao aiyé”. (Elbein; 1998:58).

lansã também domina a magia, têm o poder de transformar-se em **búfalo e elefante**, conforme nos afirmam duas estórias.

No primeiro episódio Ogum estava a caçando quando avistou um búfalo, enquanto se preparava para abatê-lo, o búfalo transformou-se numa linda mulher. Sem perceber que estava sendo observada Oiá escondeu a pele do búfalo na mata e saiu para o mercado. Ogum enamorado de tal beleza pegou para si a pele e correu a pedir lansã em casamento. Ela recusou e fugiu para o mato atrás de sua pele. Nada encontrando e desconfiada de Ogum ter escondido sua pele, aceitou o pedido de casamento, porém impôs uma condição: que ninguém soubesse sobre seu lado animal. Tempo depois, embriagado, Ogum contou a suas outras esposas o segredo de Oiá. Numa ausência de Ogum, suas concubinas tripudiaram lansã com canções que aludiam ao seu lado animal e sobre o esconderijo da pele do búfalo. Oiá encontrando sua pele transformou-se novamente em búfalo fugindo de Ogum, matando as outras esposas dele e deixando seus chifres para que seus filhos os esfregassem quando em perigo, pois assim ela viria ajudá-los. (Verger; 1997:169)

No segundo caso **Oiá** para fugir do assédio de **Odulecê**, seu pai adotivo, fugiu de casa desesperada. Tal infortúnio trouxe a tona seus poderes:

“ e ela transformou-se em pedra, em madeira e em cacho de dendê. Mas seu pai continuava a perseguição. Desesperada, Oiá transforma-se num grande elefante branco, que atacou Odulecê...” (Prandi; 2001:302)

lansã é guerreira e companheira, **a mãe que não abandona seus filhos nos momentos de aflição**, porém quando percebe-se lograda usa seus poderes de feiticeira para punir aqueles que causaram tais malefícios a si ou a seus filhos.

5.3 IYA OGBE: OBÁ

“Obà da sociedade E’léékò

Guardiã da esquerda

Anciã guardiã da sociedade E’léékò

Guardiã da esquerda

Ritual do mistério é entendido por Obà

Anciã guardiã da sociedade E’léékò

Guardiã da esquerda.”(Elbein; 1998: 118)

³ Mãe dos nove espaços do Orum.

Obá é a divindade do rio de mesmo nome, seu poder esta presente em todos os lugares onde o rio encontra o mar. **Solitária e nada vaidosa é independente, revolucionária e contestadora. De natureza rancorosa, belicosa, irascível**, como Oiá, é guerreira e derrotou quase todos os Orixás em lutas, menos Ogum que aconselhado pelos babalaôs fez uma oferenda em forma de pasta, como nos informa Prandi (2001:314):

“...e depositou o ebó num canto do lugar onde lutariam. Chegada a hora, Obá, em tom desafiador, começou a dominar a luta. Ogum levou-a ao local onde estava a oferenda. Obá pisou no ebó, escorregou e caiu. Ogum aproveitou-se da queda de Obá, num lance rápido tirou-lhe os panos e a possuiu ali mesmo, tornando-se, assim, seu primeiro homem.”

Ogbebara (1998: 115) diverge relatando-nos que **Obá** era virgem e seu primeiro amor foi **Xangô**:

“- Diga-me então, Orumilá, o que devo fazer pôr fim a esta situação tão angustiante – perguntou Xangô”.

- Deves conquistar o amor de Obá. Ela não conhece o amor, jamais foi cortejada por qualquer homem e, tenho certeza, de que não resistirá aos teus encantos – explicou Orumilá... Depois deve casar-te oficialmente com ela...”

Outra discordância é encontrada em Verger (1997:186), que afirma ser **Obá** a terceira e mais velha esposa de Xangô.

“... foi a terceira mulher de Xangô. Como as duas primeiras, Oiá e Oxum, ela foi também mulher de Ogum segundo uma lenda de Ifá...”

A lenda a qual Verger se refere é a mesma citada por Prandi, que transcrevemos no segundo parágrafo. Obá é o princípio arcaico do fogo que precisou ser dominado para a raça humana constituir-se numa sociedade organizada.

O episódio mais conhecido da labá é o da perda de sua orelha.

Obá percebendo que Xangô não a procurava pede a Oxum que lhe ensine uma forma de reconquistar a atenção do poderoso Rei. A lá dos feitiços, por troça, diz a ela para fazer uma comida preparada com sua orelha, pois assim conseguiria a preferência de Xangô. Ingênua, segue à risca as instruções de Oxum. Ao servir tal iguaria, seu marido percebendo tamanha excentricidade sente-se ofendido e a expulsa de seu palácio. Enganada por Oxum, humilhada e banida por Xangô, Obá fugiu para as margens do rio, passando a nutrir um ódio por si mesma e por todos. A única razão de viver era a esperança de um dia reconciliar-se com Xangô. Num dia de tempestade, depois da morte de Xangô, Obá atirou-se num tronco em chamas que fora atingido por um raio sendo totalmente consumida pelo fogo, retornando ao Orún de mãos dadas com Xangô e Oiá.

“Obá, sacrificando-se no fogo, renovava os votos de união eterna com seu grande amor”.

Ogbebara (1998:167)

Obá é **Iyá Egbe**, (senhora dos espíritos ancestrais femininos) e líder da sociedade secreta Eleeko, conforme Elbein:

“Pouco se sabe sobre a sociedade E’lèèkò. Assim como Odù, Òsun, Yémánjá e Nàná encabeçam a sociedade Gèlèdè, Obà encabeça a sociedade E’lèèkò. Não temos conhecimento da existência de um tal egbé no Brasil, se bem que seu título principal de Iyá-egbé é o que ostenta a chefe de comunidade feminina nos ‘terreiros’ lésé egún. Por outro lado, Obà, representação coletiva dos ancestrais femininos venerados nessa sociedade, é cultuada nos ‘terreiros’ lésè òrìsà.” (Elbein; 1998:117)

Ou seja, **Iyá Egbe** é o título supremo dado às mulheres no culto **Egungum**⁴.

⁴ Culto aos mortos, aos ancestrais. **Os Egungun ou Eguns** possuem um culto separado do candomblé, os terreiros mais famosos foram fundados por volta do início do século XIX, são eles: terreiro de Vera Cruz, Terreiro de

Ogbebara (1998:106) cita **Obá** como fundadora da ordem secreta **Geledé** relatando:

“Obá, embora não fosse diretamente atingida pelos acontecimentos, na medida em que não se submetera jamais a qualquer homem, pressentia o perigo que ameaçava a posição da mulher dentro da sociedade e, por este motivo, resolveu criar um grupo denominado Egbe Guéléde...”

Para Elbein e Luz a **sociedade Eleeko** não existiu no Brasil:

“Orixá guerreira, ela é também considerada patrona da sociedade secreta feminina Eleeko, da qual não temos conhecimento que tenha existido no Brasil.” (Luz; 2000:63)

E a divergência entre autores abre uma lacuna que leva-nos a supor que Ogbebara ou Baba Adilson de Oxalá possua informações diferenciadas de pesquisa.

Danças e cantigas caracterizam-na como guardiã da esquerda, conforme a letra da canção que abre este sub título.

Por ser uma **Mãe Ancestral é chamada de Avó nos terreiros**. Associada a água e a cor vermelha *“pareceria ser o princípio ou símbolo mais antigo de Òsun e de Oya”*. (Elbein; 1998:118)

Para terminar transcrevemos uma curiosidade:

“O rio em que vivia recebeu seu nome e adquiriu, a partir de sua morte, um poder extraordinário. Dizem que as pessoas que sofrem desilusões amorosas, ao banharem-se em suas águas, ficam livres de seu penar e esquecem-se de quem as desprezou”. (Ogbebara; 1998:167)

5.4 YÉYÉ OMO EJÁ

“Rainha das águas que vem da casa de Olokum.

Ela usa, no mercado, um vestido de contas.

Ela espera orgulhosamente sentada, diante do rei.

Rainha que vive nas profundezas das águas.

Ela anda à volta da cidade.

Insatisfeita, derruba as pontes.

Ela é proprietária de um fuzil de cobre.

Nossa mãe de seios chorosos” (Verger;1997:191)

Iemanjá é uma divindade das águas, no Brasil é a Senhora que rege as águas do mar. Seu nome vêm de **Yèyé omo ejá**: mãe que têm filhos peixes. Seu culto é originário de **Ifé** e **Ibadan**.

Mãe de grandes seios, podemos perceber que é **Irunmalê da Esquerda**, genitora de muitos Orixás como anotado num mito transcrito por Nina Rodrigues:

Do matrimônio de **Obatalá** e **Odudua (Céu com a Terra)** nasceram dois filhos: **Aganju**⁵ e **Iemanjá**, os irmãos tiveram junto um filho.

Aproveitando a ausência do pai, **Orungam** violentou **Iemanjá**. A mãe repudiou o amor de seu filho e fugiu em desespero perante tal ousadia. Seu filho atrás dela correu, porém Iemanjá caiu morta. Seu corpo inerte começou a transformar-se crescer, seus seios tornam-se monstruosos e geraram dois rios que depois de unidos formaram uma lagoa. Seu ventre inchado rompeu-se e dele nasceram:

“Dadá, deusa dos vegetais,

Xangô, deus do trovão,

Ogum, deus do ferro e da guerra,

Olókun, divindade do mar,

Olosa, deusa dos lagos,

Mocambo, Terreiro de Encarnação e Terreiro de Tuntun. (Elbein; 1998:119)

⁵ Aganju é considerado neste conto como a terra firme, noutras estórias é a Divindade do Fogo nos Vulcões, é também contemplado como uma das qualidades de Xangô: Xangô Aganju.

*Oiá, deusa do rio Níger,
Oxum, deusa do rio Oxum,
Obá, deusa do rio Obá,
Okô, orixá da agricultura,
Oxóssi, orixá dos caçadores,
Oquê, deus das montanhas,
Ajê Xalugá, orixá da saúde,
Xapanã, deus da varíola,
Orum, o Sol,
Oxu, a Lua.”* (Nina Rodrigues, 1934: 222)

Porém o autor alerta-nos no parágrafo seguinte:

“É de crer que esta lenda seja relativamente recente e pouco espalhada entre os nagôs. Os nossos negros que dirigem e se ocupam do culto iorubano, mesmo dos que estiveram recentemente na África, de todo a ignoram e alguns a contestam”.

Há diferenças no conto recolhido por Prandi (2001:382), primeiramente conta-nos que a lagoa originou o mar e que outros orixás ainda saíram do ventre exposto de lemanjá:

“E outros e mais outros orixás nasceram... E por fim nasceu Exú, o mensageiro”.

Verger (1997:194) declara que tal conto é extravagante e em nota exclama que tal estória foi inventada por Reverendo Padre Baudin, atravessou o Atlântico por intermédio dos textos de Ellis, que serviram de referência para Nina Rodrigues:

“Durante a pesquisa que fiz a partir de 1948 nos meios não letrados destas regiões da África, nunca encontrei vestígios das lendas inventadas por Rev. Padre Baudin”.

Prandi (2001:552) atualmente rejeita a exclamação de Verger:

“No Brasil de hoje, é um dos mitos mais populares entre o povo-de-santo, que não sabe dizer o nome do filho de lemanjá que a teria violentado, mas conta que a origem dos orixás foi consequência da violência sexual do filho contra ela”.

Por vezes, lemanjá é considerada primeira esposa de **Orunmilá**, senhor das adivinhações.

“... Certa vez Orunmilá viajou e demorou para voltar e lemanjá viu-se sem dinheiro em casa. Então, usando o oráculo do marido ausente, passou atender grande clientela e fez muito dinheiro”. (Prandi; 2001: 387)

Noutro conto, visto no capítulo anterior sobre as divergências na gênese iorubana, lemanjá e Olodumaré criam o mundo.

Outros mitos revelam-nos que **lemanjá** era filha de **Olokum**⁶ e esposa de **Olofim**, Rei de Ifé, dessa união nasceram dez filhos dentre os quais **Oxumaré** e **Xangô**⁷. Cansada da vida em Ifé resolveu viajar para o oeste, porém Olofim mandou um exército atrás dela. Cercada, lembrou-se de um frasco que ganhara para usar numa emergência conforme lhe dissera sua mãe. A **labá** quebrou o recipiente e um rio apareceu imediatamente transportando-a para **Okum**, o reino de sua mãe. (Verger; 1997:190)

Elbein (1998:90) e Luz (2000:67) informam-nos que **lemanjá** foi esposa **Oranian**⁸ e geraram **Xangô**, todavia veremos noutra lenda que a maternidade biológica do Orixá do Fogo pertence a **Euá**, sendo lemanjá sua mãe adotiva.

lemanjá, a última líder **Geledé**, foi traída por **Exú** e violentada por **Obatalá** que a deixou desfalecida na relva, ao acordar...

⁶ Entidade soberana do mar, considerado **Deus em Benin e deusa em Ifé**. (Verger; 1997:190)

⁷ O arco-íris e o fogo.

⁸ **Oranian** é descendente de **Oduduwa**, fundador do reino de **Oió**.

“Sentiu tamanho asco, que, transformando-se num rio, retornou, por seu leito, ao reino de seu pai, no oceano. Este rio existe até hoje em terras iorubás, chama-se **Odo Ogun**... e desta maneira abandonou a forma humana”. (Ogbebara;1998:132)

lemanjá é Iyami Ajé. Possui o poder de transformar-se em **peixe e água**, suas lendas mostram seu poder de gerar ou, como nessa lenda cubana, de destruir:

“lemanjá era uma rainha poderosa e sábia. Tinha sete filhos e o primogênito era seu predileto. Era um negro bonito e com o Dom da palavra. As mulheres caíam a seus pés. Os homens e os deuses o invejavam. Tanto fizeram e tantas calúnias levantaram contra o filho de lemanjá que provocaram a desconfiança de seu próprio pai. Acusaram-no de haver planejado a morte do pai, o rei, e pediram ao rei que o condenasse à morte. lemanjá Sabá explodiu em ira. Tentou de todas as formas aliviar seu filho da sentença, mas os homens não ouviram suas súplicas. E essa primeira humanidade conheceu o preço de sua vingança. lemanjá disse que os homens só habitariam a Terra enquanto ela quisesse. Como eles a fizeram perder o filho amado, suas águas salgadas invadiriam a terra. E da água doce a humanidade não mais provaria. Assim fez lemanjá. E a primeira humanidade foi destruída”.

(Prandi; 2001:386)

5.5 OTIM

Encontramos em Prandi dois mitos relativos a **Otim**, no primeiro possui o gênero feminino, no outro masculino, porém em ambos os mitos está envolvida com **Odé** (Orixá Caçador).

Filha do Rei Oquê da cidade de Otã, Otim nasceu com quatro seios. Devido seu segredo: a anomalia que nasceu, saiu de sua cidade natal e foi morar em Igbadô. Um caçador por ela enamorou-se e quis desposá-la. Após muitas negativas ao pedido, Otim cedeu ao pedido do caçador, mas impôs-lhe a condição de que nunca comentasse sobre sua anomalia, o caçador aceitou e também lhe impôs uma condição: que ela jamais colocasse mel em sua comida. As outras esposas de Odé enciumadas pela preferência dele por Otim engendraram uma armadilha, enquanto Otim cozinhava desviaram-lhe a atenção e encheram de mel a refeição que fazia para Odé. Quando o caçador sentiu o gosto de mel, amaldiçoou Otim e contou a todos seu segredo. Magoada fugiu para o palácio de seu pai e este pediu para que partisse, pois as notícias chegariam rapidamente. Otim desesperada fugiu pela floresta e Oquê arrependido saiu em seu encalço, ao tropeçar numa pedra Otim transformou-se num rio, seu pai transformou-se numa montanha para impedi-la de chegar ao mar, mas de nada adiantou. O rio contornou a montanha e seguiu seu curso. Até hoje o rio (Otim) e a montanha (Oquê) são cultuados em Otã. (Prandi; 2001:144)

Em outro mito **Otim** é um rapaz **sorumbático**, infeliz que um dia resolveu fugir do palácio e ir para a floresta. Ao dormir sonhou que um caçador dizia-lhe que deveria fazer um ebó entregando sua faca e suas roupas. Acordando assustado entregou suas roupas e sua faca perto de um riacho. Neste momento tudo que **Otim** escondera ficara exposto: seu corpo de donzela. Oxóssi surgiu na mata e viu **Otim**, cobriu-lhe, alimentou-o e ensinou-lhe os segredos da floresta e da caça. **Tornaram-se grandes amigos e Oxóssi nunca contou seu segredo a ninguém.** (Prandi; 2001:147)

5.6 EUÁ: A SENHORA DO ADÔ

“... é ela que domina os cemitérios.

Ali ela entrega a Oiá os cadáveres dos humanos,

Os mortos que Obaluaê conduz a Orixá Ocô

e que Orixá Ocô devora para que voltem novamente à terra,

à terra de Nanã de que foram um dia feitos.

Ninguém incomoda Euá no cemitério”.(Prandi; 2001: 241)

Euá é filha de **Nanã** e **Obatalá**, portanto irmã de **Oxumaré** e **Obaluaê**. labá das transformações da **água** em estado gasoso ou sólido é ela quem domina as metamorfoses lentas ou rápidas na natureza.

“Ela é quem gera as nuvens e a chuva; quando olhamos para o céu e vemos as nuvens formando figuras de animais, pessoas ou objetos, não damos muita importância por achar que aquilo é coisa da imaginação – estamos enganados, pois ali está Ewá, ela é quem cria essas diferentes formas.” (Escada & Filho; 2001:147)

Bela, casta, inteligente e solitária, guarda o segredo do anoitecer no horizonte.

Afirma uma lenda que Nanã preocupada com a solidão de sua filha pediu a Orunmilá que lhe arranjasse um marido. Euá não queria casar e pediu ajuda a Oxumaré que de bom grado a escondeu onde termina o arco de seu corpo, tornando-se ambos companheiros e inacessíveis no horizonte.(Prandi; 2001:238)

Uma variante dessa lenda reza que **Naná** não ofereceu os sacrifícios necessários para obter tal casamento. Muitos príncipes apareceram e começaram a brigar até a morte para conquistar **Euá**, mas ela não conseguia escolher um pretendente. Triste por tanto sangue derramado procurou **Orunmilá** que aconselhou-a a fazer ebós para apaziguar tal situação. Após fazer as oferendas Euá começou a dissipar-se, evaporando em seguida, transformando-se...

“em densa e branca bruma. E a névoa radiante de Euá espalhou-se sobre pela Terra. E na névoa da manhã Euá cantarolava feliz e radiante. Com força e expressões inigualáveis cantava a bruma. O Supremo Deus determinou então que Euá Zelasse pelos indecisos amantes, olhasse seus problemas, guiasse suas relações”. (Prandi; 2001: 234)

Outras lendas falam que:

Euá era filha predileta e intocável de Obatalá. Um dia apaixonou-se por Boromu, dele engravidou e fugiu para a mata, parindo seu filho em segredo. Obatalá transtornado colocou a todos em seu reino atrás de Euá. Boromu saiu a procura de Euá, encontrou-a desfalecida e querendo que ela voltasse ao palácio escondeu seu filho na floresta. Ao acordar Euá contou e perguntou sobre o filho de ambos, Boromu saiu a procura da criança, porém não mais a encontrou. Iemanjá que morava ali perto ouvindo o choro do bebê pegou-o para criar. Arrependida pela fuga, Euá pediu perdão a seu pai que colérico expulsou-a do palácio. Envergonhada Euá isolou-se no cemitério longe de todos os seres vivos. Seu filho cresceu forte e belo sob a tutela de Iemanjá, a mãe das águas deu-lhe o nome de Xangô.

(Prandi; 2001:237)

Uma variação deste conto narra que:

Xangô para seduzir Euá empregou-se no palácio de Obatalá como jardineiro e presenteou-a com “uma cabaça enfeitada com mil búzios, com uma cobra por fora e mil mistérios por dentro, um pequeno mundo de segredos, um adô”. Diante de tais riquezas Euá pensou que Xangô a amava verdadeiramente e a ele se entregou. Euá decepcionou-se com Xangô e pediu a seu pai para esconde-la onde jamais pudesse ser achada. Obatalá compadecido deu-lhe um trono no reino dos mortos, desde então, Euá é labá nos cemitérios.

(Prandi; 2001:241)

Euá é ajé, pois possui uma cabaça⁹ na qual esconde seus amargos e doces segredos:

“Ewá é o desabrochar de um botão de rosa, ela é uma lagarta que se transforma em borboleta, ela é a água que vira gelo e é o gelo que vira água, ela é quem faz e desfaz. Ewá é a própria beleza contida naquilo que tem vida, é o som que encanta, é a alegria, é a transformação do mal para o bem: enfim, Ewá é a vida.”

Escada & Filho; 2001:147)

5.7 OLOCUM

Olókun é considerada senhora do mar (okum), rainha de todas as águas.

⁹ Como veremos no capítulo referente a Iyami Osoronga, toda ajé é proprietária de uma cabaça na qual mora um pássaro que leva seus encantamentos.

Teve nove filhas entre as quais **Iemanjá** e **Ajê Xalugá**, suas prediletas. Distribuiu o oceano e seus segredos entre suas filhas, porém todos os segredos que ele contém só pertencem a Olókun. Grande Mãe Anfíbia podia viver tanto na água quanto na terra firme. Apaixonou-se por **Orixá Ocô**, porém temia que o mesmo não entendesse sua natureza ambígua. Aconselhada por **Olofin**, que afirmou a seriedade e discrição de **Ocô**, **Olocum** uniu-se ao **Orixá Lavrador**. Ocô descobrindo o segredo de sua mulher contou a todos e **Olocum** muito triste e envergonhada escondeu-se no fundo do oceano...

“Onde tudo é desconhecido e aonde ninguém nunca pode chegar... Outros dizem que Olocum se transformou numa sereia, ou numa serpente marinha que habita os oceanos. Mas isso ninguém jamais pôde provar”.

(Prandi, 2001: 405).

5.8 AJÊ XALUGÁ

“Ajê Xalugá ajuda quem precisa E quem lhe oferece presentes no mar”.

(Prandi; 2001:421)

Ajê Xalugá é a filha mais nova de Olocum, muito curiosa teve de perder sua visão para entender o Segredo herdado de Olocum, a partir disso tornou-se protetora da saúde. Seu lar é o fundo do oceano, onde possui um trono de coral e todas as riquezas do mar e da terra, pois muitas coisas da terra são levadas para o mar. É a senhora de todos os tesouros, por isso oferta a prosperidade ao homem.

5.9 IYAMI IMÓLE: ODUWA – ODUDUA (ODÙ LÓGBÁJE)

Grande Mãe Ancestral, única filha de **Olodumaré** e também única **Orixá Funfun**. Criadora do **Aiê** representa o princípio criador passivo e feminino de **Olodumaré**, por isso às vezes também é tratada como masculino: O **Oduduwa** ou como a parte feminina de **Oxalá**.

Oduwa detêm o segredo de toda a criação do **Aiê**, por isso é feiticeira, porém abdicou de seu poder soberano sobre a Terra para tornar-se esposa de seu irmão e com ele compartilhar de tal poder. Enquanto genitora do **Aiê** tornou-se **Ebora**, a parte inferior de **Igbadu**, a cabaça da criação. Possuía uma relação de amor-ódio com seu irmão-esposo **Obatalá (Oxalá – princípio criador ativo masculino de Olodumaré)**, mas nenhuma vida no mundo material pode existir se as forças de **Oduduwa** e **Olodumaré** não forem equilibradas.

Quando pela primeira vez a Terra foi pisada, **Oduwa** imprimiu sua marca em **Ifé Oòdáyá** ou **Ilé Ifé**, capital sagrada do povo iorubá.

“Os descendentes de Oduduwa foram os primeiros a serem coroados reis entre todo o povo nagô. Sua primeira filha Akobi teve sete filhos”:

O primeiro Olowu rei de Owu.

A Segunda foi mãe de Alákétú, rei de Ketú.

O terceiro, Oba Bini, foi rei de Bini.

O quarto, Oba Ila, foi rei de Orangun.

O quinto, Oba Sape, foi rei de Sape, Oni Sape.

O sexto, Oba Popo, foi rei de Olupopo.

Finalmente o sétimo, Oraniyan, o caçula, se tornou Aláàfin no lugar de Oduduwa em Ifé”

(Lasebikan; 1963)

Saudada como **Iyá Malé** e **Iyá Imóle**, (Mãe dos Orixás), concede longa e próspera vida aqueles que possuem uma cabaça-odú.

5.10 OMO ÀTIÒRO OKÈ OFA: NANÃ BURUKU

“Proprietária de um cajado. Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue... Água parada que mata de repente. Ela mata uma cabra sem utilizar a faca”.

(Verger; 1997:240)

O título de **OMO ÀTIÒRO OKÈ OFA**, (*filha do poderoso pássaro Atioro da cidade de Ofa*), concede a **Nanã Buruku** a associação com a sociedade **Egbe Eleye**.

O culto a **Nanã Buruku** e seus dois filhos **Oxumaré** e **Omulu** vêm do antigo **Daomé**, hoje **Benin**. Para as nações **Fon** e **Ewe** é **sincretizada com Mawu**, representando o **Princípio Criador Feminino**, geradora de todo panteão de divindades **Voduns** junto com sua contraparte masculina **Lisa**.

Em Salvador, com a influência católica, foi sincretizada na figura de Santana, mãe de Maria, portanto avó de Jesus Cristo e como Vovó é saudada em algumas Casas de candomblé.

Iyami Agba, (Mãe Ancestral), é dela a lama que confeccionou o homem. Uma estória narrada por Mãe Pierina Ferreira de Oxum, da cidade de Salvador, conta que no início dos tempos quando os homens não existiam **Oxalá** tentou usar vários materiais para confeccioná-lo: **ar, pau, pedra, fogo, azeite, água e vinho de palma**. Vendo os insucessos do Poderoso Orixá, **Nanã** veio ajudá-lo:

“Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, O barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é de Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou com barro...”

(Prandi; 2001: 196)

Nanã é a terra úmida, portanto a **terra irrigada** e pronta para gerar. **Terra útero, mistério e magia da continuidade da raça humana, considerada matrona da agricultura e da fertilidade dos grãos que nela caem, desenvolvem, crescem, morrem e voltam para a terra quando são absorvidos e renascem em outro grão**. Também relacionada com a morte, pois é na terra que os mortos são enterrados, sendo assim, a Vovó indica-nos os renascimentos e continuidade da raça ou do clã familiar.

Nanã muitas vezes é representada como uma senhora de cabelos brancos:

“...devemos dizer que Nanã envelhecera de forma precoce.

Talvez o arrependimento por haver abandonado o filho doente à própria sorte tivesse colaborado, de forma eficaz, para o embranquecimento de seus cabelos.

A ancianidade, no entanto, em nada empanara a sua beleza.

Adquirira um ar de dignidade que só se obtém com o passar do tempo.”

(Ogbebara; 1998:172)

Como Grande Mãe que é usa o **Ibiri**¹⁰ por cetro, **símbolo do seu poder sobre a vida e a morte**. Mestre Didi e Elbein narram-nos:

“Quando ela nasceu, a placenta continha o òpá. Uma vez nascido, uma das extremidades do òpá se enrolou e cobriu-se de cauris e de finos ornamentos. Então eles se separaram da placenta e o colocaram na terra”

(Elbein, 1998:82)

A frase do oriki **“Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue.”**, refere-se a seu culto na África, onde suas sacerdotisas **recobrem as mãos e o ibiri de sangue vermelho**, demonstrando nitidamente seu **poder gerador feminino**.

Apesar do carinhoso apelido de Vovó, **Nanã é a implacável e temida justiceira**, seus poderes como **Iyami Iyalode, Iyami Agba** podem ser notados no mito de Nanã e Oxalufã:

“Nanã era considerada grande justiceira.

Qualquer problema que ocorresse,

Todos a procuravam para ser juíza das causas.

Mas sua imparcialidade era duvidosa.

Os homens temiam a justiça de Nanã,

Pois se dizia que Nanã só castigava os homens

E premiava as mulheres.

¹⁰ O nome **Ibiri** vem de **Ibi-ri-rii**, (meu filho ou meu parente encontrou e trouxe para mim). É um adorno confeccionado em fibra de palmeira enfeitado com búzios, **preso a si mesmo formando um desenho arredondado lembrando a região genital feminina**.

*Nanã tinha um jardim com um quarto para os eguns,
Que eram comandados por ela.
Se alguma mulher reclamava do marido,
Nanã mandava prendê-lo.
Batia na parede chamando os eguns.
Os eguns assustavam e puniam o marido.
Só depois Nanã o libertava...”*
(Prandi; 2001: 198)

Os ancestrais e os mortos são considerados seus filhos.
Nos sacrifícios a Nanã é proibido usar quaisquer instrumentos de metal, pois ela é rival de Ogum, proprietário dos metais e seu uso, sugerindo ser o culto a Nanã anterior a Idade dos Metais. **“Nanã deu a matéria do começo, mas quer de volta no final tudo que é seu”**.
(Prandi; 2001:197)

Capítulo 6:

MINHA MÃE OSORONGA

“Muito poderosamente emplumada
Minha mãe Òsòròngà
Nós te saudamos
Não me mates...” (Verger; 1994:34)

Nos capítulos antecedentes vimos a relação entre o poder fecundador-genitor masculino-feminino e suas representações nas Orixás Eboras-Mães, Filhas e sua atuação na criação do Aiê e no estabelecimento da ordem social-religiosa para o crescimento e expansão da raça humana.

Para a complexidade dessas geradoras ancestrais é dado o nome de Iyami Osorongá, o espírito das ancestrais divinas que geraram o planeta e a raça humana, portanto Iyami Osorongá não é uma Entidade específica mas um aglomerado de energias geradoras, mantenedoras e destruidoras da vida, na qual cada Orixá Fêmea tem sua parcela de participação.

Em entrevista Fáyomi Fábio Escada declarou-nos que em sua opinião o odú Òsá, o décimo no oráculo de Ifá e o nono no Jogo de Búzios, é Iyami Osorongá. A reunião dos Eboras femininos foi criada no odú Òsá Meji, portanto, corresponde à coletividade feminina de Osorongá.

O odú Òsá representa a lagoa e os Orixás que respondem neste odú são: **Oiá, Ajé, Egungun e todas as labás**, ONILE, Obaluaê e Olosa (o grifo é nosso). As pessoas que possuem este odú não devem entre outras coisas comer carne de galo, usar roupas vermelhas e azuis, beber vinho de palma e evitar relações sexuais durante o dia. Em seu livro nosso informante afirma:

“Este odù corresponde a nove búzios abertos. Este odù representa o poder de feitiçaria feminino, numa referência inequívoca à sua ligação com práticas de feitiçaria, nas quais as mulheres se destacam por sua dotação natural, inerente à sua condição de procriar, transformando um espermatozóide microscópico em um ser humano...” (Escada & Filho; 2001:112)

O vulgo popular enxerga na figura da mulher idosa a figura da ajé, pois ela não é mais fecunda. Os dons de feitiçaria também poderiam ser herdados da mãe ou de uma das avós, ou ainda por um encantamento enviado por outra ajé. (Verger; 1992:10)

6.1 MULHERES PÁSSAROS

Segundo os itans, Iyami Osorongá possui o poder de transformar-se em pássaro tornando-se Eleyê¹ que são as Ajés, conhecidas como Agbibgó, Elúlú, Atioro, Osorongá. Mulheres pássaros, senhoras da noite, voam de um lado para o outro levando encantamentos, dores, doenças, misérias, rancor e morte. Ao ouvir seu temido canto todo ser humano deve proteger-se e agradá-la, pois sua ira é fatal conforme afirma Jorge Amado:

“Quando se pronuncia o nome de Iyami Oxorongá quem estiver sentado deve se levantar, quem estiver de pé fará uma reverência pois esse é um terrível Orixá, a quem se deve respeito completo. Pássaro africano, Oxorongá emite um som onomatopáico de onde provém seu nome.(...) Iyami Oxorongá é dona da barriga e não há quem resista a seus ebós fatais, sobretudo quando ela executa o **OJJI**, o feitiço mais terrível. Com Iyami todo cuidado é pouco, ela exige o máximo respeito, Iyami Oxorongá, bruxa é pássaro.” (Carybé & Amado; 1979:32)

Noutras versões Iyami Osorongá é proprietária do ayé (pássaro) chamado Aragamago e dona de uma cabaça segundo o odú Ìrété Ogbè:

“Olódumarè lhe dá um pássaro.
Ela pega esse pássaro para ir à terra.
Aragamago é o nome que Olódumaré dá a esse pássaro.
Aragamago é o nome que tem esse pássaro de Odù.” (Verger; 1994:62)

O Odú Ìrété Méji narra:

“... Ifá é consultado por 201 pessoas,
que do céu vieram para Terra.
Ifá é consultado para 201 proprietárias de pássaros
Que do além vieram para a terra.
Quando estas 201 pessoas chegaram,
Os babalaôs disseram para preparar uma cabaça para cada uma.
Quando chegaram pela primeira vez, foi em Otá,
elas elegeram uma pessoa iyálóde em Otá
Aquele que quer receber (um pássaro) leva sua cabaça para junto dela.”
(Verger; 1992:38)

As duzentos pessoas são os Eboras, Irunmalês de Esquerda as Mães Genitoras. A bicentésima primeira pessoa é Exú, princípio filho, o primeiro nascido no mundo concreto. A Iyalode eleita é Oxum, que possui o poder de transformar-se em pássaro - pombo, pavão e urubu conforme os mitos descritos no sub capítulo 5.1 – e detêm os segredos contidos no sangue menstrual através do ekodidé.

Na cosmogonia iorubana a cabaça possui um significado ligado a união do Orum com a terra, é o útero-receptáculo que recebe a fusão do ovo feminino e do esperma masculino. Notamos que a forma da cabaça lembra o órgão sexual masculino em sua parte externa, o útero em sua forma interna e possui sementes que corresponderiam aos ovos.

Ao continuar o texto elas recebem também cabaças, onde guardam seus pássaros que sob suas ordens podem voar aos quatro cantos do mundo e realizam todo tipo de maldade:

“Quando elas abrem a cabaça assim,
o pássaro voa para executar esta missão.

¹ Fáyomi Fábio Escada explicou-nos em entrevista que a palavra “eye” significa pássaro e o prefixo “el”, mulher que detém, no caso, um pássaro. Entendemos então que Eleyê é aquela que conserva em seu poder e guarda em si um pássaro.

Se elas disserem para matar alguém, eles matam.
 Se elas disserem para trazer os intestinos de alguém, eles o trazem...
 Se ela está grávida, eles retiram a prenhez de seu ventre” (Verger; 1992:39)

As Eleye guardam seu pássaro na cabaça quando ele volta de suas missões.

Para tirar a vida de uma eleye bastaria esfregar pimenta vermelha em seu corpo desanimado enquanto ela estivesse sob a forma de pássaro.

6.2 A TRINDADE IYAMI, ORUNMILÁ E EXU.

Notamos íntima e profunda relação entre Orunmilá, Exú e Iyami Osorongá.

Orunmilá representa para o culto africano-brasileiro o Próprio Destino, é a divindade que conhece todo o passado, presente e futuro de todos os seres do Aiê, portanto da espécie humana e do Orum. Conhecido como: Elérí Ìpín, Ibìkèjì Olódúmarè, Gbàiyégbòrún e Òpitan Ìfé². Seus sacerdotes ou filhos, os babalaôs, possuem um culto à parte do Candomblé.

“Acredita-se que Olòrún passou, e confiou de maneira especial, toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados a Òrúnmilà, fazendo com que, desta forma, este se tornasse seu representante em qualquer lugar que estivesse.” (Escada & Filho; 2001:20)

Orunmilá é a única divindade que têm o poder de mudar o destino de qualquer criatura, porém para que exista alguma criatura é necessário que ela seja gerada e parida por Iyami.

Gerado por um Orixá Funfun (Orunmilá) e por um Eborá (Ybiérru) - em outras histórias por Orixalá-Odúa, Exú Yangi está associado a laterita, o barro do qual foi tirada a matéria prima para a confecção do homem. É o patrono das relações sexuais, condutor do Axé e das oferendas rituais, sem sua ação e movimento só existiria a inércia no universo. Representado pelo caracol okotó é o expensor da vida no universo. Possui muitos nomes:

Yangi – a matéria prima do universo;
 Bará – rei do interior do corpo;
 Enugbarijo – associado aquilo que se coloca na boca, rege a comunicação;
 Ojixé-ebó – o mensageiro e condutor dos sacrifícios;
 Elebó – aquele que estabelece a ligação entre humanos e orixás através dos sacrifícios;
 Exú Onã – aquele que abre ou fecha os caminhos;
 Exú Obé – o manejador da faca que auxilia nos partos ou traz a morte;
 Osetuwa – filho de Oxum, nascido pelos poderes do Axé dos Orixás.

A trindade Orunmilá, Iyami e Exú, representam o princípio criador, procriador e criado respectivamente. Esta trindade aparece nos odús: Ìrété òwànrín (ou Ìrété olótà), Òdí Méjì e Ìrété Ogbè, contam respectivamente:

- como Orunmilá surpreendeu o segredo de Iyami em Otá;
- como Orunmilá acalma Iyami;
- como Odúa chegou a ser esposa de Orunmilá.

O primeiro odú esclarece das proibições alimentares das Ajés.

O segundo odú narra como as Eleye ensinaram aos babalaôs como chamá-las e curar aqueles que estão sob seu jugo.

O terceiro odú mostra que para existir um destino que possa ser melhorado é necessário que exista a vida.

² O testemunho de Deus, o vice de Deus, aquele que está no céu e na terra, o historiador de Ifé. (Escada & Filho; 2001:19)

Percebemos nestes itans relações de gênero da sociedade neolítica na qual não existe uma família nuclear, na qual os filhos não tem um pai ou mãe definidos porém formam uma coletividade: os filhos de Orunmilá e as filhas de Iyami.

6.2.1 Ìrété Òwánrín

Orunmilá consulta Ifá para ir a Otá e descobrir os segredos das Eleye. O babalaô pede-lhe para fazer uma oferenda³. Ele faz o sacrifício e parte para a cidade das mulheres pássaro. Exú o vê, e notamos que possivelmente Exú estava sob a forma de um pássaro (o grifo é nosso):

“Exu (que faz o bem e o mal, que faz todas as coisas).
Exu transforma-se rapidamente,
Tornou-se então uma pessoa.
 Ele vai chamar todas as àjé que estão em Ota.” (Verger; 1992:42)

e conta para as Ajé que Orunmilá possui um pássaro tão poderoso quanto o delas. As donas do pássaro estranham:

“Elas dizem, este homem tem um pássaro?” (Verger; 1992:42)

As labás foram avisadas por Exú que a divindade Orunmilá possuía um pássaro, porém elas referem-se ao Orixá como homem, ressaltando a relação de gênero. Ao se dar o confronto entre ele e as Ajé, ao verem Orunmilá sentado – o que indica uma falta de respeito - elas praguejam:

“elas dizem que não querem retirar
 seus maus olhados do corpo de Orunmilá.
 Elas dizem que lutaram com ele.
 Elas dizem que elas estão em cólera porque
 ele conhece o segredo delas.
 Elas dizem, eles querem assim conhecer seu segredo.
 Elas dizem, se elas pegam Orunmilá, elas o matarão.” (Verger; 1992:42)

Orunmilá consulta outro babalaô, Tèmáyè, que indica-lhe um ebó⁴ para ficar protegido da fúria delas. As Eleye comem o ofertado e tentam novamente perseguir Orunmilá, porém não conseguem mais vê-lo. Orunmilá fala:

“... àjé não é severa, ela não pode comer ekujebu, vós de modo algum, podeis matar-me.
 Ele diz, o frango òpìpì não tem asas para voar sobre a casa, elas não podem matar-me.
 Isto foi o que Òrúnmilá fez naquele dia, para que elas não sejam capazes de matá-lo,
 quando Òrúnmilá foi a Òtà para ver o segredo delas.” (Verger; 1994:39)

O ebó que Orunmilá ofereceu faz parte das proibições para as ajés.

6.2.2 Òdí Méjì

³ Um saco de tecido branco, uma cabeça de serpente oká, um pombo branco, quatro caroços de nozes-de-cola branca e vermelhas, óleo (azeite de dendê), efun, osun e uma cabaça. (Verger; 1994:38)

⁴ Ekujebu (grão muito duro), frango òpìpì (frango que possui penas crespas, arrepiadas), èko (massa de milho envolta em uma folha) e seis shillings. (Verger; 1992:43)

Neste odu as Iyami encontram Orunmilá e falam que estão indo para a terra e levarão toda espécie de calamidades. Orunmilá explica-lhes que seus filhos estão na terra, elas dizem para Orunmilá conversar com seus filhos para que eles preparem uma oferenda para ela⁵.

Orunmilá envia um emissário para a terra com a mensagem, possivelmente Exú.

As Eleye chegam à terra e pousam sobre sete árvores: orógbó, àjánrèré, irókò, oro, ògún bèrèke, arere e opé ségiségi, porém é nesta última que conseguem firmar sua residência. É aí que constroem um quarto, um pátio nos fundos e fazem um montículo de terra no lugar onde se reúnem.

Ao se unirem promovem toda espécie de doenças:

“... trazem dores de barriga para as crianças.
Trazem doenças para as crianças.
Arrancam os intestinos das pessoas.
Arrancam os pulmões das pessoas.
Bebem o sangue das pessoas.
Dão dores de cabeça aos filhos de um outro.
Dão doenças aos filhos de um outro.
Dão reumatismo aos filhos de um outro.
Dão dores de cabeça, febre, dor de estômago, aos filhos de um outro.
Fazem sair a gravidez do ventre daquela que está grávida.
Trazem para fora o feto daquela que não é estéril.
Não deixam que uma mulher fique grávida.
Aquele que está grávida elas não deixam parir.” (Verger; 1994:49)

Presumimos que as seis primeiras árvores representam cidades onde moravam os babalaôs.

As pessoas perseguidas pela fúria das eleye foram procurar a ajuda dos filhos de Orunmilá. Eles sabiam que deveriam chamá-las com uma voz bem triste e entregar o sacrifício sobre o montículo de terra onde se reuniam, eles teriam de chamá-las cantando com uma voz bem triste:

“Mãezinha vós conheceis minha voz.
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyàmi Òsóròngà, toda coisa que eu disser,
A folha ogbo disse que vós certamente compreendereis.
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyàmi Òsóròngà, a cabaça diz que vós ides agarrar.
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyàmi Òsóròngà, a palavra que o rato òkété disse à terra,
a terra certamente a compreende.
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.
Ìyàmi, todas as coisas que eu disser vós fareis.
Ìyàmi Òsóròngà, vós conheceis minha voz.” (Verger; 1994:50)

Quando terminam de cantar todas as Eleye silenciaram, aos filhos de Orunmilá foi dado o poder de curar e ajudar aqueles que são perseguidos por Osorongá.

“Como as Ìyàmi autorizaram os filhos de Òrúmilá naquele dia,
todas as coisas que eles fizerem agirão.

Mas naquele dia eles chamarão com voz triste o canto indicado,
para que Olorun deixe essas pessoas realizar esta boa tarefa.” (Verger; 1994:50)

6.2.3 Ìrété Ogbè

⁵ Folhas de ogbó, uma cabaça, rabo e corpo de um rato òkété (separados), ovos de galinha, mingau de milho misturado com azeite, azeite e quatro shillings. (Verger; 1992:58)

Odù recebeu de Olodumaré o pássaro Aragamago quando veio para o aiyé. Odù não queria ser vista por ninguém, ela enviava seu pássaro para fazer o bem ou o mal. Se alguém ousasse ver seu rosto ou o conteúdo da cabaça, Aragamago furaria os olhos da pessoa.

Os babalaôs consultam Ifá para saber quando Orunmilá tornará Odù sua esposa, porém o advertem sobre o poder que ela possui:

“...Odù, quem você quer ter para esposa,
eles dizem, um poder esta entre as mãos dela.
Eles dizem, para que este poder Orunmilá fará uma oferenda no chão,
por causa de todas estas pessoas.
Eles dizem, que com seu poder ela não o mate e coma,
porque o poder desta mulher é muito maior que o de Orunmilá.” (Verger; 1992:81)

Orunmilá faz rapidamente as oferendas⁶ e deixa no chão em frente a casa de Odù. Ela encontra o ofertado e quer saber quem o trouxe. Exú responde-lhe que foi Orunmilá e que ele quer desposá-la. Odù permite a Aragamago que coma o presente de Orunmilá.

“Todos aqueles que Odù traz atrás dela, são coisas más.
Ela diz que eles todos comam.
Odù abre assim a cabaça de Aragamágo, seu pássaro, no chão.
Ela diz que ele coma.” (Verger; 1992:82)

Odù chama Orunmilá e diz-lhe que reconhece seu poder e que será sua aliada, porém coloca uma proibição, que nenhuma de suas mulheres lhe veja o rosto. Orunmilá aceita a condição e desde então Odù está a seu lado para torná-lo próspero, lutar por ele e colocar seu pássaro a sua disposição. Orunmilá rende-lhe homenagem:

“Orunmilá diz heim! Você, Odù.
Ele sabe que você é importante.
Ele sabe que você é superior a todas as mulheres do mundo.
Ele não gracejará com você, jamais. (...)
porque Odù é o poder dos babalaôs.” (Verger; 1992:84)

6.3 IYAMI E A SOCIEDADE GELEDÉ

6.3.1 Iyapetebi pode ser tão poderosa quanto Orunmilá

Um mito narra-nos que Oxum foi encarregada por Obatalá de ensinar aos homens o culto dos Orixás, a Senhora do Ekodidé conheceu de cada Orixá como deveria ser cultuado e ensinou tais segredos a Babaloxá, porém havia um problema, o Senhor dos Destinos mantinha seu culto à parte dos Orixás e nenhuma mulher poderia ter acesso ao Opelé Ifá...

Sabendo que Orunmilá nutria-lhe profundo amor Oxum aceitou desposá-lo com as condições de que ela continuasse morando em seu palácio, que não existissem segredos entre ambos e o principal que possuísse um cargo e um título no culto a Ifá. Consumaram sua união naquela mesma noite. Passados alguns dias quando Orunmilá reuniu seus Babalaôs, Oxum adentrou no Igboduífá, um lugar vedado à presença feminina. A Mãe das Águas descaradamente lembrou ao Senhor do Ifá a promessa que ele lhe fizera e que ela viera cobrar.

“Orunmilá então, com a ajuda dos seus sacerdotes,
iniciou Oxum no Culto de Ifá,

⁶ Um rato òkété, um peixe, um caracol, azeite de dendê e oito shillings. (Verger; 1992:82)

entregando-lhe uma cabaça com um único ikin e conferindo-lhe o título de Iyapetebi...” (Ogbebara; 1998: 84)

dando-lhe o direito de participar da primeira parte da consagração dos sacerdotes de Ifá.

“Ficarás encarregada de providenciar as comidas que me serão oferecidas, assim como de cozinhar as carnes dos animais que para mim forem sacrificados. Não poderás, no entanto, acessar os segredos dos 256 Odus Ifá.

Isto porque já és demasiadamente poderosa e, de posse destes conhecimentos, imporás de tal forma teu poder sobre os homens que o mundo viverá em constante desequilíbrio.

Os meus sacerdotes curvar-se-ão sempre diante do poder que possuis, e que garante a geração de todos os seres vivos sobre o planeta.” (Ogbebara; 1998: 84)

A Doce Senhora sentiu-se enganada pelo esposo. Queixou-se a Exú, o melhor amigo de Orunmilá, e pediu a ele que roubasse os segredos dos ikins de Ifá. O Senhor dos Caminhos não traiu o amigo e criou para Oxum um jogo que continha os 16 odús principais do Opelé Ifá, porém como tudo que faz tem seu preço, cobrou de Oxum a promessa de que todos aqueles que consultassem os conselhos do búzios deixassem algo para Exú e assim, Oxum e Exú tornaram-se os patronos do jogo de búzios. (Ogbebara; 1998:87)

6.3.2 Quão perigosas são as mulheres...

Orunmilá ficou muito magoado com a atitude de Oxum e percebeu quão perigosas são as mulheres. Queixando-se a Exú, resolveu engendrar um plano para acabar com a supremacia feminina. O Senhor do destino reuniu os homens e junto a Exú desestabilizaria a união feminina através da vaidade, qualidade própria das mulheres, levando-as a competirem umas com as outras.

“Os planos de Orunmilá e Exu se concretizaram de forma rápida e eficiente.

Todos os homens aderiram integralmente ao movimento e guardavam sobre o mesmo o mais absoluto segredo.

As mulheres foram, aos poucos, relegadas a uma posição inferior e, antes que percebessem, estavam totalmente submetidas ao poder masculino.” (Ogbebara; 1998:105)

6.3.3 Geledé: uma sociedade de mulheres

Os planos de Orunmilá e Exú teriam dado certo se não existisse uma IABÁ desprovida de vaidade: Oba. A virgem guerreira, tímida e solitária por natureza, foi a primeira Orixá a dar-se conta do que estava acontecendo. Pretendendo reassumir o papel da mulher na comunidade criou uma sociedade chamada Ogbé Geledé, na qual apenas as mulheres seriam aceitas. Ao participarem dessas reuniões as mulheres usariam máscaras para não serem reconhecidas e deixariam seus seios expostos, para que nenhum homem se infiltrasse durante as reuniões. Iemanjá, Iansã, Nanã, Euá e Oxum eram presenças constantes nesse culto que adorava Iyami Osoronga.

Exú que esta sempre bem informado, escondeu-se na floresta para vigiar as mulheres quando percebeu Oluô, o pássaro das ajés:

“Sua aparência além de seu tamanho, era terrificante. O bico envergado e pontiagudo abria-se e fechava-se ameaçadoramente, enquanto emitia guinchos indescritíveis. Na cabeça desprovida de plumagens até o final do pescoço, destacava-se um par de olhos semelhantes a bolas de fogo ao vivo. Todo o corpo era recoberto por penas negras, que mais se assemelhavam a finas lâminas de algum tipo de metal até então desconhecido e que, ao Sol, emitiam reflexos

azulados que ofuscavam a visão. As garras. Ah! As garras eram tão ameaçadoras que Exu não se propôs a descrevê-las jamais!” (Ogbebara; 1998:108)

Foi a primeira vez que Exú sentiu medo.

Podemos perceber na descrição de Oluô um imenso urubu, uma das formas que Oxum pode assumir conforme o mito exposto no sub capítulo 5.1.

A sociedade Geledé é vista no odu Ìrété Méjì:

“Ela leva no meio da sociedade
o sangue da pessoa que ela enviou para pegar
e todas as suas companheiras querem tocar com a boca.
Quando tiverem bebido juntas esse sangue, elas se separam.
Quando elas se separam, o dia seguinte já veio,
a noite seguinte já veio,
elas enviam um novo pássaro” (Verger; 1992:40)

6.3.4 Orunmilá engendra outro plano.

Exú após assistir tenebrosa aparição correu até Orunmilá para contar o que vira. Ambos resolvem criar outra forma para desestruturar a sociedade feminina e convidam Xangô para colocar seus planos em ação.

Orunmilá diz a Xangô que ele deverá tomar por esposas três labás Obá, Iansã e a terceira ficaria a seu critério.

O rei de Oiô reclama que Obá é velha, feia e desajeitada, Orunmilá retruca que ela é virgem. Xangô diz que Iansã é casada com Ogum e estéril, mais uma vez o Grande Babalaô retruca contando um segredo:

“- É que ela é portadora duma praga. Iansã só poderá engravidar quando for possuída violentamente por alguém. (...)
- Então terei que estuprá-la? – perguntou Xangô.
- Sé é assim que vêes a coisa. Se este é o termo que preferes usar, sim, terás que estuprá-la! – confirmou Orunmilá.” (Ogbebara; 1998:116)

Orunmilá sugere a Xangô que tome por terceira esposa Euá, porém o elegante Orixá retruca dizendo que não, pois se enamorara de Oxum.

“- Mas Oxum é minha mulher!... – falou Orunmilá aturdido.
- Pouco me importa a quem pertence. Logo que a vi, senti despertar em mim um sentimento que até então desconhecia. Um calor dentro do peito, uma vontade incontrolável de abraçá-la de possuí-la, de fazê-la minha, completamente minha... Aceito tudo que me propões, Orunmilá. Conquistarei Obá, raptarei Iansã, mas somente se Oxum me for dada como esposa. Se minha condição não for aceita, podes procurar outro para fazer o que pretendes – disse enfático Xangô.” (Ogbebara; 1998:117)

Xangô tendo consumado o combinado levou para Oyó Obá e Iansã, apesar das duas labás viverem brigando, na frente de Xangô mantinham as aparências. O rei de Oyó envia uma mensagem, através de Exú, para Orunmilá enviar Oxum.

“Diga a ela que se prepare pois, amanhã, com o nascer do Sol, deverá partir ao encontro de seu novo amor. Não quero despedidas, e hoje mesmo sairei pelo mundo em busca de meu próprio destino. Sem rumo, sem direção, ensinando aos homens os segredos de Ifá. Abandono aqui tudo que construí e que atualmente possuo.

Levo apenas meu saber para compartilhá-lo com os homens que eu considere dignos.”
(Ogbebara; 1998:126)

6.3.5 A sociedade Geledé torna-se também masculina.

Obatalá assumiu a liderança masculina devido o afastamento de Orunmilá, o plano para desunir as líderes Geledé dera certo, Obá até perdera sua orelha em atrito com Oxum, porém restava uma IABÁ. Armou um plano no qual atrairia a mãe das águas até uma floresta para fazer um acordo que satisfizesse ambas lideranças, ao encontrá-la o Orixá agrediu e violentou lemanjá. Magoada e enojada a IABÁ transformou-se em água e jamais foi vista. A liderança feminina perdera sua última líder e a mulher voltara novamente a ser submissa aos homens.

“... a Sociedade Guéléde, a partir de então, teve que submete-se à adesão masculina para poder subsistir.

Ainda assim, o comando das mulheres ficou definitivamente estabelecido.

Somente elas possuem os poderes e os segredos de ajé, devendo, por isso, serem tratadas com grande respeito e consideração. Depois disso, os homens, para participarem da sociedade, teriam de usar as máscaras guéléde, e sua participação ficaria restrita a dançar e a tocar os tambores do ritual.

O objetivo da sociedade, que antes era exacerbar a maldade existente no poder feiticeiro de Iyami, modificou-se desde aí, e as danças, os cânticos e as oferendas feitas em sua homenagem, visam hoje, a aplacar a sua cólera ao em vez de incentivá-la.”
(Ogbebara; 1998:132)

6.4 AJÉ É BRUXA E VELHA

Uma estória narra que Euá sabendo sobre o fim da sociedade Geledé, usando seus poderes de Iyami Ajé resolveu adotar uma forma humana para vingar-se de Orunmilá.

“Iewá era agora uma bela mulher, irresistível a qualquer homem.

Porém, sua beleza só se revelava a noite. De dia assumia a forma

de verdadeira bruxa: recurvada, cheia de rugas, sem dentes e deformada fisicamente.”

(Ogbebara; 1998:162)

Orunmilá ficou enfeitado pela beleza de Euá, passava as noites a amá-la e de dia dormia profundamente manipulado pelas poções e encantamentos que a ajé colocava em suas refeições. Exú que estranhara a falta de notícias do sábio babalaô, saiu pelo mundo a procurá-lo e encontrou o casebre onde ambos viviam, muito esperto observou o que acontecia antes de se aproximar. Apercebera-se que de dia uma velha ficava acorçada próximo a uma árvore e a noite uma bela jovem adentrava na casa, Exú conhecia o poder das ajé e resolveu agir. Sabendo do verdadeiro pavor que Euá nutria por Xaponã e vestiu-se de palha como o orixá da varíola, a Ajé vendo tal criatura pôs-se a correr, era a oportunidade que ele queria. Entrando rapidamente na casa acordou Orunmilá com uma poção mágica e levou-o para fora da casa para que enxergasse quão tolo fora ao submeter-se novamente aos poderes de Iyami.

Vendo a terrível velha Orunmilá decepou-lhe a cabeça, esquivando-se assim de seus feitiços. A aparência da ajé aos poucos foi retornando as belas e juvenis formas de Euá.

“O cadáver de Iewá transformara-se para sempre, na Lua, que, segundo dizem, é fria como a morte. As gotas de suor por ele desprendidas, tocadas pelo vento, transformaram-se nas estrelas. Iewá pôde, desde então, retornar ao Orun e expor sua beleza na vitrine dos céus.” (Ogbebara; 1998:165)

6.5 A SOCIEDADE GELEDÉ NO BRASIL

Os rituais Geledé são realizados para exaltar e favorecer a fertilidade da terra e das mulheres, nele Efe, a representação do pássaro filho, aparece de dentro da floresta. O dia oito de dezembro era escolhido para a procissão, onde são feitos ritos e sacrifícios para Iyami Osorongá. Os adereços e objetos rituais de seu culto, hoje encontram-se no Ilé Axé Opô Afonjá.

Maria Júlia Figueiredo ou Omonike, Iyalaxé do Ilé Iya Nassô foi sua última sacerdotisa no País, detinha os títulos de Iyalode da Casa de Oxum e Erelú, da sociedade Ogboni.

Até o presente momento não tivemos notícias que a sociedade Geledé tenha sido reativada no Brasil, porém ouvimos comentários de um informante que no Estado do Rio de Janeiro existe certo movimento para que isto aconteça.

6.6 IYAMI OSORONGA E A SOCIEDADE OGBONI

A sociedade Ogboni agregava homens e mulheres, seu símbolo representa um casal unido por uma corrente fincada a terra, nítida referência ao culto e aos poderes das Igba-nla. A supremacia feminina é percebida no cumprimento de mão de seus iniciados, pois é com a mão esquerda que também tocam a terra. Recordemos que o lado esquerdo está relacionado aos Eboras e aos ancestrais femininos. Santos recorda:

“ao tempo das revoltas de escravos no séc. XIX, há evidência de remanescentes Ogboni à frente de organizações libertárias entre os escravos nagô.” (apud Luz; 2000:122)

O título de Erelu, encabeça a hierarquia feminina Ogboni.

6.7 A IRMANDADE DA BOA MORTE

A Irmandade da Boa Morte atualmente está instalada na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Primeira confraria negra feminina, uma noviça para ser aceita precisa estar vinculada a alguma Casa de Candomblé, caso aceita sua vocação será testada através de uma iniciação de três anos.

É uma ordem hermética, de difícil acesso e seus rituais secretos são quase inacessíveis aos pesquisadores. Autores como Falcon, Nascimento, Lody têm estudado e levantado hipóteses sobre sua constituição, ritos e procissões públicas que acontecem no mês de agosto.

Um informante soteropolitano afirmou-nos que a Sociedade da Boa Morte é fechada e não foge a regra do silêncio e de mais colher do que plantar.

6.8 IYAMI AGBA: A ANCIÃ DE CABELOS BRANCOS DESPEDE-SE DOS FILHOS.

Sob o aspecto de Ìyámí Agba identificamos Osorongá sob as faces de Odù e Nanã, mães veneráveis e anciãs que se recolhem do mundo, mas jamais deixarão de ouvir seus filhos como vemos no odú Ose Oyekú Igbadú:

Ifá é consultado para Odù que possui um apèrè. O Oráculo pede-lhe que faça uma oferenda para seus filhos e prediz:

“..., você, Odù,
Eles dizem, ela ficará velha, ela ficará uma pessoa velha.
Eles dizem, vai ser dito que sua cabeça será toda branca,
Que ela ficará muito velha.
Eles dizem que ela ficará no mundo,
Que ela não vai morrer rapidamente,

Você, Odù.
 Quando Odù não morre rapidamente,
 Odù está com boa saúde.
 Quando o tempo passa, Odù se torna muito velha.
 Eles devem pedir a palavra a Odù.” (Verger; 1992:85)

A experiência adquirida pela idade avançada concede-lhe o título de Iyalode, chefe suprema nas contendas, por isso todos devem pedir a palavra a Odù.

O itan ainda diz que Odù percebe-se idosa comprometendo suas funções. Reunindo seus quatro conselheiros Obarixá, Obaluaê, Ogum e Oduduwa, afirma que irá partir, porém deixará algo para que seus filhos possam guiar-se nos momentos de dificuldades.

Os quatro conselheiros vêm no mato a cabaça. Nesta parte do texto existe uma divergência nas traduções, pois Gadzanis escreve:

“...estes quatro olharam então para a mata,
 assim eles viram a cabaça coberta de excremento.” (Verger; 1992:86)

Marcondes de Moura afirma:

“...esses quatro então olharam para o mato,
 assim viram a cabaça coberta de excrescências.” (Verger; 1994:66)

A primeira tradução leva-nos a pensar sobre a falta de controle das funções orgânicas própria dos velhos. A Segunda interpretação sugere-nos tumores, saliências no corpo, porém ambas traduções propõe a idéia de deteriorização: a anciã tornou-se estéril.

Ogum colhe a cabaça mais quatro cabacinhas que distribui a cada um dos conselheiros cortada em quatro caminhos. Isto feito Odù fala a eles sobre a união que faz a força e que aceitem sua morte.

Obarixá coloca efun, espécie de pó branco, numa cabacinha e oferece a Odù dizendo-lhe que aceite e coloque a oferenda em seu apèrè, pois todos aqueles que adorarem Oxalá, estarão adorando Odù, porque “...ele e ela. Odù, são uma única coisa.” (Verger; 1994:67)

Obaluaê enche de osùn, um pó vermelho que ele também passa em seu corpo, sua cabaça e presenteia Odù dizendo-lhe:

“...todas as coisas que teus filhos te pedirem,
 eles a receberão todas.
 Se for dinheiro que eles pedirem,
 então ele o fará por eles.
 Aos apelos que seus filhos fizerem,
 ela responderá do interior dessa cabaça,
 pois ela tornou-se idosa.” (Verger; 1994:67)

Ogum também oferta sua cabaça cheia de carvão vegetal para a Grande Mãe dizendo-lhe que através dessa cabaça ela também será adorada e que seus filhos terão saúde.

“...seus filhos não morrerão na infância.
 Ele diz, seus filhos não envelhecerão em meio ao sofrimento”.
 (Verger; 1994:67)

Oduduwa⁷, entrega a Odù sua cabaça repleta de lama e ela aceita. Os poderosos Orixás dizem que no apèrè estão os quatro cantos do mundo. A anciã responde:

“...se seus filhos adoram o apèrè, que é sua,
 eles a adoram assim.

⁷ Entendemos que é um descendente de Odù: Akobi ou Olowu, pois Odù ou Oduduwa é a fundadora de Ilé Ifé. A lama que ele entrega é uma referência a seu parentesco.

Ela diz, as coisas que eles lhe dizem para fazer, elas as fará no bem.
 Ela diz, se eles adoram a cabaça de efun, que é de Obarixá,
 que eles venham adorá-la lá também, ela responderá.
 Ela diz, se eles adoram a cabaça de osùn, ela responderá.
 Ela diz, se eles adoram a cabaça de carvão, ela responderá.
 Ela diz, se eles adoram a cabaça de lama, ela responderá.
 Ela diz, mas se eles tiverem agora trazido o apèrè,
 ela diz, vocês, todos seus filhos, é ela que adorais,
 que queiram vir a adorar num só corpo que ela coloca dentro deste apèrè.
 Desde aquele tempo, com sementes de kola brancas e sementes de kola vermelhas,
 eles adoram Odù.” (Verger; 1992:89)

Desde então é adorada em seu apèrè, casa de Odù, o apèrè Igbadú.

6.9 TRABALHOS PARA APASCENTAR IYAMI

O grande estudioso africanista Pierre Verger em seu livro *Ewé* trata de fórmulas africanas para várias situações e males da vida segundo os duzentos cinquenta e seis odús. Transcrevemos aqui as fórmulas referentes as Iyami, conforme as indicações de Fatumbi.

Os números entre parentêses referem-se ao número da receita relatada no livro e o número da ficha catalogada na Fundação Pierre Verger; o nome e o número à direita referem-se ao odú de Ifá da qual fazem parte.

6.9.1 (262 - 1141) - ÌMÚ NI DI ÌYÀMI TÀBÍ ÀJÉ Ìretè òwónrín, 217

Trabalho para tornar-se Iyami.

Ewé oyóyó	Folha de <i>CORCHORUS OLITORIUS</i> , Tiliaceae (juta)
Ewé èbùré	Folha de <i>CRASSOCEPHALUM RUBENS</i> , Compositae
Ewé àjé òfòlé	Folha de <i>CROTON ZAMBESICUS</i> , Euphorbiaceae
Ewé òpìpì	Folha de <i>ACANTHUS MONTANUS</i> , Acanthaceae (falso-cardo)
Ewé àìdan	Fruto de <i>TETRAPLEURA TETRAPTERA</i> , Leguminosae Mimosoideae
Ose dúdú	Sabão-da-costa
A ó gún um mó ose.	Pilar de sabão-da-costa.
A ó tefá lóri iyèròsùn.	Desenhar o odu em iyèròsùn.
A ó pò ó pò	Misturar.
A ó fi wè	Lavar-se com a preparação.

6.9.2 (265 - 1172) – ÍRÁN ÌYÀMI SÍ ÈNÍYÀN Òsé òsá, 236

Trabalho para fazer as Iyami atacarem alguém

Ewé ejinrin olókun	Folha de <i>IPOMOEA NIL</i> , Convolvulaceae (jeticuçu)
Ewé apàwòfá	Folha de <i>SYNEDRELLA NODIFLORA</i> , Compositae
Ewé òrírá	Folha de <i>LUFFA ACUTANGULA</i> , Cucurbitaceae (bucha-de-purga)
A ó jó o pò,	Queimar tudo.
a ó dà á sórí òkété gbígbe.	
A ó da epo pupa sí.	Despejar sobre o corpo de um sarigüê torrado.
A ó da obì aláwé mérin.	Adicionar azeite de dendê.
A ó fi obì se iwádífí ibi tí a	
ó gbe sí fún àwon iyàmi.	Perguntar com noz de cola onde depositar para as iyami,
[A ó pe ofò rè].	Pronunciando a encantação.

Ejìnrìn Olókun Ejìnrìn de olókun.
Ejìnrìn iwo mà ni awo olókun. Ejìnrìn, você é mesmo o awo de olókun.

6.9.3 (271 – 1189) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das ìyámi.

Èso àkàrà osó Fruto de CNESTIS FERRUGINEA, Connaraceae
Ewé àjé kòbàlé Folha de CROTON ZAMBESICUS, Euphorbiaceae
A ó jó o. Queimar os ingredientes.
A ó fi tefá. A o pe ofò rè. Desenhar o odu na preparação, pronunciando a encantação.
A ó máa lá á pèlú epo De vez em quando lamber
pupa látìgbàdégbà. com azeite de dendê.
Àjé n' ké kára kára Feiticeiras gritam alto
Wón ní eye òrò ló wòlú. Elas dizem que o pássaro do mal já entrou na cidade.
Àkàrà osó kì í jé kí àjé kó pa osó Àkàrà osó não deixa as feiticeiras matarem o feiticeiro.
Àjé kòbàlé ó ní kí eye ó má bà lé mi.
Àjé kòbàlé diz que aquele pássaro não se empoleirá em mim.

6.9.4 (272 - 1191) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das ìyámi.

Ewé àsábá Folha não identificada.
Ewé asoféyeje Folha de RAUVOLFIA VOMITORIA, Apocynaceae
A ó gún un. Moer as folhas.
A ó tefá lórí iyèròsùn. Desenhar o odu em iyèròsùn pronunciando a encantação.
A ó pe ofò rè, a ó dà á pò. Misturar tudo.
A ó máa lá a pèlú epo pupa. Lamber com azeite de dendê.
Asoféyeje bá mi be ìyàmi àjé Asoféyeje, ajude-me a pacificar as ìyàmi, as feiticeiras.
Àsábá bá mi be ìyàmi àjé Asaba, ajude-me a pacificar as ìyàmi.

6.9.5 (273 - 1195) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores de ìyàmi.

Ewé kere yàlè Folha de PANICUM sp., Gramineae
Ewé elémú Folha não identificada
Èyo ataare mésàn Nove grãos de AFRAMOMIUM MELEGUETA, Zingiberaceae
(amomo)
A ó gún un. Moer.
A ó pe ofò rè. Pronunciar a encantação.
A ó fi sín gbéré yípo orùn owó. Fazer incisões ao redor do pulso.
Àjé kò gbodò je kere yàlè. A feiticeira nunca deve comer kere yàlè.
Elémú ó ní kí ìyàmi má lè mú mi. Elèémú diz que a ìyàmi não deve ser capaz de me pegar.

6.9.6 (274 - 1200) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das ìyàmi

Ewé dàgbà Folha de CLERODENDRUM VOLUBILE, Verbenaceae
Ewé ògùn bèrè Folha de LEUCAENA LEUCOCEPHALA, Leguminosae Mimosoideae
Ewé kékétu Folha não identificada.
Ewé ìnìrìrì Folha de DIOSCOREOPHYLLUM CUMMINSI, Menispermaceae (inimirim)
Òrí BYTYROSPERMUM PARADOXUM subsp. PARKII, Sapotaceae (limo-da-
costa)
A ó lò ó. A ó pò ó mó òrí. Moer os ingredientes com limo-da-costa.

A ó pe ofò rè.	Pronunciar a encantação.
A ó máa fi pa ara.	Esfregar a preparação no corpo.
Dàgbà ní dorí ìyàmi àjé	Dágbà sempre guia as ìyàmi, as feiticeiras
Ògùn bèrè bá mi be ìyàmi	Ògùn bèrè, ajude-me a implorar as ìyàmi.
Kékétu kí í jé kí ìyàmi ó bínú	Kékétu nunca deixa as ìyàmi ficarem zangadas.
Ìninirin ó ní kí won	Ìninirin diz que elas devem sorrir
ó máa rín èrín rere sí mi.	favoravelmente para mim.

6.9.7 (275 - 1212) – WÍWÁ ÌYÓNÚ ÌYÀMI Òsá méjì, 10

Trabalho para obter favores das ìyàmi.

Ewé àtìbà	Folha de RHIGIOCARYA RACEMIFERA, Menispermaceae
Ewé pèrègún	Folha de DRACAENA FRAGRANS, Agavaceae (coqueiro-de-vênus nativo)
Ewé ìgbàsèjo	Folha não identificada
Ìgbín	Um caracol
A ó gbélè sí àrin ilé.	
A ó kó gbogbo àwon èlò	Cavar um buraco dentro da casa.
sí i pèlú ìgbbín.	Colocar tudo dentro junto com um caracol.
A ó pe ofò rè.	
A ó wá fi erùpè bò ó.	Pronunciar a encantação e cobrir.
Àtìbà bá mi be ìyàmi àjé	Àtìbà ajude-me a implorar as ìyàmi, as feiticeiras.
Pèrègún ó ni kí ayé mi ó gún	Pèrègún manda que a minha vida seja reta.
Ìgbàsèjo ní kí won	
gbá rere jo fún mi.	Ìgbàsèjo diz que você deve trazer boa sorte para mim.

6.10 A ASA ENCANTADA DE IYAMI ÒSÒRÒNGÀ.

Finalizando este capítulo transcrevemos fragmentos de um conto recriado pelos educadores da Escola Eugênia Ana dos Santos, do Ilé Axé Opô Afonjá, no qual Iyami Òsòròngà espalha seu Axé pela Terra.

“Era uma vez, no princípio da nação Yorubá, Oduduwa reinava segurando o governo de seu povo com mãos de ferro. Os inimigos do rei saqueavam as caravanas que para Ilé Ifé se dirigiam. Os árabes ameaçavam invadir o reino.

Era nos primeiros tempos. Ogum, principal amigo do rei, queria ajudar a construir Ifé. E assim fez. Ogum é a força. Ogum faz. Ogum pega de uma grande mão de pilão e vai à guerra. Leva ao seu lado lansã, a guerreira dos ventos e das tempestades. Vão lutar contra os árabes e vencê-los. As batalhas se sucedem. Ogum e lansã são vencedores. Seus exércitos enchem o reino de Oduduwa de glórias, de tesouros e de prisioneiros. O difícil agora era parar. Ogum e lansã estavam em guerra com o mundo todo. Com as vitórias aumentavam as riquezas do rei para mais da conta e crescia Ilê Ifé. E por outro lado, crescia o sofrimento das mulheres sem marido e a fome e o choro das crianças sem pai.(...)

Foi então que Oxum, a senhora dona das águas doces e da cachoeira, intercedeu pelas crianças e pelas mães sem marido, junto a Yemanjá, a senhora das águas do mar, a mãe de Ogum, o Senhor da guerra. (...)

Yemanjá, mais que depressa, dirigiu-se a lansã, a companheira de Ogum nos campos de guerra. Yemanjá e lansã, ambas mães, logo se entenderam e puseram mãos à obra.

Oxum e Yemanjá transformaram-se em pássaros como no princípio e foram voar pelos caminhos dos guerreiros cantando os ORIN mais lindos. Ogum logo se deu conta das águas. lansã transformou-se também em pássaro encantado. E as águas entraram pelos olhos de Ogum

e ele via Ilê Ifé terminada. E as águas esfriaram a sua vontade de guerra. E os três pássaros encantados voaram juntos. As ayabás encantadas voaram abraçando o mundo com suas asas. E a paz voltou à terra. Ilê Ifé se tornou a cidade da luz.(...)

E a asa do pássaro encantado é exatamente isso, a liberdade, a paz, o Axé.”
(Petrovich & Machado; 2000:39)

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Procuramos nesta fase de nossa pesquisa agregar informações pertinentes ao mito de **Iyami Osorongá**, haja vista até o presente momento só existir o artigo de Verger, “**Esplendor e decadência do culto de Iyami Osorongá Minha Mãe a Feiticeira**” entre os iorubás, escrito especificamente sobre o tema e traduzido em língua portuguesa. Percebemos durante este período que as informações fragmentadas são extensas quando contextualizadas nos rituais do candomblé, porém tentamos nos ater aos mitos procurando não adentrar nos rituais mágicos.

Minha Mãe Òsòròngà é o coletivo ancestral feminino, sua invocação é perigosa dado o princípio caótico e anárquico que constituiu a construção do planeta: **o ar, água, terra e fogo evocados em sua forma potencializada prestes a gerar o planeta Terra**. Ao ser conjurada traz em suas insígnias todas as qualidades míticas das Orixás - inclusive das que não são mais cultuadas no Brasil, por isso o costume entre os iniciados no Candomblé de tocar com a ponta dos dedos o chão ao proferir seu nome, sinal de respeito perante a **Mãe Natureza em sua Plenitude Geradora e Destrutiva**. Representando tal poder, têm de ser e estar sempre apaziguada para continuar gerando a vida.

A consciência da paternidade apareceu progressivamente a partir do neolítico, no quinto milênio entre os egípcios e os indo-europeus, e resultou em profundas transformações nas esferas social, sexual e religiosa dos povos primitivos. O núcleo social que hoje denominamos de família ainda não era constituído e os primeiros aspectos de parentesco apareceram sob a forma de uma relação entre gerações: todas as pessoas da geração anterior eram chamadas de “mãe” ou “pai”. (Dupuis; 1989:11)

O casamento entre irmãos, percebidos nos contos sobre Odù e Euá, são de uma antigüidade imemorial e sua inserção na mitologia é apenas um reflexo da realidade social da época.

“as uniões sexuais faziam-se entre irmãos e irmãs classificatórios,
que eram tão numerosos quanto os pais e as mães, uma vez que se confundiam,
sob os mesmos nomes, irmãos e primos, irmãs e primas.”
(Dupuis; 1989:12)

Uma referência a transição do matriarcado para o patriarcado é notada no **odú Òsá Méji**:

**“... Orunmilá consulta Ifá para Orixá.
Ele diz, esta terra se tornará sua,
Ele diz, mas deve ter paciência.
Ele diz, se ele tem paciência,
Ele diz, a adoração se tornará sua.
Ele diz, aquela que carrega o poder da mulher,
Ele diz, vai exagerar.
Quando ela tiver exagerado,
Ele diz, ela se tornará sua serva, Orixá,
Ela virá submeter-se a você.
Orixá compreende, terá paciência”.**

(Verger; 1992:70)

As divergências encontradas num mesmo mito, como por exemplo **lemanjá** parindo os demais Orixás, são emergências devido o fator temporal e espacial na expansão da diáspora africana e afro-descendente, o que nos levaria a outra pesquisa.

Em nossa sociedade patriarcal contemporânea, constituída em núcleos como família, escola, clubes, associações, etc., os resquícios das antigas sociedades matrilineares foram camuflados ou

abolidos. No candomblé o cargo supremo de Mãe de Santo ou lalorixá¹ remete a resquícios do matriarcado quando o poder da mãe era único e indiscutível por sua autoridade e poder natos.

O mito de **Iyami Òsòròngà** é tão antigo quanto a história da espécie humana.

Até o presente momento notamos que o mito de **Iyami Òsòròngà** é conhecido apenas entre os iniciados com maior tempo no candomblé. É sabido que muitos **ebós** (sacrifícios) têm de ser oferecidos primeiro a **Exú** e depois a ela, com, por exemplo, no **Ipade**¹:

“Reúne-se o egbe para invocar todos os ancestrais ilustres e convocar todas as forças do orun através de Exu para que Íyàmi, nossas mães ancestrais, representando Igba nlá, a terra, a grande cabaça, receba e redistribua a restituição do axé capaz de promover novos nascimentos, e permitir a expansão da vida, afastando as forças nocivas que obstaculizam a plenitude do existir”.

(Luz; 2000:460)

A cerimônia do **Ipade** é realizada nos candomblés de Salvador e de São Paulo, portanto tais comunidades absorveram o mito e procuram harmonizar tal divindade.

O acesso a Irmandade da Boa Morte não foi possível durante este período. O professor Ordep Serra sugeriu-nos, através de contato telefônico, que uma pesquisa sobre a Irmandade e seus ritos poderia estar inserida em nível de doutoramento, mesmo assim alertou-nos que o tempo da academia é diferente do tempo do povo-de-santo. Em outras palavras, tal trabalho denotará muitos anos de pesquisa de campo.

Os Babalaôs, filhos de Orunmilá, por sua estreita relação com Iyami respeitam-na, porém possuem uma visão mais nítida e aberta sobre sua energia, nem tão nefasta assim. Como nos falou certa vez Fáyiomí: **“Cuidado pra não manter a visão de bruxa que todos dão a Ela!”** ou quando perguntamos a **Ogunjimmy** (com todo respeito) sobre **Iyami** e ele respondeu-nos: **“Ah... Òsòròngà!”**, como um filho que fala de um parente muito próximo.

A Sagrada Mãe e seus ritos são envolvidos por muitos tabus, pois a mãe que concebe pode decidir (hoje eticamente) sobre a interrupção da gravidez ou não. Atentemos para o fato de que na Pré-História o crescimento demográfico era subjugado há:

“A incerteza de uma alimentação que provinha unicamente da caça e da coleta, a elevada mortalidade infantil e, às vezes, as epidemias”.

(Dupuis; 1989:28)

O parto de uma criança dá-se muitas vezes através do sofrimento materno expresso através de gritos, choro e o recém nascido ao ser expelido através da vagina dilacerada da mulher tem seu corpo recoberto de sangue materno, tais cenas sempre assustaram aos homens.

O frágil ser humano recém-nascido é totalmente dependente dos cuidados da mãe para alimentar-se, aquecer-se e crescer. Nas hordas pré-históricas o tempo de vida era calculado em torno dos 30 a 40 anos conforme revela a necrópole epipaleolítica de Columnata (Argélia Ocidental) nas quais os esqueletos encontrados mostram que aproximadamente um terço dos indivíduos ultrapassou a idade de trinta anos, portanto as comunidades pré-históricas eram compostas por:

“Bandos de crianças e adolescentes guiados por uma minoria de adultos. O ser humano, quando atingia a adolescência mal vivia o tempo de procriar. (...) Para esses adolescentes fadados à morte prematura, a acumulação de uma experiência transmissível pela educação era muito reduzida”.

(Dupuis; 1989:29)

Nas sociedades contemporâneas pertence a professora, muitas vezes chamada de **“tia”**, a iniciação da criança nos processos cognitivos que implicarão em seu desenvolvimento e crescimento futuro. Tia é uma denominação de parentesco, irmã da mãe, portanto extensão dos domínios sanguíneos da mesma.

Beier exclama:

¹ Suprema sacerdotisa e orientadora do cerne social chamado Ilê, Egbe ou casa

¹ Ou Padê, reunião.

“Toda mulher é ajé, porque as iyàmì controlam o sangue das regras das mulheres. As ‘mães’ podem fazer as regras cessar ou podem provocar hemorragias. Assim, as ‘mães’ controlam todas as mulheres por meio destes poderes místicos”. (apud Verger; 1992:34)

O Axé de **Iyami Òsòròngà** e, por conseguinte de todas as mulheres é o seu **poder de gerar e criar**, entretanto se todas as mulheres decidissem usar métodos contraceptivos ou abortivos, a espécie humana estaria fadada a extinção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge e CARIBÉ – *Mural dos Orixás*. Raízes Artes Gráficas. Salvador, Bahia, 1979.
- ARAUJO, Emanuel – *Afro-Brasilianische Kultur und Zeitgenössische Kunst = Art in Afro-Brazilian Religion = Arte e religiosidade afro-brasileira*. Câmara Brasileira do Livro. São Paulo, 1994.
- ARAUJO, Ubiratan Castro – *A guerra da Bahia*. CEAO/UFBA, Salvador, 2001.
- ASANTE, Kariam Welsh – *Commonalities in African Dance: an aesthetic foundation*. In African Culture: the rhythms of Unity. African World Press Inc. Trenton, N.J. Third, 1983.
- BARBARA, Rosa Maria Susanna – *A dança do vento e da tempestade*. Dissertação de mestrado. UFBA. Salvador, Bahia 1995.
- BRAGA, Julio – *Oritamejí: o antropólogo na encruzilhada*. Universidade Estadual de Feira de Santana, BA/BR, 2000.
- DUPUIS, Jacques - *Em nome do pai*. Martins Fontes. SP/BR, 1989.
- ELBEIN, Juana – *Os nagôs e a morte*. Editora Vozes, RJ/BR, 1998.
- ESCALADA, Fábio & FILHO, Nelson Pires – *Búzios, a interpretação dos segredos*. Madras. SP/SP, 2001.
- MORIN, Edgar – *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand Brasil, RJ/BR, 2001.
- Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez, SP/BR, 2000.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes – *Leopardo dos olhos de fogo*. Ateliê editorial – S.Paulo, 1998. 168p.
- _____ (org.) - *As senhoras do pássaro da noite: escritos sobre a religião dos Orixás*. EDUSP, SP/BR, 1994.
- LASEBIKAN, Ebnezal L. – *Curso de Yoruba. (mimeografia)* CEAO/UFBA, BA/BR, 1963.
- LUZ, Marco Aurélio – *Agadá: dinâmica da civilização Africano-Brasileira*. EDUFBA, BA/BR, 2000.
- OGBEBARA, Awofa – *Igbadú*. A cabaça da existência. Ed. Pallas, RJ/BR, 1998.
- PETROVICH, Carlos & MACHADO, Vanda - *Ilê Ifé: o sonho do Iáô Afonjá (mitos Afro-brasileiros)*. EDUFBA, BA/BR, 2000.
- PRANDI, Reginaldo - *Origens do candomblé, suas variantes e nações*. In Herdeiras do Axé, Idem. Hucitec. SP/BR, 1996.
- _____ - *Mitologia dos Orixás* – Cia. Da Letras, SP/BR, 2001.
- RISÉRIO, Antonio – *Flores da fala*. In Oriki Orixá, Idem. Perspectiva, SP/BR, 1996.
- RODRIGUES, Nina – *Os africanos no Brasil*. Cia. Editora Nacional. Ed. Univ. de Brasília. 6ª. edição, 283 pág. 1982.
- SANTOS, Deoscóredes M. dos (Mestre Didi) – *Porque Oxalá usa ekodidé*. Pallas. RJ/BR, 1997.
- VERGER, Pierre – *Esplendor e decadência do culto de Iyàmì Òsòròngà, minha mãe feiticeira, entre os iorubas*. In Artigos – Tomo I, Idem. Corrupio. BA/BR, 1992.
- _____ - *Grandeza e decadência do culto de Iyàmì Òsòròngà (minha mãe feiticeira) entre os Yorubá*, 1965. In *As senhoras do pássaro da noite*. MOURA, Carlos Marcondes (org.) –EDUSP. SP/BR, 1994.
- _____ - *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. Corrupio. Salvador, BA/BR, 1997.
- _____ - *Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá*. Cia. das Letras, SP/BR, 1996.

SITES

FALCON, Gustavo – *Irmandade da Boa Morte*.

<http://www.geocities.com/Wellesley/4328/historia.htm>

HERZOG, Íris Hahner – *Im Zeichen der "Mütter": der Geledé-Bundder Yorubá.*

<http://www.mvblind.uni-linz.ac.at/afrika/katalog/node79.htm>

ITAOMAN, Mestre. *A casa de Ifá.* www.members.xoom.com/_XMCM/okanimo/ifa.htm

PRANDI, Reginaldo – *Conceitos de vida e morte no ritual do axexê: tradição e tendências recentes dos ritos funerários no candomblé.*

<http://www.candomble.com/htmlpt/asesept.htm>

SOUZA, André Ricardo e SOUZA, Patrícia Ricardo. *Oxum na mitologia afro americana.*

<http://www.candomble.com/htmlpt/oxumpt.htm>.

TÍTULOS DE ÌYÀMÌ

Ìyàmì-Òsòróngà = Poderosa Mãe cultuada na Sociedade Osorongá.

Ìyàmì-Ajé = Poderosa Mãe administradora do Poder Sobrenatural. Título em alusão quando seu culto é realizado na LUA NOVA na finalidade de utilização dos poderes sobrenaturais em defesa a uma agressividade (feitiço), ou relacionado aos projetos, ideais, envolvimento e recolhimento de Yawo. "Por ser o ciclo mais escuro da lua". Ìyàmì-Eleye = Poderosa Mãe Proprietária dos Pássaros.

Ìyàmì-Oduwà = Poderosa Mãe proprietária do recipiente da existência (o mundo). Oduwà = Recipiente Negro Existencial (A Terra figurativamente Negra)

Ìyàmì-Odu = Recipiente – Útero – Cabaça – O Planeta – Ovo – Esfera existencial.

Ìyàmì-Alaiye = Poderosa Mãe proprietária de toda extensão Terrestre.

Ìyàmì-Ekunlaiye = Poderosa mãe que inunda a Terra com Água...

Ìyàmì-Iyemonja = Poderosa Mãe senhora que possui muitos filhos como cardumes de Peixes. "Uma alusão a sua qualidade anfíbia a quantidade de ser humanos existentes na terra comparada aos peixes no Mar". (Título relacionado a Egun e não a Ogun como muitos erradamente afirmam)

Ìyàmì-Iyemowo = Poderosa Mãe que é o próprio dinheiro de suas filhas (búzios). "uma alusão a grande quantidade de búzios que utiliza em suas roupas" (Título que é cultuada no culto de Orisanlá).

Ìyàmì-Omolu = Poderosa Mãe a filha sagrada de Deus. (Título que é cultuada ao lado de Obaluwaiye)

Ìyàmì-Omolulu = Poderosa Mãe rainha das formigas. "Uma referencia ao fato de esta associada ao subsolo (Título que é também cultuada no culto de Obaluwaiye).

Ìyàmì-Ori ou Iya-Ori = Poderosa Mãe das Cabeças. "Uma alusão ao fato de está relacionada aos rituais de sacrifício animal sobre uma cabeça". (Título que é também cultuada nos ritos de Bori).

Ìyàmì-Buruku = Poderosa Mãe Antiga. Uma referencia ao planeta na sua antiguidade existencial.

Ìyàmì-Agba = Poderosa Mãe ancestral associada ao poder feminino.

Ìyàmì-Ako = Poderosa Mãe que é o pássaro Ako. Título referente ao 3o dia da lua cheia e a seu culto exatamente na sociedade das Geledes.

Ìyàmì-Iyelala = Poderosa Mãe senhora dos sonhos. (relacionada a revelação de situações através de sonhos).

Ìyàmì-Ayala = Poderosa Mãe esposa daquele que é o Céu. "Uma referencia ao fato da Terra ser coberta pelo Céu o próprio Oorisanlá".

Ìyàmì-Onilé = Poderosa Mãe proprietária da Terra. "Título referente a reverencia e aos rituais realizados dentro da terra". Outra referencia é ao fato de ser o lugar mais próprio de se cultuar toda classe de espíritos, na qual Ela é a grande apaziguadora desses espíritos ou forças rebeldes. Numa única função de tranquilizar, apaziguar ou neutralizar qualquer tipo de força oculta agressiva.

Òdu-Logboje = Cabaça Existencial no Universo. Uma referencia ao planeta Terra.

Ìyàmì-N'la = Poderosa grande Mãe. Uma referencia a grandeza do planeta Terra e seu culto elementar. Título que plagia o título de Orisa'nlá.

Ìyàmì-Asiwòró = Poderosa Mãe canalizadora das energias nos ritos tradicionais.

Ìyàmì-Osupa = Poderosa Mãe que controla as força da lua.

Ìyàmì-Petekun = Poderosa Mãe que é povoada. Uma referencia a relação com Èsu. Ìyàmì-Ako = Nome de Ìyàmì dentro da sociedade Gelede, título que assume o posto de primeira Dama desta sociedade.

Ìyàmì- Egeleju = Poderosa Mãe dos olhos delicados.

Ìyàmì-Eleje = Poderosa Mãe proprietária do fluxo da vida (sangue).

Ìyàmì-Oru-Alé = Poderosa Mãe da madrugada ou Noite.

Ìyàmì-Oga Igi= Poderosa Mãe que faz o alto das árvores de tronco. Uma referencia ao fato dos Pássaros pousarem no cume das grandes árvores.

Ìyàmì-Ilunjó = Poderosa Mãe que dança o ritmo da morte. Uma referencia ao ritmos tocado para Ogun "Aquele que dança o ritmo da morte".

Ìyàmì-Elesenu = Poderosa Mãe Proprietária de todos os órgãos internos (vísceras). Ìyàmì-Apaki = Poderosa Mãe que mata. Uma referencia ao fato que no decorrer da vida acontece a morte.

Ìyàmì-Naré = Poderosa que o próprio ventre.

Ìyàmì-Araiye = Poderosa Mãe que controla todos os espirito da Terra (encarnados e desencarnados).

Ìyàmì-Koko = Poderosa Mãe Anciã. Uma referencia a antigüidade do planeta.

Ìyàmì-Kekere = Poderosa Mãe pequena do universo. Uma referencia ao fato de Iyami ser a administradora da vida no planta auxiliando Olodumare (Deus).

Ìyàmì-Olotójú = Poderosa Mãe que espia do alto. Uma referencia ao fato dos pássaros pairarem no Ar e observarem tudo de cima.

Ìyàmì-Arajado = Poderosa Mãe que olha para o Céu. Uma referencia ao fato da Terra esta coberta pelo Céu.

Ìyàmì-Oloriyàmi = Poderosa Mãe proprietária das águas. Uma referencia aos Mares e a água do útero.

Ìyàmì-Mase malè (Abrev.: Iyamase malè) = Poderosa mãe que não permite o mal chegar na noite... Uma alusão as noites que sobrevoa na sua forma de pássaro nos lugares em que é invocada e reverenciada com louvores e saudações. Título este muito reverenciada nas rodas de Sango (Egungun) quando e enquanto dançam em volta da fogueira ao Ar livre, fato memorável ao poder sobrenatural que possibilita Sàngó como o grande Egungun (ancestral) voltar à Terra possuindo seus Eleguns durante as festividades.

Proibida a reprodução total ou parcial deste texto.

"..ÀSÈ IJÉSÀ ÈGBÈ ÒMÒ L'ÒDÈ LÒGÚN EKÚN KIBO IYEOSUN.." Prof e Bàbálòrisà : Wagner K.S. TI OLÒGÚN BAIRRO : JARDIM BOM RETIRO - SÃO GONÇALO - RJ. TEL; 021 - 9667-2994

ILÈ ÀSÈ ÒSÚN BÚLÒDÈILÈ ÀSÈ ÒSÚN BÚLÒDÈ

AS GUELEDÉS PARTE I

Este tem como finalidade o resgate da nossa cultura espiritual, é sabido de todos que, os nossos orixás não se restringem apenas nestes poucos 16 que são cultuados em nosso país, assim como sabemos que muitos cultos que aqui chegaram, já não são mais praticados, tais como, o culto as "**GELEDES**", a festa do orixá "**OKO**" entre outros cultos... Venho, pois, através deste espaço após longos anos de pesquisas, tentar resgatar um pouco desse culto chamado "**GELEDES**", começarei com matérias escritas e divulgadas em alguns artigos aqui no Brasil, mais tarde pretendo apresentar a vocês as coisas que adquiri em viagens e com pessoas antigas, e até mesmo pesquisas internacionais. Pretendo ainda estender alguns fundamentos importantes para pessoas que estarei selecionando. Tais como, Assentamento de **Iyami Osorongá**, suas qualidades (Nomes delas), o que aceitam como oferendas, Cantigas lindas de grande fundamento, Orikis, ofós, Ebós diversos. Gostaria de aproveitar o ensejo, e indicar-lhes que leiam o Livro "Igbadú - A Cabaça da existência" do Babalawo Adilson D'osala (Ogbebara) e "Candomblé - A panela do segredo - Pai Cido de Òsun Eyin" e conhecerão o que realmente vem a ser o Culto de Orisás", leiam também "Artigos Tomo I" de Pierre Verger.

Origem e história

Iyá Mi Osorongá (Ìyá Mi Osorongà) é a síntese do poder feminino, claramente manifesto na possibilidade de gerar filhos e, numa noção mais ampla, de povoar o mundo. Quando os iorubás dizem "nossas mães queridas" para se referirem às **Iyá Mi**, tentam, na verdade, **apaziguar os poderes terríveis dessa entidade**. Donas de um axé tão poderoso quanto o de qualquer orixá, as Iyá Mi tiveram seu culto difundido por sociedades secretas de mulheres e são as grandes homenageadas do famoso festival **Gèlèdè**, na Nigéria, realizado entre os meses de março e maio, que antecede o início das

chuvas do país, remetendo imediatamente para um culto relacionado à fertilidade. Poder procriador tornaram-se conhecidas como as senhoras dos pássaros e sua fama de grandes feiticeiras as associou à escuridão da noite; por isso também são chamadas de **Eleyé** e as corujas são seus maiores símbolos. A sua relação mais evidente é com o poder genital feminino, que é o aspecto que mais aproxima a mulher da natureza, ou seja, dos acontecimentos que fogem à explicação e ao controle humano. Toda mulher é poderosa porque guarda um pouco da essência das **Iyá Mi**; a capacidade de gerar filhos expressa nos órgãos genitais femininos, sempre assustou os homens e as cantigas entoadas durante o festival **Gèlèdè** fazem alusão a esse terrível poder - **que não pertence apenas às Iyá Mi, mas a qualquer mulher**. Mãe destruidora, hoje te glorifico:

O velho pássaro não se aqueceu no fogo.

O velho pássaro doente não se aqueceu ao sol.

Algo secreto foi escondido na casa da Mãe...

Honras à minha Mãe!

Mãe cuja vagina atemoriza a todos.

Mãe cujos pêlos púbicos se enroscam em nós.

Mãe que arma uma cilada, arma uma cilada.

Mãe que tem potes de comida em casa.

As mães são compreendidas como a origem da humanidade e seu grande poder reside na decisão que tomar sobre a vida de seus filhos. **É a mãe que decide se o filho deve ou não nascer e, quando ele nascer, ainda decide se ele deve viver**. A mulher, especialmente nas sociedades antigas, tinha inúmeros recursos para interromper uma gravidez. E, até os primeiros anos de vida, uma criança depende totalmente de sua mãe; se faltarem seus cuidados a criança não vinga. Em síntese, todo ser humano deve a vida a uma mulher. Se todas as mulheres juntas decidisses não mais engravidar, a humanidade estaria fadada a desaparecer. Esse é o poder de Iyá Mi: mostrar que todas as mulheres juntas decidem sobre o destino dos homens.

Mãe todo-poderosa, mãe do pássaro da noite.

Grande mãe com quem não ousamos coabitar

Grande mãe cujo corpo não ousamos olhar

Mãe de belezas secretas

Mãe que esvazia a taça

Que fala grosso como homem,

Grande, muito grande, no topo da árvore iroko,

Mãe que sobe alto e olha para a terra

Mãe que mata o marido mas dele tem pena.

Iyá Mi é a sacralização da figura materna, por isso seu culto é envolvido por tantos tabus. Seu grande poder se deve ao fato de guardar o segredo da criação. Tudo que é redondo remete ao ventre e, por conseqüência, as Iyá Mi. O poder das grandes mães é expresso entre os orixás por Oxum, Iemanjá e Nanã Buruku, mas o poder de Iyá Mi é manifesto em toda mulher, que, não por acaso, em quase todas as culturas, é considerada tabu. As denominações de Iyá Mi expressam suas características terríveis e mais perigosas e por essa razão seus nomes nunca devem ser pronunciados; mas quando se disser um de seus nomes, todos devem fazer reverências especiais para aplacar a ira das Grandes Mães e, principalmente, para afugentar a morte. As feiticeiras mais temidas entre os iorubás e nos candomblés do Brasil são as **Ajé** e, para referir-se à elas sem correr nenhum risco, diga apenas **Eleyé**, Dona do Pássaro. O aspecto mais aterrador das Iyá Mi e o seu principal nome, com o qual tornou-se conhecida nos terreiros, é Oxorongá, uma bruxa terrível que se transforma no pássaro de mesmo nome e rompe a escuridão da noite com seu grito assustador. As Yíá Mi são as senhoras da vida, mas o corolário fundamental da vida é a morte. Quando devidamente cultuadas, manifestam-se apenas em seu aspecto benfazejo, são o grande ventre que povoa o mundo. Não podem, porém, ser esquecidas; nesse caso lançam todo tipo de maldição e tornam-se senhoras da morte. O lado bom de Iyá Mi é expresso em divindades de grande fundamento, como Apaoká, a dona da jaqueira, a verdadeira mãe de Oxóssi.

Dizem que o deus caçador encontrou mel aos pés da jaqueira e em torno dessa árvore formou-se a cidade de Kêtu. Os assentamentos de Iyá Mi ficam junto a grandes árvores como a jaqueira e geralmente são enterrados, mostrando a sua relação com os ancestrais, sendo também uma nítida representação do ventre. As Iyá Mi, juntamente com Exú e os ancestrais, são evocadas nos ritos de Ipadé, um complexo ritual que, entre outras coisas, ratifica a grande realidade do poder feminino na hierarquia do Candomblé, denotando que as grandes mães é que detém os segredos do culto, pois um dia, quando deixarem a vida, integrarão o corpo das Iyá Mi, que são, na verdade, as mulheres ancestrais.

[Candomblé - A panela do segredo - Pai Cido de Òsun Eyin]

Ao tomar a iniciativa de estar divulgando alguns dados sobre o nosso culto, eu já esperava críticas de alguns adeptos do Candomblé, adeptos estes que aceitam pacificamente as respostas dadas pelos que nada sabem e dizem "Ainda não é o tempo para você aprender isso", daí continuando no abitolamento espiritual e estagnados. Querem realmente saber? Os que dão estas respostas, nada sabem, ou melhor, quase nada, pois, nunca sabemos tudo, mas sim, parte deste tudo! As pessoas que visitarem este site e desejarem alguma informação a mais, tipo cantigas, rezas Orôs, entrem em contato com meu e-mail que se encontra na parte inferior desta página. Repito, iniciarei com matérias e artigos publicados em nosso país, daqui a duas semanas estarei esquentando as informações com as minhas pesquisas. Quando se pronuncia o nome de Iyami Osorongá quem estiver sentado deve se levantar, quem estiver de pé fará uma reverência, pois esse é um temível Orixá, a quem se deve respeito completo. Pássaro Africano, **Osorongá** emite um som **onomatopaico** de onde provém seu nome. É o símbolo do Orixá Iyami, ai o vemos é a dona da barriga e não há quem resista aos seus ebós fatais, sobretudo quando ela executa o **Ojiji**, o feitiço mais terrível. Com Iyami todo cuidado é pouco, ela exige o máximo respeito. Iyami Osorongá, bruxa que é um pássaro. As ruas, os caminhos, as encruzilhadas pertencem a Esu. Nesses lugares se invoca a sua presença, fazem-se sacrifícios, arriam-se oferendas e se lhe fazem pedidos para o bem e para o mal, sobretudo nas horas mais perigosas que são ao meio dia e à meia-noite, principalmente essa hora, porque a noite é governada pelo perigosíssimo Odu Oyeku Meji. À meia-noite ninguém deve estar na rua e é por este motivo que impedimos que os Yawo's transitem pelas ruas a este hora, principalmente em encruzilhada, mas se isso acontecer deve-se entrar em algum lugar e esperar passar os primeiros minutos. Também o vento (afefe) de que Oya ou Iansan é a dona, pode ser bom ou mau, através dele se enviam as coisas boas e ruins, sobretudo o vento ruim, que provoca a doença que o povo chama de "ar do vento". Ofurufu, o firmamento, o ar também desempenha o seu papel importante, sobretudo á noite, quando todo seu espaço pertence a Eleiye, que são as Ajé's, transformadas em pássaros do mal, como Agbibgó, Elùlú, Atioro, Osorongá, dentre outros, nos quais se transforma a Ajé-mãe, mais conhecida por Iyami Osorongá. Trazidas ao mundo pelo odu Osa Meji, as Ajé, juntamente com o odu Oyeku Meji, formam o grande perigo da noite, são mantidas pela sociedade secreta feminina, da qual o elemento Homem sempre se manteve fora, excluído, pois desta sociedade a descendem do poder feminino. Eleiye voa espalmada (com as asas totalmente aberta) de um lado para o outro da cidade, emitindo um eco que rasga o silêncio da noite e enche de pavor os que a ouvem ou vêem. Todas as precauções são tomadas. Se não se sabe como aplacar sua fúria ou conduzi-la dentro do que se quer, a única coisa a se fazer é afugentá-la ou esconjura-la, ao ouvir o seu eco, dizendo **OYA OBE L'ORI (que a faca de Iansan corte seu pescoço)**, ou então **FO, FO, FO** (voe, voe, voe). Em caso contrário, tem-se que agradá-la, porque sua fúria é fatal. Se é num momento em que se está voando, totalmente espalmada, ou após o seu eco aterrorizador, dizemos respeitosa **A FO FAGUN WO'LU** (saúdo a que voa espalmada dentro da cidade), ou se após gritar resolver pousar em qualquer ponto alto ou numa de suas árvores prediletas, dizemos, para agradá-la **ATIORO BALE SEGE SEGE** (saúdo Atioro que pousa elegantemente) e assim uma série de procedimentos diante de um dos donos do firmamento à noite. Mesmo agradando-a não se pode descuidar, porque ela é fatal, mesmo em se lhe felicitando temos que nos precaver. Se nos referimos a ela ou falamos em seu nome durante o dia, até antes do sol se pôr, fazemos um X no chão, com o dedo indicador, atitude tomada diante de tudo que representa perigo. Se durante à noite corremos a mão espalmada, à altura da cabeça, de um lado para o outro, afim de evitar que ela pouse, o que significará a morte. Enfim, há uma infinidade de maneiras de proceder em tais circunstâncias.

"NÃO SE PODE COMPREENDER A CULTURA DUM POVO SEM CONHECER A SUA HISTÓRIA PARA CONHECER A HISTÓRIA DUM POVO É PRECISO CONHECER A HISTORIA DOS SEUS GRANDES HOMENS AQUELES QUE FIZERAM A HISTÓRIA DO SEU POVO E DETERMINARAM SEU DESTINO NÓS SOMOS APENAS SEGUIDORES ETERNOS COPIADORES".

Como disseram Caribé e Fatumbi

Um balalaô me contou:

"Antigamente, os orixás eram homens.

Homens que se tomaram orixás por causa de seus poderes.

Homens que se tomaram orixás por causa de sua sabedoria.

Eles eram respeitados por causa da sua força.

Eles eram venerados por causa de suas virtudes.

Nós adoramos sua memória e os altos feitos que realizaram.

Foi assim que estes homens se tomaram orixás.

Os homens eram numerosos sobre a terra.

Antigamente, como hoje, muitos deles não eram valentes nem sábios.

A memória destes não se perpetuou.

Eles foram completamente esquecidos.

Não se tomaram orixás.

Em cada vila um culto se estabeleceu sobre a lembrança de um ancestral de prestígio e lendas foram transmitidas de geração em geração para render-lhes homenagem."

(in "As lendas africanas dos orixás")

ILÈ ÀSÉ ÒSÚN BULÒDÈILÈ ÀSÉ ÒSÚN BULÒDÈ

GELEDES (PARTE II)

Segundo os mitos da tradição afro-descendente, já que o mito é o discurso em que se fundamentam todas as justificativas da ordem e da contra-ordem social negra, a luta pela supremacia entre os sexos é constante, simbolizada na ìgbá-dù (cabaça da criação), já que o òrìsà Yemoja Odùà, princípio feminino de onde tudo se cria - representação coletiva das ìyámì ou mães ancestrais, é a metade inferior da cabaça e Obatalá ou Òsààlà, princípio masculino, a metade superior. A relação Odùà/Obatalá, entendida simbolicamente, não representa uma simples relação de acasalamento do princípio feminino com o masculino. Há um princípio de completude do outro, de que a vida se constrói de mãos dadas e de que cada um de nós à medida em que estabelece esta relação, estabelece um elo mais completo com as coisas que estão à volta. Significa todo um processo de equilíbrio e de harmonia. Para se entender bem tal relação, se faz necessário situar as mulheres do ritual GÈLÈDÈ , que representam o culto às ÌYÁMÌ, as grandes mães ancestrais, encabeçadas por Nàná ,Yemoja Odùà, Òsun Ijimu, Òsun Ìyánlá,Yewa e Oya. ODÙA simboliza a grande representante do princípio feminino, sendo o elemento responsável por todo o poder criador, do poder das mulheres, liderando o movimento das ÌYÁMÌ, grandes mães ancestrais, que tudo criaram, transformaram e transmutaram desde o princípio dos princípios da formação do universo. A sociedade GÈLÈDÈS, que já existiu no Brasil, é um ritual de mulheres que vestem panos coloridos - diferentes panos mostrando diferentes procedências. São as diferentes raízes que as pessoas podem ter na maternidade. A máscara ÈFÈ-GÈLÈDÈ que cobre a cabeça da mulher vai representar o mistério, o maravilhoso, na cultura negra. O uso da máscara significa o símbolo de outro espaço, um espaço vivo, um espaço invisível que não se conhece, mas sente-se! No Brasil esta sociedade existiu, sua última sacerdotisa suprema foi Omó níké Ìyálóde-Erelú que tinha o nome católico Maria Julia Figueiredo, uma das Ìyálàse do Ilè Ìyá-Nàsó , com sua morte cessaram-se as festividades, que eram realizadas no bairro da Boa Viagem. O propósito da sociedade GÈLÈDÈ é propiciar os poderes míticos das mulheres, cuja boa vontade deve ser cultivada porque é essencial a continuidade da vida para esta sociedade. Sem o poder feminino, sem o princípio de criação não brotam plantas, os

animais não se reproduzem, a humanidade não tem continuidade. Assim, o princípio feminino é o princípio da criação e preservação do mundo sem a mulher não existe vida, sendo, segundo os mitos, ser reverenciada e respeitada pelos orixás e pelos homens. As GÈLÈDÈ e suas máscaras se tornam uma metáfora, sendo uma linguagem para a mãe natureza. O GÈLÈ é um símbolo das GÈLÈDÈ porque personifica o útero, pois ele carrega as crianças e as protege. Através das Ìyámi (mães ancestrais) a arte das máscaras é usada para aglutinar as pessoas que se relacionam como filhos de uma mesma mãe, fazendo com que o espírito se manifeste através desta máscara, seguindo e alimentando o espírito humano. Representam o não uso da violência para resolver questões. Nas culturas negras a mulher está presente em todos os lugares. As máscaras tem grande importância na vida religiosa, social e política da comunidade, mostrando as diferentes categorias de mulher:

- Mulher secreta - ligada ao divino, serve como passagem e receptáculo do sagrado no mundo dos vivos, por gerar frutos.
- Mulher símbolo político - não usa violência para resolver as questões, aglutinando as pessoas, vivendo o cotidiano.
- Mulher sagrada - símbolo de todos os tempos, pois está virada para o futuro, sempre vulnerável e frágil, mas é aquela que abre o céu (Ò run) e deixa lugar para a mudança, o futuro, para a transformação.

A sexualidade da mulher negra faz parte da sua essência de princípio feminino, sendo muitos os mitos que representam a função e o papel mulher vista como útero fecundado, cabaça que contem e é contida, responsável pela continuidade da espécie e pela sobrevivência da comunidade. Não se encontra pecado nesta sexualidade. Através das ÌYÁ as comunidades - terreiros se constituam num verdadeiro sistema de alianças. Desde a simples condição de irmão de santo até a mais complexa organização hierárquica, há o estabelecimento de um parentesco comunitário, como uma recriação das linhagens e da família extensiva africana. Os laços de sangue são substituídos pelos de participação na comunidade, de acordo com a antiguidade, as obrigações e a linhagem iniciática. Todos estão unidos por laços de iniciação às divindades cultuadas, aos demais iniciados, às autoridades, aos antepassados e aos ancestrais da comunidade. Através do rito se tem todo um sentido de manifestação das mulheres do grupo: rodando, dançando, se integrando com o cosmos, mostrando que temos consciência de que somos elementos dinâmicos, de que o movimento da roda - já que as mulheres são os elementos que dançam em círculo - representa o altar da criação, da vida, já que a terra está em movimento, o universo está em movimento e só se conseguirá estar em sintonia com o universo através do movimento. GÈLÈDÈ é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso, existente nas sociedades tradicionais yorubás, que expressam o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade. O culto Gèlèdè visa apaziguar e reverenciar as mães ancestrais para assegurar o equilíbrio do mundo. As principais representações do culto Também nos fala um itòn de òséyèkú, que obàtálá e odù logbojé são uma única coisa e no culto a Obàtálá, Òsòròngà é diretamente participante, o próprio itòn nos fala: "tudo aquilo que o homem vier a conseguir na terra, o será através das mãos das mulheres. Esta é uma tradição do culto a Obàtálá, pela relação direta de Yemoja Odù. - itòn òsá méji (o mito da roupa de Éégún)- quanto ao culto Éfé-Gèlèdè, os homens participam, até nas chamadas "incorporações"- dàpò sòkan - e uma das principais diferenças, estão nas próprias danças rituais, quando "feminina" e lenta e nobre, quando "a masculina" é firme e agressiva, e cabe aos òsò de Òsààlà esta função.- Seja ako, baká, mundiá, tetedè, okunriu, onilu e "às outras". Mas quando se trata da essência da filosofia, na relação Obàtálá (símbolo da ancestralidade masculina) e, Yemoja Odù - (Òsòròngà - símbolo da ancestralidade feminina) como uma relação perfeita, trazida por Òsé-òyèkú, e também pela relação de ambos com Ikú. O culto anual de Éfé-Gèlèdè, originário da cidade de Ketu no décimo quarto século, é organizado no começo da estação agrícola exatamente por uma importante questão dentro da cultura Yorùbá - a Fertilidade. Este culto se organiza da seguinte forma- sua parte diurna é exatamente Gèlèdè e sua parte noturna é Éfé (o pássaro). Os dançarinos são homens, contudo representam homens e mulheres em suas representações. Isto prova que o culto das Gèlèdè não é vetado aos Homens. Na dança feminina Gèlèdè é poderosa e contida, entretanto, na dança masculina é violenta e agressiva. Os nomes citados são os próprios nomes das 9 principais Gèlèdè em sua ordem de entrada na praça do mercado, pois este culto, e na verdade todos de acordo com a direção da cabaça

de Odù que vai ser desperta (òséyèkú....), deveriam ser feitos ao livre como nos ensina o antigo culto à Olòrun. Akò, Baká, Mundiá, Tetedè, Okunriu, Onilu, Isa-orò, Alopajanja-eledè e Woogbáwoobaarsan. Sendo assim, é exatamente no conhecimento deste culto que podemos perceber que os homens principalmente os "òsò", participam de toda uma enorme variedade de fundamentos do culto na sociedade Òsòròngà, pois se assim não o fosse, como explicar o tabu de que as mulheres não podem olhar Odù (itòn irètégbè), como entender que são os Bábáláwo - filhos de Òrúnmílá que entregam as cabaças com os pássaros as mulheres iniciadas no culto à Òsòròngà (itòn irèté méjì). Èfé são as máscaras rituais que simbolizam o espírito das ancestrais femininas e os diferentes aspectos de seu poder sobre a terra simbolizados pelos pássaros. As orixás femininas cultuadas nos candomblés brasileiros representam aspectos socializados deste poder conforme a visão de mundo negro/africana segundo a qual homens e mulheres se equivalem e controlam determinadas forças da natureza. Porém a continuidade da vida sobre a terra, atributo eminentemente feminino nesta tradição, é reverenciado de modo especial. Por isso Obarisà o grande ancestral masculino canta:

"... Ekúnlè o, e Kúnlè f'obinrin o

E obinrin l'ó bí wa, k'àwa tó d'enia

Ogbon àiyé t'obinrin ni, e kúnlè f'obinrin

E obinrin l'o bí wa o, k'àwa tó d'enia..."

(Ajoelhem-se para as mulheres

A mulher nos colocou no mundo, nós somos seres humanos

A mulher é a inteligência da terra

A mulher nos colocou no mundo, (nós somos seres humanos).

ÌYÁMÍ ÒSÒRÒNGÀ

O f ó (Encantamento)

Mo júbà ènyin ÌYÁMÍ ÒSÒRÒNGÀ.

(Meus Respeitos a Vós Minha Mãe OXORONGA!)

Mo júbà è nyin Ìyámí Òsòròngà

O Tònón Èjè enun

O Tòokón èjè èdò

Mo júbà ènyin Ìyámí Òsòròngà

O Tònón Èjè enun

O Tòokón èjè èdò

Èjè óyè ní Kálè o

Ó yíyè, yíyè, yèyè kòkò

Èjè óyè ní Kálè o

Ó yíyè, yíyè, yèyè kòkò

(Meus respeitos a vós, minha mãe Oxoronga

Vós que seguíeis os rastros do Sangue interior

Vós que seguíeis os rastros do sangue do coração e do sangue do fígado

Meus respeitos a vós minha mãe Oxoronga

Vós que seguíeis os rastros sangue interior

Vós que seguíeis os rastros do sangue do coração e do fígado

O sangue vivo que é recolhido pela terra cobre-se de fungos,

E ele sobrevive, sobrevive ó mãe muito velha

o Sangue vivo que é recolhido pela terra cobre-se de fungos

e ele sobrevive ,sobrevive, ó mãe muito velha)

Ìyámí Òsòròngà não é um orixá, mas sim uma energia ancestral coletiva feminina, cultuada pelas GÈLÈDÈ; sociedade feminina fechada da Ìyámí Eléeye (minha mãe senhora dos pássaros), representada pela máscara dos pássaros. A sociedade Òsòròngà congrega as àjé – feiticeiras – que têm poderes de se transformarem em determinados pássaros – èhurù, eluùlú, àtióro, àgbìgbò e òsòròngà ,este ultimo refere-

se ao próprio som que a ave emite e da nome a Sociedade. Exercem sua força máxima nos horários mais críticos – meio-dia e meia-noite – ocasiões em que é preciso muita cautela para que elas não pousem na cabeça de ninguém. Suas cerimônias são realizadas no início da estação do plantio, relacionado à fertilidade. Estas cerimônias tiveram início na região de Ketú, dividindo-se em duas partes: a diurna e a noturna. Segundo nos conta um itàn do Odù Ogbé Òsá, diz que quando as ìyámis chegaram do Òrun pousaram em sete árvores. Segundo um Itòn as árvores das ìyámis seriam:

Orobo - Garcinea Cola.

Àjànrèrè - Ficus Elegans.

Iroko - Chlorophora Excelsis.

Orò - Antiaris Africana.

Ogun Bereké - Delonex Régia

Arere - Triplochiton Nigericum.

Igi ope - Elaeis Guineensis.

Porém outra itàn nos da outra apresenta uma relação diferente das sete árvores estas seria as árvores sagradas das Mães Ancestrais:

Ose - Adansanonia Digitalia.

Iroko - Chlorophora Excelsis.

Ìyá - Daniellia Olivieri. Asunrin - Erythrophelum Guineense.

Obobo - Não identificada.

Iwó - Não identificada

Arere - Triplochiton Nigericum.

A contrario do que se pensa aqui no Brasil existe sim a presença masculina no culto a ìyámí. São detentoras de poderes terríveis, consideradas as donas da barriga (por onde circularia a energia vital do corpo). Ninguém pode com seus Ebo, dos quais, o Òjiji (sombra) é o mais fatal. São ligadas diretamente ao ODU ÒYEKU MEJI, são propiciadoras para a alteração do destino de uma pessoa. Seus poderes são tamanhos que só se consegue no máximo apaziguá-las, vence-las jamais. Relacionam-se com as ìyámis Òsun Ijumu e Òsun Ìyánlá a quem estão ligadas pela ancestralidade feminina, bem como a Yemoja Odúa, considerada fundadora do culto GÈLÈDÈ. Deve-se lembrar, portanto, que "òsò" é um título de quem trás o Égan (símbolo de Èsù o qual foi dado através das mãos de Òsòròngà (itòn òsèòtúrà) e mesmo assim se foi iniciado no tradicional culto de Obàtálá/Yemoja Odúa e ainda tiver profunda relação com Ikú, através de algumas se suas principais ònifás, como Òyèkú méji, Òbàrà méji, Òtúrúpòn méji e algumas outras poucas. O sangue (èjè) não é de nenhum Òrìsà a não ser de Òsòròngà como vemos no Oriki (èjè óyè ní kálè o - o sangue fresco que recolhe na terra cobre-se de fungos). Afirma a tradição que as ìyámí segue o rastro do sangue do fígado e do coração, isto se deve por os chamados Àse das oferendas são de Òsòròngà! estes órgãos se classificam em comportamentos Ofú (aqueles que produzem a fazem circular a energia no corpo) - estômago, bexiga, vesícula biliar, intestino grosso e o intestino delgado, como também em comportamentos Osa (coração, pulmões, rins, fígado e baço - pâncreas). Estes detalhes são importantíssimos no culto à Òsòròngà e principalmente no culto Èfé-Gèlèdè, ainda mais se falamos do sacrifício de elédé (porco). Relacionam-se com Òsòròngà:

Èsù: somente com sua ajuda é que conseguimos a comunicação com as ìyámí, além de ser a prova viva do poder das ìyámis.

Ògún: o senhor da cabaça de èédú (carvão) - onà iwó oòrùn (caminho do oeste) é bem mais íntimo de Òsòròngà, se não fosse ele o senhor do sagrado ato da oferenda de animais, juntamente com Èsù e Òsòròngà. Yemoja Odúa* (Yemòwo) Grande ìyá, Senhora do igbá-eye (cabaça dos pássaros), é a ìyá'nlá, seu nome é modificação da palavra Odù Logboje, a mulher primordial, também denominada Eleyinjú Egé, a dona dos olhos delicados fazendo parte das divindades geradoras representada pelo Preto, fundadora do culto e sociedade Gèlèdè.

Òsun: Grande protetora da gestação, é a ìyámí-Àkókó, mãe ancestral suprema.

Òsun Ijumu e Ìyánlá: A duas mais velhas Òsun, são as duas ancestrais das mulheres.

Nàná: patrona da lama e dos primórdios da criação do Àiyé, é a Omo Àtíóro oké Ofa.

Oya e Yewa: são todas ìyá- Eléye possuidoras da cabaça com pássaro símbolo do poder feminino.

Olórí iyá-àgbà Àjé Eléye, chefe supremo de nossas mães ancestrais possuidoras dos pássaros.

Ògágún ati Ògájùlò ninu awon ìyámí òsòròngà. Chefe supremo, comandante entre todas as ìyámí. Òrúnmilà: Este foi o único òrìsà que quando as ìyámí estavam zangadas conseguiu apaziguar sua fúria, e desta forma salvou o àiyé e restabeleceu a Harmonia, entre os Homens e Mulheres.

Toda mulher é uma Ajé, porque as ìyámí controlam o sangue menstrual, elas representam os poderes místicos das mulheres no seu aspecto mais perigoso. São as Avós, as mães em cólera que em sua boa vontade a própria vida na terra não teria continuidade.

Ìtàn do Odù Òsá Méjì

Odù TORNA-SE ìyámí *

Nos primórdios da criação, Olódùmarè, o Ser Supremo que vive no Òrun, mandou vir ao àiyé (universo conhecido) três divindades: Ògún (senhor do ferro), Obarisà (senhor da criação dos homens) (2 - Um dos òrìsà funfun, isto é, òrì s à que têm como principal preceito o uso do branco nos ritos e nas oferendas) e Odù (Yemoja), a única mulher entre eles. Todos eles tinham poderes, menos ela, que se queixou então a Olódùmarè. Este lhe outorgou o poder do pássaro contido numa cabaça (ìgbá eléye) e ela se tornou então, através do poder emanado de Olódùmarè, Iyá Won, nossa mãe para eternidade (também chamada de ìyámí Òsòròngà, minha mãe Òshòròngà). Mas Olódùmarè a preveniu de que deveria usar este grande poder com cautela, sob pena de ele mesmo repreendê-la.

"Olódùmarè diz qual é o seu poder?"

Ele diz: você será chamada para sempre de Mãe de todos.

Ele diz: você dará continuidade.

Olódùmarè lhe entrega o poder.

Ele entrega o poder de eléiye para ela.

Ela recebe, o pássaro de Olódùmarè.

Ela recebe, então, o poder que utilizara com ele.

Ele diz: utilize com calma o poder que eu te dei a você.

Se você utilizar com violência, ele o retomara.

Porque aquela que recebeu o poder se chamar Odù.

O homem não poderá fazer nada sozinho na ausência da mulher..."

"Lati ìgbá náà ni Olódùmarè ti fun obirin l'à se "

(Desde aquela época, Olódùmarè outorgou axé as mulheres.)

Elas exerciam todas as atividades secretas:

"O mú Éégún jáde

O mú Orò jáde

Gbogbo nkan, kò si ohun ti ki se nigba náà"

(Ela conduz Egun

Ela conduz Orò

todas as coisas , não ha nada que ela não faça nesse tempo.)

Mas ela abusou do poder do pássaro. Preocupado e humilhado, Obarisà foi até Òrúnmilà fazer o jogo de Ifá, e ele o ensinou como conquistar, apaziguar e vencer Odù, através de sacrifícios, oferendas (ebo com ìgbín e pasòn Haste de Àtòrì) e astúcia.

Ele lhe oferta e ela negligentemente, aceita, a carne dos ìgbín.

"Odù náà gba omi ìgbín, o mu ú

Nigbati Odù mu omi ìgbín tán, inú Odù nr òdi e die."

(Odù recebe a água de caracol para beber. Quando odù bebeu, o ventre de Odù se apaziguou.)

Obarisà e Odù foram viver juntos. Ele então lhe revelou seus segredos e, após algum tempo, ela lhe contou os seus, inclusive que cultuava Éégún. Mostrou-lhe a roupa de Éégún, o qual não tinha corpo, rosto nem tampouco falava. Juntos eles cultuaram Éégún. Aproveitando um dia quando Odù saiu de casa, ele modificou e vestiu a roupa de Egúngún. Com um bastão na mão (opa), Obarisà foi à cidade (o fato de Éégún carregar um bastão revela toda a sua ira) e falou com todas as pessoas. Quando Odù viu Éégún andando e falando, percebeu que foi Obarisà quem tornou isto possível. Ela reverenciou e prestou homenagem a Éégún e a Obarisà, conformando-se com a vitória dos homens e aceitando para si a

derrota. Ela mandou então seu poderoso pássaro pousar em Éégún, e lhe outorgou o poder: tudo o que Éégún disser acontecerá. Odùà retirou-se para sempre do culto de Egúngún, e partiu para partir o culto Gèlèdè. Só eléiye, indicara seu poder e marcara a relação entre Egúngún e Ìyámí.

"Gbogbo agbára ti Egúngún si nlò agbára eléiye ni."

(Todo o poder que utilizara Egúngún é o poder do pássaro.).

O conjunto homem-mulher dá vida a Egúngún (ancestralidade), mas restringe seu culto aos homens, os quais, todavia, prestam homenagem às mulheres, castigadas por Olódúnmarè através dos abusos de Odùà. Também por esta razão é que as mulheres mortas são cultuadas coletivamente, e somente os homens têm direito à individualidade, através do culto de Egúngún. No entanto Ìyámí conhece todos os lugares secretos que contém Egúngún, Orò, etc... E Nos quais Obarisà não tem acesso. Reinterpretando Ìyámí, cabaça ventre contém os símbolos - filhos- pássaros ainda não renascidos, lugar onde Obarisà não penetrou.

AS SENHORAS DO PÁSSARO DA NOITE

lyami Osorongá é o termo que designa as terríveis ajés, feiticeiras africanas, uma vez que ninguém as conhece por seus nomes. As lyami representam o aspecto sombrio das coisas: a inveja, o ciúme, o poder pelo poder, a ambição, a fome, o caos o descontrole. No entanto, elas são capazes de realizar grandes feitos quando devidamente agradadas. Pode-se usar os ciúmes e a ambição das lyami em favor próprio, embora não seja recomendável lidar com elas. O poder de lyami é atribuído às mulheres velhas, mas pensa-se que, em certos casos, ele pode pertencer igualmente a moças muito jovens, que o recebem como herança de sua mãe ou uma de suas avós. Uma mulher de qualquer idade poderia também adquiri-lo, voluntariamente ou sem que o saiba, depois de um trabalho feito por alguma lyami empenhada em fazer proselitismo. Existem também feiticeiros entre os homens, os oxô, porém seriam infinitamente menos virulentos e cruéis que as ajé (feiticeiras). Ao que se diz, ambos são capazes de matar, mas os primeiros jamais atacam membros de sua família, enquanto as segundas não hesitam em matar seus próprios filhos. As lyami são tenazes, vingativas e atacam em segredo. Dizer seu nome em voz alta é perigoso, pois elas ouvem e se aproximam pra ver quem fala delas, trazendo sua influência. lyami é freqüentemente denominada eleyé, dona do pássaro. O pássaro é o poder da feiticeira; é recebendo-o que ela se torna ajé. É ao mesmo tempo o espírito e o pássaro que vão fazer os trabalhos maléficis. Durante as expedições do pássaro, o corpo da feiticeira permanece em casa, inerte na cama até o momento do retorno da ave. Para combater uma ajé, bastaria, ao que se diz, esfregar pimenta vermelha no corpo deitado e indefeso. Quando o espírito voltasse não poderia mais ocupar o corpo maculado por seu interdito. lyami possui uma cabaça e um pássaro. A coruja é um de seus pássaros. É este pássaro quem leva os feitiços até seus destinos. Ele é pássaro bonito e elegante, pousa suavemente nos tetos das casas, e é silencioso. "Se ela diz que é pra matar, eles matam, se ela diz pra levar os intestinos de alguém, levarão". Ela envia pesadelos, fraqueza nos corpos, doenças, dor de barriga, levam embora os olhos e os pulmões das pessoas, dá dores de cabeça e febre, não deixa que as mulheres engravidem e não deixa as grávidas darem à luz. As lyami costumam se reunir e beber juntas o sangue de suas vítimas. Toda lyami deve levar uma vítima ou o sangue de uma pessoa à reunião das feiticeiras. Mas elas têm seus protegidos, e uma lyami não pode atacar os protegidos de outra lyami. lyami Osorongá está sempre encolerizada e sempre pronta a desencadear sua ira contra os seres humanos. Está sempre irritada, seja ou não maltratada, esteja em companhia numerosa ou solitária, quer se fale bem ou mal dela, ou até mesmo que não se fale, deixando-a assim num esquecimento desprovido de glória. Tudo é pretexto para que lyami se sinta ofendida. lyami é muito astuciosa; para justificar sua cólera, ela institui proibições. Não as dá a conhecer voluntariamente, pois assim poderá alegar que os homens as transgridem e poderá punir com rigor, mesmo que as proibições não sejam violadas. lyami fica ofendida se alguém leva uma vida muito virtuosa, se alguém é muito feliz nos negócios e junta uma fortuna honesta, se uma pessoa é por demais bela ou agradável, se goza de muito boa saúde, se tem muitos filhos, e se essa pessoa não pensa em acalmar os sentimentos de ciúme dela com oferendas em segredo. É preciso muito cuidado com elas. E só Orunmilá consegue acalmá-la.

YÀMI ITON
Ìrété méji
Como Ìyàmi chega à terra em Òtá

Tiramos (a água) na frente, tiramos (a água) atrás. *Ifá* é consultado por 201 pessoas, que do céu vieram para a terra. *Ifá* é consultado por 201 proprietários de pássaros, que do céu vieram para a terra. Quando essas 201 pessoas chegam, eles (os *bàbáláwo*) dizem para preparar uma cabaça para cada uma delas. Foi em **Òtá** que elas chegaram pela primeira vez, elas nomeiam uma pessoa **Ìyálóde** em **Òtá**, aquela que quer receber (um pássaro) leva sua cabaça para junto dela. Ela diz que quer receber seu pássaro. Ele está colocado dentro. Quando ela colocou o pássaro dentro, a cabaça é coberta e lhes é entregue. Esta cabaça que lhes é entregue, elas tomam conta dela em sua casa. Quando elas a arrumaram em sua casa, não é qualquer um que pode saber o lugar onde elas a puseram, a menos que seja alguém que tenha uma cabaça. Talvez esteja (em cima do) teto. Elas podem colocar ao lado da parede. Elas podem cavar o chão para a colocar ali. Elas são as únicas a saber o lugar onde a cabaça está guardada, quando ela lhes é entregue. Quando elas lhes são entregues, cada uma leva a sua, vai colocá-la no lugar que ela viu. Quando elas querem enviar **Eleye** em uma missão, elas abrem a cabaça esta **Eleye** voa para fora da cabaça, vai cumprir a missão aonde ela é enviada, talvez em Lagos, talvez em *Ibadan*, talvez em *Ilorin*, talvez em *Sapele*, talvez em *Londres*. Talvez no país do rei. Todos os quatro cantos do mundo são os lugares para onde elas a enviam. Quando, desse modo, elas abriram a cabaça. Este pássaro voa e vai cumprir sua missão. Se elas disserem que é para matar alguém, eles matam. Se elas dizem que é para levar os intestinos, ficam à espreita de alguém. Quando elas estão espreitando para rasgar seu ventre, a pessoa não sabe que elas querem levar seus intestinos. Se ela estiver grávida, eles retiram a gravidez de seu ventre. Eles vão executar o trabalho de que estão encarregados. Quando terminarem este trabalho, voltam novamente para esta cabaça. Elas tornam a cobri-la. Quando elas a cobriram, cuidam de a colocar novamente em seu lugar. Elas não lutam mais sozinhas, a menos que queiram ir à sociedades delas. No momento em que retorna, este pássaro assim fala com sua proprietária, “o trabalho que me mandastes fazer, eu o fiz”. Se esta pessoa possui um remédio contra as **Àjé**, ela é capaz de dizer, “que aquela que vos enviou para me pagar, não me pegue”, tento pegar, pegar, pegar, mas não sou capaz de pegar. Se me enviardes a pegar alguém (que não possua este remédio) eu o pego. Aquela que possui um pássaro vai então para o meio da sociedade, ela diz então que ela enviou um mensageiro em missão, ela fez este trabalho contra ele, ela levou este trabalho para o meio da assembléia, porque ele não pode trabalhar sozinha. Quando elas assim falaram, aquelas que ficam compartilham as coisas. O sangue da pessoa que ela mandou (pegar) ela o leva para o meio da sociedade, todas as suas companheiras o querem tocar com suas bocas. Quando elas tomaram juntas este sangue, elas se separam. Quando elas se separaram, chegou o dia seguinte, chegou a noite seguinte, elas enviam novamente o pássaro. Elas não deixam dormir (sua vítima) este pássaro pode pegar um chicote, pode pegar um porrete, pode pegar uma faca, pode torna-se uma alma do outro mundo, pode torna-se uma **òrisà**. Para ir pôr medo naquele para o qual elas o enviaram. Tal é a história destas **Eleye**! É assim que elas são!

Ìrété Òwànrín ou Ìrété Olótá - Como Òrúnmilà vai ver o segredo de Ìyàmi em Òtá

Tu me mostras o conteúdo de um grande saco. Eu te mostro o conteúdo de um grande saco. Tu tens, eu tenho. **Owúyèwuyè** é *bàbáláwo* na casa de **Òrúnmilà**. *Ifá* é consultado por **Òrúnmilà** que procura o segredo na cidade das **Eleye**. **Òrúnmilà** diz que desta cidade das **Eleye** aonde ele vai, ele é capaz de conhecer sua base (o segredo)? É ele capaz de trazer dela o bem? Eles (os *bàbáláwo*) dizem a **Òrúnmilà** que faça uma oferenda. Eles dizem que **Òrúnmilà**, antes de ir ver o segredo do que as **Eleye** fazem no mundo, eles dizem que **Òrúnmilà** vá preparar um saco de pano branco. Eles dizem que ele ofereça uma cabeça da serpente **oka**. Eles dizem que ele ofereça um pombo branco. Eles dizem que ele ofereça quatro *nozes-de-cola* brancas. Eles dizem que ele ofereça quatro *nozes-de-cola* vermelhas. Eles dizem que ele ofereça *azeite-de-dendê*. Eles dizem que ele ofereça giz (*efun*). Eles dizem que ele ofereça pó vermelho (*osùn*). Eles dizem que ele ofereça uma cabaça. Eles dizem que **Òrúnmilà** prepare tudo isso. Quando **Òrúnmilà** preparou tudo isso, eles vêm pegar esse saco de pano, eles o suspendem. **Òrúnmilà** diz ah! **Òrúnmilà** vai a **Òtá**, chega no meio do mercado, mal **Òrúnmilà** chegou, eles dizem ah!

Ah! Elas dizem, chegou a comida! Alguém a quem elas querem matar e comer chega. Começaram todas elas a falar. *Èsù* (que faz o bem e o mal) (que faz todas as coisas). *Èsù* se transforma rapidamente, então ele se tornou uma pessoa. Ele vai chamar todas *Àjé* que estão *Òtá*. Ele diz ah! Ah! Ele diz, *Òrúnmilà*. Ele diz, o pássaro de *Òrunmilà*. Ele diz, é mais poderoso que todas vós. Ele diz reuni todos os vossos pássaros, vós o reunireis perto dele, que ele possa receber o poder junto a *Òrúnmilà*. Elas dizem, este homem tem um pássaro? *Èsù* diz, *Òrúnmilà* tem um pássaro. Ele diz, é maior que todos os de *Òtá*. Todas elas começam a juntar seus pássaros. Começaram a levá-los até *Òrúnmilà*. Assim *Òrúnmilà* tem todos os pássaros reunidos em torno dele. Quando *Òrúnmilà* já os tem em torno de si, *Òrúnmilà* vai sentar-se. Assim que ele senta, elas dizem que não querem tirar seu mau-olhado do corpo de *Òrúnmilà*. Elas dizem que lutarão com ele. Elas dizem que estão encolerizadas porque ele conhece seu segredo. Elas dizem, eles querem, por esta forma, conhecer o segredo delas. Elas dizem, se pegarem *Òrúnmilà*, elas o matarão. Ele vai chamar os *bàbáláwo*. *Òrúnmilà* vai informar-se. Ele vê *Tèmáiyè*. Se o *bàbáláwo* da casa não pode escutar ifá, vai se fazer uma consulta fora. Ifá é consultado no dia em que estas *Eleye* dizem que o matarão. Elas dizem, tu *Òrúnmilà* és aquele a quem as *Eleye* vão matar, as *Eleye* querem matar-te. Eles dizem a ele que faça oferendas. Eles dizem a *Òrúnmilà* que, naquele dia, prepare *ekujebu* (caroço muito duro). Dizem que tenha também um frango *òpipi* (frango de penas arrepiadas). Dizem também que tenha um *èko* (purê de milho enrolado em uma folha). Eles dizem a *Òrúnmilà* que tenha 6 shilings. Então *Òrúnmilà* age assim. Quando ele terminou, eles vão com todas essas coisas, com elas vão consultar ifá para *Òrúnmilà*, eles vão chamar. Quando chamaram, para que elas comam, elas voltam a dizer que querem pegar *Òrúnmilà*, elas vêm vigiar *Òrúnmilà* até que, elas não vêem mais *Òrúnmilà* para pegá-lo. Quando elas não o vêem mais para pegá-lo, elas dizem, *Òrúnmilà*, elas dizem, como faremos para ver-te e pegar-te? Ele diz *Àjé* não é severa, ela não pode comer *ekujebu*, vós de modo algum, podeis matar-me. Ele diz, o frango *òpipi* não tem asas para voar sobre a casa, elas não podem matar-me. Isto foi o que *Òrúnmilà* fez naquele dia, para que elas não sejam capazes de matá-lo, quando *Òrúnmilà* foi a *Òtá* para ver o segredo delas.

Ogbè Ògúndá ou Ogbè Yónú Iyàni esta sempre encolerizada

O que a mim fizeres, fareis a ti. A árvore dos campos leva uma coroa na cabeça. O algodão não é um fardo pesado (mas ele não é compacto). Ifá é consultado para as pessoas que vieram à terra. Ifá é consultado para as *Eleye* que vieram à terra. Quando as *eleye* chegaram à terra, eles dizem, que elas não lutarão com eles. Elas dizem, se eles não lutarem com vós. Elas dizem, vós não deveis colher os quiabos de *Ejio*, elas dizem, vós não deveis arrancar a folha *òsùn* de *Aloran*, elas dizem, vós não deveis contorcer o corpo no pátio dos fundos da casa de *Mosionto*. Elas dizem que se eles colhessem os quiabos de *Ejio*, elas lutariam, com eles. O que são os quiabos de *Ejio*? Os filhos dos homens não conhecem os quiabos de *Ejio*. Quando os filhos dos homens partirem, se partirem, poderão chegar, caminhando, a um lugar onde colherão uma folha comum. Poderão ir a um lugar onde não colherão folhas, onde ficarão sem fazer nada. As *eleye* dizem ah! Eles colheram os quiabos de *Ejio*. Os de *Ejio* que dissemos que não era colher, eles colheram. Ah! Os filhos dos homens suplicam. Se elas disserem a alguém que não se devem colher os quiabos de *Ejio*, se ele não fizer numerosas oferendas, se ele não fizer numerosos sacrifícios, se ele não tiver muitas coisas com as quais dirigir-lhes súplicas, assim como *Òrúnmilà* fez, elas dizem que não perdoarão, se alguém não tiver coisas com as quais suplicar, elas o matarão. Mal ele põe a mão em alguma coisa já elas estão dizendo que são os quiabos de *Ejio*. Elas vão dizer, ele colheu os quiabos de *Ejio*. Porque, colher os quiabos de *Ejio*, arrancar a folha *òsùn* de *aloran*, contorcer o corpo no pátio dos fundos da casa de *Mosionto*, as *Eleye*, para atormentar os filhos dos homens, são capazes de achar o caminho para lutar com eles, apresentando-lhes todo tipo de enigmas. Elas sabem que os filhos dos homens não têm o conhecimento, que eles não sabem que aspecto tem os quiabos de *Ejio*. Se eles não tiverem dinheiro na mão, se não estiverem bem preparados, elas os matarão. Quando volta a chegar o tempo, quando os filhos dos homens devem levantar-se de novo, quando eles voltam a acordar de manhã, quando dizem que vão ao campo, aqueles cuja chácara é boa, que transportam inhame, que transportam milho. Então, se as *Eleye* virem que eles não lhes dão uma parte, elas dizem, a folha *òsùn* de *Aloran* é aquela que eles arrancaram. Elas dizem, *òsùn* de *aloran* é a que vocês arrancaram. Àquele que, dessa forma, transportar os inhames e o milho, elas dizem que ele arrancou a folha *òsùn* de *Aloran*. Se eles não a oferecerem para que elas a comam, se eles não voltarem

a fazer-lhes oferendas, sacrifícios, se eles não lhes dirigem súplicas, dando-lhes coisas boas, elas os matarão. Se, mais uma vez eles vão para fora, se as pessoas vão para fora, se as pessoas vão comprar algo, se comprarem um rato, se comprarem um peixe, se comprarem um animal, se comprarem qualquer coisa, se derem uma parte para as Eleye comerem, as Eleye dizem, basta. Alguém que vai comprar alguma coisa, que não lhe dá para comer, elas dizem que ele contorceu o corpo no pátio dos fundos da casa de Mosionto. Porque ele comprou algo e não lhes deu de comer, se ele não lhes fizer oferendas, se ele não lhes fizer sacrifícios, elas o matarão. A razão para matar toda essa gente, é o enigma, os três enigmas que elas lhes apresentam. Elas os atormentam com os enigmas. Então elas sabem, dizem que os filhos dos homens não sabem que esta lei existe não são capazes de respeitá-la porque não sabem que os filhos dos homens não sabem o que é o quiabo de Ejio, a coisa, que elas dizem ser o quiabo de Ejio, é o quiabo de Ejio, elas sabem, dizem que o filho dos homens não sabe o que é a folha òsùn de Aloran, a coisa, que elas dizem ser a folha òsùn de Aloran, é a folha òsùn de Aloran. Elas sabem que o filho dos homens não sabe o que é contorcer o corpo no pátio dos (fundos da casa de Mosionto). A ação, que elas dizem ser que é contorcer o corpo no pátio dos fundos da casa de Mosionto, é contorcer o corpo no pátio dos fundos da casa de Mosionto. As eleye atormentam as pessoas. Mas Òrúnmilà vem suplicar por elas. Ele vem novamente suplicar por seus filhos, suplica novamente por toda a sua gente, ele diz que sua casa, seu campo, seu caminho, e todas as coisas que ele possui, que elas as poupem, que elas não lutem com eles, que elas permitam que tudo aquilo que ele quiser fazer seja bom. Òrúnmilà vem fazer seu sacrifício. Ele vem para liberta os filhos dos homens das mãos delas então elas vêm dizer, todas as pessoas pelas quais Òrúnmilà fez este sacrifício, pelas quais ele suplicou, elas lho entregarão. Mas elas não querem que Òrúnmilà faça isto par todo mundo. Mas todas a pessoas para as quais Òrúnmilà fará este sacrifício, serão por elas poupadas, elas não as matarão, em se tratando, levarão em conta a Òrúnmilà. Aquele a quem Òrúnmilà diz para poupar, elas o pouparão. A pessoa que elas teriam apanhado. Se Òrúnmilà solicitasse poupá-la elas a poupariam. Todos aqueles, de quem as Eleye disseram que colheram os quiabos de Ejio, que compareçam perante Òrúnmilà. Òrúnmilà implorará por eles, Òrúnmilà suplicará por eles, Òrúnmilà suplicará novamente por eles, as Eleye perdoarão. Aqueles de quem elas disseram, eles arrancaram a folha òsùn de Aloran, que eles fujam para junto de Òrúnmilà. Òrúnmilà fará com que todos sejam perdoados. Aqueles de quem elas disseram, eles contorceu o corpo no pátio dos fundo da casa de Mosionto. Somente Òrúnmilà assim os fez perdoar, as filhas de Eleye dizem, basta. Elas dizem, se antes estavam iradas, não estão mais iradas. No dia em que elas dizem, não estão mais zangadas com Òrúnmilà, elas deram permissão a Òrúnmilà, para que libertam de suas mão todos os filhos dos homens.

Ogbè Ògúndá ou Ogbè Yónú - Como Òrúnmilà acalma a cólera de Ìyàmi

O que a mim fizeres, farei a ti, a árvore dos campos leva uma coroa na cabeça. O algodão não é um fardo pesado (mas não é compacto). Ifá é consultado para as pessoas que vieram à terra. Ifá é consultado para as Eleye que vieram à terra. Quando as Eleye chegaram à terra, Òrúnmilà diz, elas são capazes de poupá-lo? Elas dizem que quando chegaram à terra, quando vieram pela primeira vez à terra, beberam de sete águas. A água de Ògbèrè na cidade de Owú foi a que beberam em primeiro lugar. Beberam em seguida a água de Majomajo, rio de Apomu. Beberam em seguida de Oléyò, água de Ibadan. De Iyewá, elas beberam em Iketu. De Ògún, elas beberam em ibara. De Ibo, elas beberam em Oyan. De Oséréré, elas beberam em Ikirun. Das sete águas vós bebestes quando viestes à terra. Quando bebestes dessas água quando viestes à terra, estais com os filhos dos homens, encontrais os filhos dos homens, vós os poupareis? Dizeis que não os poupareis. Os filhos dos homens correm para a Eégún. À casa de Eégún, vão em primeiro lugar naquele dia. Esses filhos dos homens vão correndo encontrar Eégún. Eles dizem, tu Eégún, protege-nos, as filhas de Eleye dizem que não querem poupá-los. Eégún diz que não é capaz de salvá-los. Ele diz que não é capaz de proteger os filhos dos homens naquele dia. Eles deixam esse lugar. Vão à casa de Òrisà, vão à casa de Sàngó. Vão à casa de Oyà, vão à casa de Obà. Pedem que os protejam. Todos eles dizem que não são capazes de apaziguar a cólera delas. Que, irá salvá-los neste mundo? Eles devem ir à casa de Òrúnmilà, quando chegam à casa de Òrúnmilà, dizem, Òrúnmilà, protege-nos. Eles dizem, as filhas de Eleye não nos querem poupar. Eles dizem, elas nos matarão. Eles dizem, protege-nos, que elas sejam capazes de poupar-nos, que elas não sejam capazes de matar-nos e comer-nos. Òrúnmilà diz que com eles farão um pacto, mediante

juramento, naquele dia. Ele diz, somente se alguém o preparar (como Òrúnmilà fez outrora), eles serão poupados. Èsù vem dizer veementemente a Òrúnmilà. Èsù diz que ele prepare um prato de barro, que ele prepare um ovo de galinha, que ele prepare mel, que ele prepare uma pena de papagaio, que ele prepare folhas de ojúsàjú, que ele prepare folhas de òyóyó, que ele prepare folhas de àánú, que ele prepare folhas de agogo ògún. Òrúnmilà faz a oferenda do lado de fora. Quando Òrúnmilà fez a oferenda. Èsù é isto, é amigo de Òrúnmilà. Assim como ele teve um encontro com as Àjé na terra, assim as encontrou no além. No dia em que elas beberam dessas sete águas, antes de tudo, no dia em que elas começaram a beber, foi na presença de Èsù. No dia em que ela fizeram a reunião, foi na presença de Èsù. Elas decidiram no momento em que chegaram. Disseram, aquele que decifrar o enigma que elas apresentassem, disseram, aquele que decifrar o enigma, elas o poupariam. Disseram, aquele que queria ser poupado, se não soubesse o enigma, elas não o poupariam. Òrúnmilà não conhece esse enigma. Mas quando Òrúnmilà dá comida a Èsù seu ventre se adoça (ele fica contente). Èsù anda sem fazer barulho (sem que as pessoas não o ouçam), ele fala a Òrúnmilà. Ele diz que Òrúnmilà tenha bucha de algodão na mão, diz que tenha um ovo de galinha na mão. As filhas de Eleye dizem com insistência: “elas não estão contentes com os filhos dos homens naquele dia”. Elas dizem, todo caminho pelo qual òrúnmilà andou, elas dizem que não é bom. Elas dizem que não estão contentes com pessoa alguma. Elas vão persistindo nesse assunto até a casa de Ogbè Yónú. Quando chegam à casa, as filhas de Eleye declaram (seu caso), os filhos dos homens declaram (seu caso). Os filhos dos homens são (julgados) culpados. Quando os filhos dos homens são julgados culpados (a despeito) das oferendas que Òrúnmilà fez na terra, Òrúnmilà é (julgado) culpado. A oferenda, Òrúnmilà fez na terra, diz que elas estão contentes com ele. Èsù diz, filhos de Eleye, ele diz, deveríeis saber o tipo de indicação dada. Ele diz, o sacrifício que, dessa forma, Òrúnmilà trouxe para fora, ele diz, examinai-^o quando elas o examinam, elas pegam a folha de òyóyó. Ah! elas dizem, Òrúnmilà diz que elas estão contentes com ele. Òyóyó é quem diz que vós estais contentes comigo, que não deveis lutar comigo. Elas (as Eleye) dizem, quando òrúnmilà tinha a folha de òyóyó ele dia que elas estavam contentes com ele, (e) que elas também estavam contentes com todos os filhos dos homens. Elas vêm em seguida a folha ojúsàjú. Èsù diz, compreendeis aquilo que ela vos disse? Ele diz que vós, com toda a bondade o respeiteis, que ele verá a bondade. Elas dizem que folha é esta? Dizem qual é a terceira folha? Ele diz, que é a folha àánú. Ele diz, vós todas tereis piedade (sàámu). Elas dizem que terão piedade de Òrúnmilà. Elas dizem (o que significa) a folha do agogo ògún? Ele diz vós sabeis. Ele diz que na casa, nos campos e detrás do muro da cidade, que tem todo lugar aonde lhe agrada ir, vós deixareis o que seja bom, que tudo aquilo que ele tiver na mão, vós deixareis o que seja bom, elas dizem que ele peça com agogo ògún. Elas dizem, por que este mel? Elas dizem, como é que ele conhece a coisa com a qual elas prestaram um juramento? Ele diz, Òrúnmilà é capaz de saber de todas as coisas. Elas dizem, por que este efun? E este osùn? Ele diz, giz que vós lhe deis a felicidade. Ele diz, pó vermelho diz que chegueis com a felicidade. Elas dizem, por que a pena de papagaio? Hein! Ele diz, quando vós, Eleye, chegardes ao além, ele diz, a pena com qual fizestes o sacrifício, vós a colocareis na cabeça, ele diz, esta pena que vós utilizais traz com ela a felicidade, em todos os lugares por onde ela vai. Quando chegou o tempo, quando Òrúnmilà cessou de falar, As Eleye dizem, tu Òrúnmilà; dizem elas, como então acabaste de falar elas dizem, deixa que elas também falem por elas. As filhas de Eleye vêm dizer, eles dizem Òrúnmilà, elas dizem, está bem elas vão apresentar um enigma. Elas dizem, quem deverá ser capaz de resolver o enigma que elas irão apresentar. Elas dizem que ele devera ser capaz de resolver o enigma que elas vão perguntar. Elas dizem, sua casa será boa, seu caminho será bom, seus filhos não irão morrer, suas mulheres não irão morrer, ele também não irá morrer, todos os lugares para onde ele estender a mão serão bons. Mas se ele não conhecia este enigma, elas não aceitaram sua súplicas, elas ficariam encolerizadas com ele o tempo todo. Mas se ele for capaz de dar a resposta, acabou. Òrúnmilà diz que assim está bem, ele diz que elas apresentam este enigma: “Elas dizem jogar Òrúnmilà diz pensar”}(sete vezes). Na sétima vez elas pedem essa resposta a Òrúnmilà. Elas dizem, Òrúnmilà, dizem, quando ele diz pegar, dizem, elas, o que elas lhe enviam para se pegar? Ah! diz ele, vós enviais um ovo de galinha. Dizem elas, de que dispõem para pegar (o ovo)? Òrúnmilà diz que é a bucha de algodão. Elas dizem a Òrúnmilà que jogue este ovo de galinha para o ar. Elas dizem que ele o pegue sete vezes. Quando Òrúnmilà o pegou sete vezes, elas dizem assim acabou? Elas dizem assim está bem. Elas dizem que eles estão perdoados.

Elas dizem, vós, todos os filhos dos homens e tu Òrúnmilà, elas dizem, dançai, elas dizem, cantai: “Òrúnmilà o fez, ganhastes, pessoas, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye vieram dizer-vos ganhastes, pessoas. Foi a água Ogbèrè em Owú que bebestes em primeiro lugar, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes, pessoas. Bebestes em seguida a água de Majomajo em Aapoinu, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes, pessoas. Em seguida bebestes a água de Oléyò em Ibadan, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes, pessoas. Da água de Iyewá bebestes em Iketu, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes, pessoas. Da água de Ògún bebestes em ibara, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes pessoas. Da água de ibo bebestes em Oyan, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes , pessoas. Da água de Oséréré bebestes em Ikirun, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem ganhastes, pessoas. A folha de ojúsàjú diz que vós a respeiteis, ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem que vós ganhastes, pessoas. A folha de òyóyó diz que vós estais contentes, vós ganhastes pessoas. As filhas de Eleye dizem vós ganhastes, pessoas. A folha de àánú diz que tereis piedade, vós ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem vós ganhastes, pessoas. A folha de agogo ògún diz que me enviáis a felicidade, vós ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem, vós ganhastes, pessoas. Se não lambermos o mel ficaremos com ar triste, vós ganhastes, pessoas. As filhas de Eleye dizem, vós ganhastes, pessoas”. Quando Òrúnmilà terminou seu canto, Òrúnmilà dança. Ele vem com um agogo na mão. Eles vêm bater o agogo. Òrúnmilà acabou de dançar, elas dizem, Òrúnmilà, elas dizem, isto está bem. Elas dizem, se deve ir à casa, ou ir ao campo, ir para fora, todos os caminhos onde ele puser a mão (por onde passar) serão agradáveis. Elas dizem, se ele deve construir uma casa, elas dizem, se ele quiser dinheiro, elas dizem, se ele quiser permanecer muito tempo no mundo, elas dizem, se ele desejar que elas o protejam, elas dizem, se Òrúnmilà cantasse esse tipo de canção, elas dizem que aceitarão, elas dizem, que ficarão contentes com esta pessoa, elas dizem, que tudo aquilo que Òrúnmilà quiser pedir-lhes, elas dizem, que no lugar onde agradar a Òrúnmilà permanecer, quer seja nos sete céus de acima, se ele cantar esta espécie de canção elas responderão. Então elas fazem a coisa que ele pede para a felicidade. Elas dizem que se ele permanecer nos sete céus de baixo, se ele cantar esta canção, elas então farão a coisa que ele quiser para a felicidade. Elas dizem que se ele permanecer nos quatro cantos do mundo, se ele permanecer na casa de Olókun (o mar), se ele permanecer no lado do mar, se ele permanecer no meio de duas lagoas, se ele permanecer em Iwanran no lugar onde o dia nasce, se ele cantou isto, se ele deu nomes às água que elas beberam, elas dizem que perdoarão. Elas dizem que está bem. Elas dizem, o dinheiro que Òrúnmilà não tem. Òrúnmilà o terá. Elas dizem, a mulher que Òrúnmilà não têm, Òrúnmilà a terá. Ela dizem, a mulher que não deu à luz, a mulher de Òrúnmilà ficará grávida, ela dará à luz. Elas dizem, a casa que Òrúnmilà a construirá. Elas dizem todas as coisas boas que Òrúnmilà não viu, ela dizem Òrúnmilà ficará velho. Elas dizem que Òrúnmilà ficará muito tempo (no mundo), ele se tornará um ancião. Òrúnmilà diz a todos os seu filhos do alto e de baixo, ele diz que precisam conhecer esta canção, que precisam conhecer esta história, para que sejam capazes de contá-la. Toda pessoa a quem esta história for contada, as Eleye jamais ousarão combatê-la.

Òdí Méji - Como Òrúnmilà acalma ìyàmi

Grande montículo de terra na extremidade da rua. Muita poeira. Ifá consultado para as ìyàmi Òsòròngà, que vieram do além para terra. Elas dizem que querem ouvir a voz do bàbáláwo, quando as ìyàmi Òsòròngà vêm. Elas dizem, elas vêm à terra. Então elas chamam Òrúnmilà no além. Olódùmaré disse a Òrúnmilà que fosse. Òrúnmilà partiu. No lugar para onde partiu, chegou ao muro de pedra de Òrisàlà. Encontra as ìyàmi no caminho. Òrúnmilà diz aonde vão? Elas dizem que vão à terra. Ele diz, que vão fazer lá? Elas dizem, aqueles que não serão seus partidários, elas estragarão. Levarão doenças a seus corpos. Levarão fraqueza a seus corpos. Arrancarão os intestinos das pessoas. Comerão os olhos das pessoas. Comerão o fígado das pessoas. Beberão o sangue das pessoas. Não ouvirão a voz de ninguém. Òrúnmilà diz ah! Ele diz que seus filhos estão na terra. Elas dizem que não conhecem os filhos de ninguém. Quando elas dizem que não dizem que não conhecem os filhos de ninguém. Òrúnmilà disse que seu filhos estão sobre a terra. Ela dizem, Òrúnmilà fala com teus filhos, que tenham folhas de ogbó, que tenham uma cabaça, que tenham a ponta do rabo de um rato òkété, que tenham também o corpo de um rato òkété, que tenham ovos de galinha, que tenham mingau de milho misturado com azeite, que tenham azeite, que tenham 4 shilings. Òrúnmilà envia um mensageiro a sua gente. Diz-lhes que

preparam tudo isto. Assim que as Ìyàmi chegam à terra, antes de tudo se empoleiram na copa de uma árvore orógbó. Quando elas permanecem no orógbó, procuram sua oportunidade. Não a vêem, elas deixam esse lugar. Chegaram à copa de uma árvore àjànrèré. Ao chegarem à copa de uma árvore àjànrèré elas não têm sorte. Vão para copa de um Ìrókò. A penca de frutos na copa do Ìrókò não é suficiente para elas. Vão na árvore oro, lá elas não têm sorte. Vão em um ògún bèrèke, lá elas não têm sorte. Vão para um arere, não encontram lugar onde ficar. Vão na copa de uma árvore que elas chama de opé ségiségi, no rio Awínrinmògùn. Quando ali chegam ali ficam. Ficam em sua copa. Constroem em pátio no fundos. Constroem um quarto. Elas dizem que é lá que se reunirão. Juntam um grande montículo de terra lá onde todas as Eleye se reúnem. Quando estão reunidas, quando chegaram terra, trazem dores de barriga para as crianças. Trazem doenças para as crianças. Arrancam os intestinos das pessoas. Arrancaram os pulmões das pessoas. Bebem o sangue das pessoas. Dão dores de cabeça aos filhos de um outro. Dão doenças aos filho de um outro. Dão reumatismo aos filho de um outro. Dão dores de cabeça, febre, dor de estômago, aos filhos de um outro. Fazem sair a gravidez do ventre daquele que está grávida. Trazem para fora o feto daquele que não é estéril. Não deixam que uma mulher fique grávida. Aquela que está grávida elas não deixam parir. Elas (as pessoas perseguidas) vêm fazer súplicas aos filhos de Òrúnmilà. Dizem os filhos de Òrúnmilà que as ajudem. Que ajudem aquela que está grávida. O sacrifício que Òrúnmilà disse a seus filhos que fizessem, naquele dia, seus filhos o fizeram. Elas dizem que se os filhos de Òrúnmilà as quiserem chamar, elas dizem que as chamem com uma voz triste. Quando fizerem a oferenda, quando os filhos de Òrúnmilà já tiverem chamado, deverão levá-la e colocá-la em cima de seu montículo de terra. Deverão cantar assim. Elas dizem que eles deverão cantar com uma voz triste. Elas dizem que eles responderão. Eles deverão cantar assim: “Mãezinha vós conheceis minha voz. Ìyàmi Òsòròngà, vós conheceis minha voz. Ìyàmi Òsòròngà, toda coisa que eu disser, a folha ogbo disse que vós certamente compreendereis. Ìyàmi Òsòròngà, vós conheceis minha voz. Ìyàmi Òsòròngà, a cabaça diz que vós ides agarrar. Ìyàmi Òsòròngà, vós conheceis minha voz. Ìyàmi Òsòròngà, a palavra que o rato òkété disse à terra, a terra certamente a compreende. Ìyàmi Òsòròngà, vós conheceis minha voz. Ìyàmi, todas as coisas que eu disser vós fareis. Ìyàmi Òsòròngà, vós conheceis minha vós”. Eles começam a cantar. Quando eles acabam de cantar, todas as Eleye estão silenciosas. Os filhos de Òrúnmilà o farão por eles. (Òrúnmilà) diz que se eles colherem a folha que age, ele diz que eles tomarão cuidado para que a pessoa grávida permaneça grávida. Aquele que ficar grávida, eles cuidarão para que ela dê à luz. Ele diz que aquele que ficar doente, eles cuidarão dele, ele ficará bem. Ele diz que será curado. Ele diz que aquele que tiver dor de cabeça, eles colherão a folha que age. Se o fígado fizer mal a alguém, desenterrarão para ele a raiz que agir. Como as Ìyàmi autorizaram esses filhos de Òrúnmilà naquele dia, todas as coisa que eles fizerem agirão. Mas naquele dia eles chamarão co voz triste o canto indicado, para que Olorun deixe essas pessoas realizar esta boa tarefa.

Ogbè òsá - O poder de Ìyàmo é empregado para o bem e para o mal

Ogbè Sá sobre na árvore. Ogbè Sá sobre no teto. Ifá é consultado para todas as Eleye, quando elas vieram do além à terra. Quando elas chegam à terra, elas dizem que querem que querem Ter uma residência. Elas dizem sete residência são os sete pilares da terra. Elas dizem essas sete são os lugares onde elas farão suas residências. Antes de tudo elas dizem que terão uma primeira residência. Elas dizem, elas ficarão na árvore iwó que chamamos de orógbó. Elas dizem, quando elas saírem do orógbó, elas dizem, elas ficarão na árvore arère. Elas dizem, quando tiverem uma reunião no arère, elas dizem, elas irão na árvore osè. Elas dizem, quando deixaram osè, elas dizem, elas irão na árvore ìrókò, elas dizem, elas irão na árvore iyá. Elas dizem, quando elas deixaram iyá, elas dizem, elas irão na árvore àsùrin, elas dizem, elas irão na árvore òbobò, que é o chefe das árvores dos campos. Elas dizem, quando vós estais nas setes árvore, elas dizem, que trabalho fazeis em cada uma das árvores? Dizei, se elas sobem na árvore iwó, se elas pensam em alguém, dizei, vós pensais em sua felicidade se subirdes no iwó. Dizei, ele ficará muito tempo na terra, ele será direito (justo) na terra. Dizei, aquele em pensareis (quando estiverdes) no arère, todas as coisas que lhe agradarem, vós destruireis. Dizei, se vós subirdes na árvore osè, todas as coisas que agradarem a esta pessoa vós concedereis. Dizei, se subirdes no ìrókò, ali meditareis, sereis duro com alguém, provocareis acidentes com ele, o agarreis com força. Dizei, se subirdes na árvore iyá, rapidamente levareis alguém no além (vós o matareis). Dizei, se subirdes na

árvore àsùrìn, todas as coisas que quiserdes fazer, vós a fareis. Se quiserdes trabalhar para a felicidade, trabalhareis para a felicidade. Se quiserdes trabalhar para a infelicidade, trabalhareis para a infelicidade. Todo trabalho que vós agradar fazer no àsùrìn, vós o realizareis. Dizei que se deixardes a árvore àsùrìn ficareis na árvore òbòbò. Dizei que se lutardes com alguém, se ele vier vós fazer súplicas, se estiverdes na árvore òbòbò, vós o perdoareis. Dizei, se o òbòbò, é o chefe das árvores dos campos. Se ele é a última árvore onde vós realizais vossa reunião no mundo. Dizei, a árvore àsùrìn. Ela é vosso poderio. Dizei, se subirdes na árvore àsùrìn, lá vós tendes poderio. Tudo o que quiserdes fazer por alguém, e todo o bem que quiserdes fazer a alguém, dizei, se subirdes na árvore àsùrìn. Dizei, é vossa árvore, vós não o deixareis. Dizei, em todas as outras árvores vós chegais, mas na árvore àsùrìn fazeis vossa casa principal. Quando fazeis vossa casa na árvore àsùrìn, quando chegais lá, então cantais, como Òrúnmilá que criou esta canção. “Todas as Eleye sobem na árvore àsùrìn” (repetir três vezes). Assim cantastes. Quando assim cantastes, se quiserdes deixá-la, se disserdes, ireis até o mar, assim ireis até o mar, se disserdes ireis até a lagoa, assim ireis até a lagoa, rapidamente chegareis lá. Se disserdes, ireis em toda a terra, mesmo se disserdes, ireis ao céu, rapidamente chegareis lá, quando ficardes na árvore àsùrìn. A árvore àsùrìn é o lugar onde as Eleye obtêm seu poderio. Não é qualque um que pode manter-se lá.

Òsá Méjì - Ìyàmi e o mito da criação da roupa de Eégún

Òsá méjì é rico. Potente grito. Barulho de sino (ajija) chega no além. Ifá é consultado para Odù, no dia em que ela vem do além para a terra. Ifá é consultado para Òbàrisà, no dia em que ele vem do além para terra. Ifá é consultado para Ògún, no dia em que ele vem do além para terra. Este três chegam. Entre eles somente Odù é mulher. Odù diz, tu Olódùmarè. Ela diz, assim vão eles na terra. Ela diz, quando chegarem lá, como ficará? Olódùmarè diz, eles irão para a terra, boa será a terra. Ele diz, tudo o que eles quiserem fazer então, ele diz, ele lhes dará o poder, então tudo ficará bem. Ògún caminha na dianteira. Quando Ògún caminha na frente deles Òbàrisà segue. Quando Òbàrisà segue, Odù vem após. Quando Odù vem após, ela volta atrás. Ela diz, tu Olódùmarè. Ela diz, a terra para onde eles assim vão. Ela diz, Ògún, ela diz, tem o poder dos combatyès, ela diz, ele tem osabre, ele tem o fuzil, ela diz, ele tem todas as coisas para fazer a guerra. Ela diz, Òbàrisà, ela diz, ele também tem o poder. Ela diz, com o poder que ele tem, ela faz tudo o que quiser. Ela diz, é mulher entre eles, ela é Odù. Ela diz, que poder é o seu? Olódùmarè diz, qual é teu poder? Ele diz, tu serás chamada, para sempre, mãe deles. Ele diz, porque quando todos os três partistes, ele diz, tu a única mulher retornaste. Ela diz, a ti, esta mulher, é dado o poder, que faz dela mãe deles. Ele diz, tu, tu susterás a terra. Olódùmarè lhe confere este poder. Ao lhe conferir o poder, ele lhe confere o poder do pássaro, ele lhe dá o poder de E;eye (proprietária do pássaro). Quando ele lhe deu o poder de eleye, Olódùmarè diz, está bem. Ela diz, esta cabaça de eleye que ele lhe deu, ele diz, conhecerá ela seu emprego na terra? Ele diz, que ela conheça seu emprego na terra. Odù diz, ela o conhecerá. Ela recebe o pássaro de Olódùmarè. Então ela recebe o poder que ela utilizará com ele. Ela parte. Ela está na iminência de partir. Olódùmarè a chama para que ele volte novamente. Ele diz, está bem, ele diz, retorna. Ele diz, tu Odù, ele diz, retorna. Ele diz, quando ela chegar à terra, ele diz, como irás utilizar teus pássaros, e as forças que ele lhes deu? Ele diz, com irá ela utilizá-los? Odù diz, todos aqueles que não lhe tiverem dado ouvidos, ela diz, ela os combaterá com os pássaros. Ela diz, aqueles que não vieram pedir-lhe uma indicação, (aqueles) que assim fizeram, que não ouvirem tudo aquilo que ela disser, ela diz, ela os combaterá. Ela diz, aquele que dela se aproximar para pedir ter dinheiro, ela diz, ela lhe dará. Ela diz, aquele que pedir-lhe para gerar, ela diz, ela o concederá. Ela diz, se tivesse dado dinheiro a alguém, se, em seguida, ele se mostrasse impertinente para com ela, ela diz, que o tomaria de volta. Ela diz, se tivesse dado um filho a uma pessoa, se, em seguida, ela se mostrasse impertinente para com ela, ela diz que o tomaria de volta. Ela diz, tudo aquilo que ela fizer por alguém, se, em seguida, ele se mostrasse impertinente para com ela, ela diz que ela o tomaria de volta. Olódùmarè diz, está bem. Ele diz, nada mau. Ele diz, utiliza com calma o poder que te conferi. Se ela o utilizasse com violência, ele o tomaria de volta, e de todos os homens que te seguirão, faço de ti a mãe deles. Toda coisa que agradar-lhe fazer, é coisa que deverão anunciar a ti, Odù. A partir de então Olódùmarè conferiu o poder à mulher, porque aquele que então recebeu o poder se chamava Odù. Ele dá às mulheres o poder de dizer tudo aquilo que lhes agradar. Sozinho o homem nada poderá fazer na ausência da mulher. Odù chega à terra. Quando chegam juntos à terra, em todas florestas que

vêm, que eles chamam a floresta de Eégún, a mulher entra nelas. Aquela que eles chamam a floresta de Orò, a mulher entre nela. Naquele tempo não havia proibição alguma para que a mulher não ousasse entrar em floresta alguma. Ou paraq que uma mulher não ousasse entrar em nenhum pátio dos fundos. Se eles querem adorar Eégún, se querem adorar Orò, se querem adorar todos os Òrisà, a mulher os adora naquele tempo. Quando assim realizam o culto, ah! a antiga (àgbà) exagerou, ela caiu em desgraça. Ifá é consultado para Odù, quando Odù chega à terra. Ei! Dizem, eles tu odù, eles dizem, ela deve agir com calma, que ela tenha paciência, que não seja imprudente. Odù diz, por quê? Eles dizem, por causa do poder que Olódùmarè te deu, eles dizem, para que as pessoas não saibam a razão disso. Odù diz (Ora essa!) ela diz, não é nada disso. Ela diz, ele não são capazes de conhecer o motivo. Ela diz, somente ela foi junto de Olódùmarè. Receber o poder não foi na presença dos outros que chegaram à terra com ela, não foi de modo algum na presença deles. Quando assim falaram a Odù, disseram-lhe que ela faça oferendas. Odù diz, de modo algum! Ela diz, ela não fará oferendas. A oferenda para que a mulher receba o poderio junto a Olódùmarè, ela a fez. Mas ela não deve rejubilar-se exageradamente. Ela é capaz de utilizar essas coisas durante muito tempo. As pessoas não podem estragar aquilo que ela tem nas mãos. As pessoas não pessoas não podem conhecer os motivos de sua força. Ela não fará oferendas. Ela parte. Ela põe para fora (a roupa de) Eégún. Ela faz Orò sair para fora. Todas as coisas, não existem coisas que ela não faça, naquele tempo. Òbàrisà vem, ele diz, hein! Ele é aquele a quem Olódùmarè confiou a terra. Esta mulher enérgica quer tomar a terra, e o pátio dos fundos (lugar no culto) de Eégún, e o pátio dos fundos de Orò, e o patio dos fundos de todos os òrisà. (Ele) não ousa entrar em nenhum deles. Ah! esta mulher vem tomar a terra. Òbàrisà vai consultar (um) babaláwo. O babaláwo a quem ele vai consultar, é Òrúnmilà quem é consultado por ele naquele dia, é exatamente Òrúnmilà que ele vai consultar. Ele diz que Òrúnmilà examine, que diz o oráculo? Eis a mensagem enviada por Olódùmarè. Sustentará ele o mundo em suas mãos/ ele transmite a mensagem com sucesso. Ninguém pode tomar o mundo em suas mãos. O mundo não será estragado. Como será ele capaz de ser vitorioso? Ele consulta Ifá. Eles dizem que Òrisà deve fazer oferendas. Eles dizem que então ele deve ser paciente. Naquele tempo Òrúnmilà escolhe a oferenda de caracóis. Ele escolhe um chicote. Ele escolhe 8 shilings. Òrisà faz a oferenda. Quando Òrisà fez a oferenda. Òrúnmilà consulta Ifá para Òrisà. Ele diz, esta terra se tornará sua, ele diz, mas ele deve Ter paciência. Ele diz, se ele tiver paciência, ele diz, a adoração se tornará sua. Ele diz, aquele que enfeixa o poder da mulher, ele diz, ela vai exagerar. Quando ela tiver exagerando, ele diz, ela se tornará tua serva, Òrisà, ele virá submeter-se a ti. Òrisà compreende, ele terá paciência. Todos os hábitos, os bons, os maus, que Odù mostra na terra, com o poder que Olódùmarè lhe conferiu. Se ela diz a alguém para não olhar seu rosto, se ele olhar o rosto, ela o deixa cego. Se ela diz que o olhar de alguém na pessoa dela é mau, se ela diz que essa pessoa tenha dor de cabeça, ela terá dor de cabeça, se ela diz que essa pessoa tenha dor de barriga, ela terá dor de barriga. Todas as coisas que Odù diz, naquele tempo, se realizam. Quando chegou o tempo, Odù diz, tu Òrisà, ela diz, quando eles chegaram juntos à terra, ela diz, que ela e ele vão a um único lar. Ela diz, se estivermos em um único lugar, se ela diz, tudo aquilo que ela quisesse fazer, ela diz, ela teria a oportunidade de deixar-te, Òrisà, ver tudo aquilo que ele fará. Ela diz, porque com ele, e Ògún caíram juntos do céu. Ela diz, mas eles colheram Ògún para ser guerreiro. Aquele que queria fazer-lhes a guerra, Ògún triunfaram sobre ele. Odù com Òrisà devem morar em um único lugar. Ao lugar para onde vêm juntos, eles moram em um único local. O caracol que Òrisà devem morar em um único lugar. Ao lugar para onde vêm juntos, eles moram, em um único local. O caracol que Òrisà ofereceu, Òrisà pega, adora sua cabeça com ele. Òrisà adora sua cabeça com o caracol no lugar onde ele mora. Quando Òrisà terminou adoração, então bebe a água (contida na concha) do caracol. Quando ele bebeu a água da (concha) do caracol. Ele diz, tu Odù também queres beber? Diz, Odù, não tem importância. Odù recebe a água de caracol para beber. Quando odù bebeu a água de caracol, o ventre (o humor) de Odù se acalma. No lugar onde seu humor se acalma, ela diz, ah! ela diz, tu Òrisà, ela diz, ela conhece através dele um coisa deliciosa de se comer. Ela diz, a água do caracol é doce, o caracol também é doce? Quando terminou de comer, ela diz, isto é bom. Nunca lhe deram coisa tão boa de se comer quanto o caracol. Ela diz, o caracol é o que se deve dar a ele para comer. Ela diz, exatamente o caracol que tu, Òrisà, comes, ela diz, devemos dar a ele. Òrisà diz que lhe dêem caracóis, ele diz, mas teu poder que não me mostraste, ele diz, é a única coisa que me entristece. Ele diz, toda coisa, qualquer outra coisa que

possuas, ele diz, tu ousas mostrá-las, tu Odù. Òrìsà assim fala. Quando Òrìsà assim falou, Odù diz, quando ela veio ficar com ele em um único lugar, ela diz, tudo aquilo que ele fizer, ela nada esconderá dele. Ela diz, tudo aquilo que ela fizer, ela nada esconderá. Ela diz, ele poderá ver todos os seus trabalhos e todos os seus hábitos. Ela diz, ela fica com ele em um único lugar. Òbàrìsà diz, nada mau. Quando Òrìsà diz nada mau, eles estão juntos. Ele estão juntos, querem adorar Eégún. Odù traz as coisas com as quais adora Eégún, ela as leva para o pátio dos fundos de Eégún. Ela diz a Òbàrìsà que a siga. Ah! Òbàrìsà diz que está assustado. Ela diz que ele a siga. Òbàrìsà segue. Quando Òbàrìsà segue (e) entra na floresta de Eégún, eles adoram Eégún. Quando eles adoram Eégún, Odù se cobre com a roupa de Eégún. Mas ela não sabe como se faz o som (da voz) de Eégún, como se faz a voz de Eégún, Odù não sabe. Ela sabe somente cobrir-se coma roupar, ela sabe somente fazer as orações, como todo mundo. Mas ela não sabe como se fala com a voz dos seres do além. Quando eles adoraram Eégún, Odù pega a roupa, cobre-se com ela. Ela faz votos de felicidade a uma pessoa que trouxe comida. Quando terminou os votos, ela sai. Quando saiu, ela e Òbàrìsà, chegou para eles o tempo de ir para casa. Òbàrìsà vai ao lugar (onde se encontra) a roupa. Antes a roupa de Eégún não tinha rede. Òrìsà acrescentou a rede. A rede por onde Eégún pode ver. Naquele tempo Eégún tinha uma roupa simples. Quando as mulheres faziam Eégún o tecido era simples. Elas faziam um furo no lugar do rosto para que elas (pudessem) ver um pouco. (Não havia) re, naquele tempo elas faziam um furo no lugar do rosto de Eégún. Mas quando Òbàrìsà chega, Òbàrìsà vem acrescentar a rede. Depois que eles chegam à casa, Òbàrìsà vai novamente ao pátio dos fundos de Eégún. Ele pega (a roupa de) Eégún, corta o lugar do rosto, aí põe a rede. Após colocar a rede, ele se cobriu com a roupa de Eégún. Quando se cobriu com a roupa de Eégún, pega o chicote. Empunha o chicote. (Não se despediu de Odù, dizendo que vai ao pátio dos fundos de Eégún, no lugar de onde ele sai.) Òbàrìsà fala com a voz de Eégún. Fala com a voz de Eégún, eles não distinguem sua voz. Faz votos, eles não distinguem sua voz. Aquele que quer adorar Eégún diz hein! Ele diz ah! ele diz Eégún que ele adora e, com efeito, verdadeiro, ele diz um dos seres do além veio à terra, ele empunha o chicote. O chicote que ele assim empunhou, arrasta-o no chão. Fala então coma voz de Eégún. No lugar onde se encontra, ele fala coma voz de Eégún. Ele se torna uma coisa que assusta Odù. Ah! ah! quando ela veste a roupa, não conhece esse modo de falar. Ah! ah! quem entrou rapidamente na roupa? Quem, em seguida, falou rapidamente com esse semelhante voz? Com inteligência o homem toma o poder. E toda a inteligência da mulher, com inteligência o homem toma das mãos das mulheres. Olódùmarè, em primeiro lugar, transmitiu a inteligência e o poder de Eleye à mulher. Mas com inteligência e astúcia o homem toa a inteligência da mão das mulheres. Quando Odù viu que esse Eégún em torno de toda a cidade. Odù viu então que a roupa é sua. Quando ela viu que a roupa é sua, ela diz, quem é este aí? Ela não vê Òbàrìsà na casa. Ela diz, esse aí é Òbàrìsà? Odù permanece em casa. Ela envia seu pássaro. Ela lhe diz que vá empoleirar-se no ombro (de Eégún). Eles devem ir juntos. Tudo aquilo que Eégún disse, age pelo poder do pássaro, empoleirando em seu ombro. Quando tudo aquilo que ele diz se realizou, (e) quando ele volta para casa. Ele volta ao pátio dos fundos de Eégún. Ele se despe no chão. Ele coloca o chicote no chão. Torna a pôr sua própria roupa. Sai. Eleye vai para perto de sua proprietária (Odù). Quando ele volta para casa. Então Odù o saúda. Ela diz, sê bem-vindo. Ela diz, de onde vem ele? Òbàrìsà diz, ele vem de fora. Odù diz, nada mau. Ela diz, sê bem-vindo. Então Òbàrìsà esparrama no chão todas as coisas que recebeu. Quando ele as esparramou, Odù diz, está bem. Ela diz, então foi sua roupa de Eégún que ele conduziu para fora? Òbàrìsà diz, assim é. Odù diz, está bem. Ela diz, verdadeiramente a ele convém mais do que a ela fazê-la (sair). Ela diz, toda essa gente, ela diz, grita, eis Eégún! Eis Eégún! Ela diz, eles gritam por causa dele. Ela diz, ele arrasta seu chicote no chão, ela diz, a honra cabe a ele. Ela diz, a partir de hoje, ela diz, ela concede Eégún ao homem. Ela diz, por causa dela, ela diz, mulher alguma nunca mais ousará entrar na roupa de Eégún. Ela diz, por causa de Òrìsàlá, ela diz, ela dá Eégún ao homem,. Ela diz, mas se ele deve sair, ela diz, ela tem o poder que ele utiliza. O motivo se deve à amizade entre Eégún e eleye. No lugar de onde vem Eégún, as Eleye (também) vêm. Todo o poder utilizado por Eégún é o poder de Eleye. Odù diz, mulher alguma jamais entrará na (roupa) de Eégún. Mas ela poderá dança, ir ao encontro de Eégún, quer dizer que se Eégún sair, ele dançará diante dele, ele dançará na estrada, ao encontro de Eégún. Ela diz, a mulher fará isto unicamente. Ela diz, a mulher não ousará nunca mais entrar no pátio dos fundos. Ela diz, a partir de hoje é o homem que levará Eégún para fora. Ela diz, ninguém, nem os netos, nem os velhos

poderão zombar da mulher. Ela diz, a mulher tem mais poder sobre a terra. Ela diz, além do mais, a mulher nos pôs no mundo. Ela diz, todo mundo nasceu da mulher. Ela diz, todas as coisas que as pessoas quiserem fazer, se não forem ajudadas pelas mulheres, ela diz, não podem fazer. (É por este) motivo que os homens nada podem fazer na terra, se não obtiverem das mãos das mulheres. Eles cantam. Òbàrisà também canta. Quando é o quinto (dia), eles fazem (a festa da semana). Ele diz que todos os cânticos que eles cantarão serão este aqui, vindos do (odù de Ifá) Òsá Méjì. Ele diz, eles saúdam as mulheres, ele diz, se eles saudarem as mulheres, a terra será tranqüila. Eles cantam assim: “Dobrai o joelho, dobrai o joelho para as mulheres. A mulher nos pôs no mundo, assim somos seres humanos. A mulher é a inteligência da terra, dobrai o joelho para a mulher. A mulher nos pôs no mundo, assim somos seres humanos”.

Òsá Méjì - Cólera de Ìyàmi em relação a Òsàlá

Ele fica de pé por vós. Ele fica de pé por vós. Ele fica de pé por vós três vezes. Mau seu oyo que eles batem com um porrete. Má palavra ògbígbí que eles batem com um pedra. Má comida, o morcego vomita pela boca, defeca pela boca. Ifá é consultado para Òsàlá Òsèrèmàgbò, no dia em que vai buscar água no rio das Eleye. Ifá é consultado para as Eleye, no dia em que elas comerem mais o algodão de Òrisà. Quando chegou o momento de Òrisà plantar seu algodão, ele encontra as Eleye que puxam esse algodão e o comem. Elas as previne, dizendo-lhes que nunca mais puxem esse algodão e o comam. Elas nunca mais roubarão coisa alguma. Quando elas chegam à terra, as mulheres nada recolheram junto a Olódùmarè. Quando é o início da terra, aonde vão elas para fazer todas as coisas, perguntam as mulheres, qual é o poder que eles terão? Olódùmarè diz, os homens tomaram todo o poder. Não existe mais poder. Quando eles chegam à terra, os homens enganam as mulheres, tratam-nas sem seriedade, não lhes dizem a verdade. Elas vão para junto de Olódùmarè, contar seus sofrimentos, nada foi partilhado com elas. Olódùmarè diz, ele lhes fará um favor. Ele lhe dará o poder, que ficará acima do poder dos homens, de seu poder e de sua medicina. Ele colocará esse poderio nelas, em suas mãos. As Àjé o utilizarão de todos os modos. Quando elas chegam à terra, não existem rios. Todas aquelas que se tornariam rios, naquele tempo não eram rios. Água do olho-d'água (onde vivem) caranguejos. Água redonda como poço. Naquele tempo elas utilizam a água do poço. Então as Ìyàmi tinham um rio. Elas o chamavam Olontoki, esta água jamais seca. Tomavam conta dele. Òrisà se encontrava na (seguinte) situação: criava os homens com água fresca. Porque criava os homens. Òrisà ia roubar águas delas. Quando elas começam a ver que estão roubando-lhes a água, elas vigiam a água. Na época em que assim a rodeiam elas encontram Òrisà. Quando elas encontram Òrisà. Ela dizem, a ti saudamos, Òrisà. Òrisà diz, saudações. Elas dizem, és tu quem vais roubar nossa água todos os dias. Começam a expulsar Òrisà de longe. Expulsam –mo até a casa de Eégún. Eégún diz, poupai-o, perdoai-o, Ela dizem, elas são capazes de pegar a ti, Eégún. Ela diz, todas as roupas (de Eégún) elas vão pegar para engolir. Ela diz, todo seu poder, iremos engolir. Rapidamente Eégún empurra (Òrisà) para fora. Eles fogem, ele chega à casa de Ògún. Ògún diz, poupai-o, elas dizem, teu dinheiro iremos pegar e engolir. Todos os teus instrumentos de ferro, tuas tenazes iremos pegar e engolir, todo o teu trabalho, iremos pegar e engolir. Ògún empurra rapidamente (Òrisà) para fora. Eles fogem. Ele vai correndo até a casa de Òrúnmilà. Elas dizem, tu Ifá. Elas dizem, elas são capazes de pegar todos os teus coquinhos e comê-los, elas dizem, teus opele elas vão pegar e comer. Ele diz, nada mau. Ele diz, que elas entrem em casa. Òrúnmilà traz 16 pratos de ekuru (feijão cozido). Traz para elas. Traz diversas espécies de sangue, sangue de cabra, sangue de galinha, sangue de carneiro. Reúne todos esses sangues. Traz para elas sangue de touro. Diz-lhes que bebam. Bem! se elas criam muito casa quando bebem água, o sangue é o que elas bebem, é o que lhes foi trazidos e elas beberam. Elas dizem Òrúnmilà lhes fez uma tal recepção, elas perdoam verdadeiramente. Mas todas as coisas que elas quiserem ter, virão lhe pedir. Òrúnmilà diz, se um outro oferecesse,, se alguém oferecesse, se outra pessoa oferecesse, todas as coisas que vós (Ìyàmi) recebeis em mãos. Ele diz, vinde pedir, ele (Òrúnmilà) a receberá por vós. Òrisà vem com um coração calmo. Ele diz, tu Òrúnmilà, muito obrigado por teu favor. Que coisa posso dar-te assim rapidamente? Ele nada tem na mão, a não ser o facão que ele trouxe aqui. Que ele pegue o facão. Ele o dá a Òrúnmilà. É o facão que os babaláwo chamam de àdásà. Eles o utilizam junto a Ifá como um iróké. Chamam a este facão àdásà. Òrúnmilà começa a bater o facão aos pés de Ifá. Òrúnmilà ouve tudo

aquilo que ele diz. “Este é o facão de Òrìsà, este é ofacão de Òrìsà. O facão está na minha mão, este é o facão de Òrìsà”.

Ìrété ogbè - Como Odù tornou-se mulher de Òrúnmilà

Que tu pises no mato. Que tu pises no mato. Que pisemos juntos no mato. Ifá é consultado para Odù. Eles dizem Odù veio do além para a terra.. quando ela chegou à terra, elas dizem, tu Odù, esta é tua partida. Olódùmarè lhe dá o pássaro. Ele pega seu pássaro para ir à terra. Aragamago é nome que Olódùmarè dá a esse pássaro. Aragamago é nome que tem esse pássaro de Odù. Ele diz, tu Odù, ele diz, toda tarefa para a qual ela o enviaria, ele a cumpria. Ele diz, ao lugar onde agradasse a ela enviá-lo, ele iria. Ele diz, se fosse para fazer o mal, ele diz, se fosse para fazer o bem, ele diz, todas as coisas que ela gostasse de dizer a ele para fazer, ele fariz. Odù leva esse pássaro para a terra. Odù disse que ninguém a poderia olhar. Ela diz que não a olhem, se um inimigo de Odù a olhasse, ela lhe romperia os olhos (ela o cegaria) com o poder desse pássaro ela lhe reomperia os olhos. Se um outro inimigo se quisesse espiar o que contém a cabaça desse pássaro, esse pássaro Aragamago lhe romperia os olhos. É assim que ela utiliza esse pássaro. Ela o utiliza até chegar à casa de Òrúnmilà. Òrúnmilà vai consultar seus babaláwo. Vai consultar: “Se ensinarmos a inteligência a alguém, sua inteligência será inteligente”. “Se ensinarmos a estupidez a alguém, sua estupidez será estúpida”. Os babaláwo da casa de Òrúnmilà consultam Ifá para saber o dia em que ele tornará Odù como sua mulher. Òrúnmilà é assim, tomará Odù como sua mulher. Os babaláwo de Òrúnmilà dizem ei! Eles dizem, Odù que tu queres tomar como mulher, eles dizem, um poder está em suas mãos. Eles dizem, (para) esse poder Òrúnmilà fará uma oferenda ao chão, por causa de toda a sua gente. Eles dizem (para que) com seu poder ela não mate e coma, porque o poder dessa mulher é maior do que o de Òrúnmilà. Eles dizem a Òrúnmilà que faça rapidamente essa oferenda sobre o chão. Eles dizem que Òrúnmilà tenha um rato òkété. Dizem que ele tenha um rato. Dizem que ele tenha um peixe. Dizem que ele tenha um caracol. Dizem que ele tenha azeite-de-dendê. Dizem que ele tenha 8 shilings. Òrúnmilà faz a oferenda. Quando Òrúnmilà fez a oferenda, eles consultam Ifá para ele. Òrúnmilà leva (a oferenda) para fora. Ao chegar Odù, ela encontra a oferenda na rua. Ah! diz Èsù, Òrúnmilà fez essa oferenda ao chão, porque quer desposar a ti Odù. Odù diz, nada mau. Todos aqueles que Odù leva atrás dela são as coisas más. Ela diz que todos eles comem. Odù também abre no chão a cabaça de Aragamago, seu pássaro, ela diz que ele come. Odù entra na casa. Quando ela entrou na casa, Odù chama Òrúnmilà. Ela diz, tu Òrúnmilà. Ela diz, ela chegou. Ela diz, seus poderes são numerosos, ela diz, mas ela não deixará que eles te combatam. Ela diz, que ela não quer briga contigo, Òrúnmilà. Ela diz, mesmo que alguém pedisse sua ajuda, lhe dissesse que te combatesse, ela diz, ela não te combaterá, pois Odù diz, eles não farão Òrúnmilà sofrer. Porque se eles quisessem fazer Òrúnmilà sofrer, Odù com seu poder e o poder de seu pássaro combateria essas pessoas. Quando Odù acabou de falar, Òrúnmilà disse, nada mau. Então eles vão chegar. Quando chegou o momento, Odù diz, tu Òrúnmilà, ela diz, aprende depressa minha proibição (de Odù). Ela diz, ela quer dizer-lhe qual é a sua proibição. Ela diz, ela não quer as outras mulheres dele, olhem o rosto dela. Ela diz, que ele diga a todas as suas outras mulheres, ela diz, que não olhem o rosto dela. Aquela que olhasse seu rosto, veria sua batalha. Ela diz, que ela não quer que ninguém olhe seu rosto. Òrúnmilà diz, nada mau. Então ele chama todas as suas mulheres. Ele as previne. As mulheres de Òrúnmilà não olharão o rosto dela. Odù diz a Òrúnmilà que, ela diz, ela vem contigo fazer com que seu fardo se torno benfazejo. Ela diz, que ela irá consertar todas as coisas. Ela diz, tudo aquilo que ele quisesse estragar, ela não consertará. Ela diz, se ele conhece sua proibição, ela diz, tudo aquilo que é seu completamente ficará bom. Então aquele que as quisesse estragar, ela não deixará que nada seja estragado. Se osò quiser estragar, ela diz, ela não (o) deixará (agir), então ele mesmo será estragado. Ela diz, nenhuma Àjé é capaz de estragar uma coisa de Òrúnmilà. Ela diz, que Òrúnmilà não brinca com ela. Ela diz, todas as suas coisas, completamente, ficarão boas. Ela diz que não brigará com Òrúnmilà. Não brigará com sua gente. Ela diz que Òrúnmilà sabe as tarefas que ele quer mandar que ela faça. Ela diz, se ele envia uma mensagem para fazer alguém sofrer, se ele quiser enviá-la, ela entregará (a mensagem). O poder de seu pássaro, se alguém quisesse fazer Òrúnmilà sofrer, ainda que somente beliscá-lo, Odù iria brigar. Òrúnmilà diz hein! tu Odù. Ele sabe que tu és importante. Ele sabe que tu és superior a todas as mulheres do mundo. Jamais ele brincarás contigo. Todos os seus filhos que são babaláwo, previne-os para que jamais osem brincar contigo, porque Odù é o poder dos babaláwo. Ele

diz, se o babaláwo possui Ifá, ele diz, ele também tem Odù. Ele diz, o poder que então Odù lhe dá diz que, todas as mulheres que estão junto dele não ousem olhar o rosto dela. A partir desse dia, todos os babaláwo, sem faltar nenhum, não há quem não tenha essa Odù. Aquele que não tivesse essa Odù não poderia consultar Ifá. No dia em que ele tiver Odù, nesse dia ele se tornará alguém, que Odù não abandona ao sofrimento.

IYÁ MI OSORONGÁ (ÌYÁ MI OSORONGÁ) É A SÍNTESE DO PODER FEMININO, CLARAMENTE MANIFESTO NA POSSIBILIDADE DE GERAR FILHOS E, NUMA NOÇÃO MAIS AMPLA, DE POVOAR O MUNDO. QUANDO OS IORUBÁS DIZEM "NOSSAS MÃES QUERIDAS" PARA SE REFERIREM AS IYÁ MI, TENTAM, NA VERDADE, APAZIGUAR OS PODERES TERRÍVEIS DESSA ENTIDADE. DONAS DE UM AXÉ TÃO PODEROSO QUANTO O DE QUALQUER ORIXÁ, AS **IYÁ MI** TIVERAM SEU CULTO DIFUNDIDO POR SOCIEDADES SECRETAS DE MULHERES E SÃO AS GRANDES HOMENAGEADAS DO FAMOSO **FESTIVAL GÈLÈDÈ**, NA NIGÉRIA, REALIZADO ENTRE OS MESES DE MARÇO E MAIO, que antecedem o início das chuvas do país, remetendo imediatamente para um culto relacionado à fertilidade. PODER PROCRIADOR TORNARAM-SE CONHECIDAS COMO AS SENHORAS DOS PÁSSAROS E SUA FAMA DE GRANDES FEITICEIRAS AS ASSOCIARAM À ESCURIDÃO DA NOITE; POR ISSO TAMBÉM SÃO CHAMADAS DE **ELEYÉ** E AS CORUJAS SÃO SEUS MAIORES SÍMBOLOS. A SUA RELAÇÃO MAIS EVIDENTE É COM O **PODER GENITAL FEMININO**, QUE É O ASPECTO QUE MAIS APROXIMA A MULHER DA NATUREZA, OU SEJA, DOS ACONTECIMENTOS QUE FOGEM À EXPLICAÇÃO E AO CONTROLE HUMANO. TODA MULHER É PODEROSA PORQUE GUARDA UM POUCO DA **ESSÊNCIA DAS IYÁ MI**; A CAPACIDADE DE GERAR FILHOS EXPRESSA NOS ÓRGÃOS GENITAIS FEMININOS, SEMPRE ASSUSTOU OS HOMENS E AS CANTIGAS ENTOADAS DURANTE O FESTIVAL GÈLÈDÈ FAZEM ALUSÃO A ESSE TERRÍVEL PODER - QUE NÃO PERTENCE APENAS AS IYÁ MI, MAS A QUALQUER MULHER.

Mãe destruidora, hoje te glorifico:

O velho pássaro não se aqueceu no fogo.

O velho pássaro doente não se aqueceu ao sol.

Algo secreto foi escondido na casa da Mãe...

Honras à minha Mãe!

Mãe cuja vagina atemoriza a todos.

Mãe cujos pêlos púbicos se enroscam em nós.

Mãe que arma uma cilada, arma uma cilada.

Mãe que tem potes de comida em casa.

AS MÃES SÃO COMPREENDIDAS COMO A ORIGEM DA HUMANIDADE E SEU GRANDE PODER RESIDE NA DECISÃO QUE TOMAR SOBRE A VIDA DE SEUS FILHOS. É A MÃE QUE DECIDE SE O FILHO DEVE OU NÃO NASCER E, QUANDO ELE NASCER, AINDA DECIDE SE ELE DEVE VIVER. A MULHER, ESPECIALMENTE NAS SOCIEDADES ANTIGAS, TINHA INÚMEROS RECURSOS PARA INTERROMPER UMA GRAVIDEZ. E, ATÉ OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA, UMA CRIANÇA DEPENDE TOTALMENTE DE SUA MÃE; SE FALTAREM SEUS CUIDADOS A CRIANÇA NÃO VINGA. EM SÍNTESE, TODO SER HUMANO DEVE A VIDA A UMA MULHER. SE TODAS AS MULHERES JUNTAS DECIDISSES NÃO MAIS ENGRAVIDAR, A HUMANIDADE ESTARIA FADADA A DESAPARECER. ESSE É O PODER DE IYÁ MI: MOSTRAR QUE TODAS AS MULHERES JUNTAS DECIDEM SOBRE O DESTINO DOS HOMENS.

Mãe todo-poderosa, mãe do pássaro da noite.

Grande mãe com quem não ousamos coabitar

Grande mãe cujo corpo não ousamos olhar

**Mãe de belezas secretas
Mãe que esvazia a taça
Que fala grosso como homem,
Grande, muito grande, no topo da árvore iroko,
Mãe que sobe alto e olha para a terra
Mãe que mata o marido, mas dele tem pena.**

IYÁ MI É A SACRALIZAÇÃO DA FIGURA MATERNA, POR ISSO **SEU CULTO É ENVOLVIDO POR TANTOS TABUS**. SEU GRANDE PODER SE DEVE AO FATO DE GUARDAR O SEGREDO DA CRIAÇÃO. TUDO QUE É REDONDO REMETE AO VENTRE E, POR CONSEQÜÊNCIA, AS **IYÁ MI**. O PODER DAS GRANDES MÃES É EXPRESSO ENTRE OS ORIXÁS POR **OXUM, IEMANJÁ E NANÃ BURUKU**, MAS O PODER DE **IYÁ MI** É MANIFESTO EM TODA MULHER, QUE, NÃO POR ACASO, **EM QUASE TODAS AS CULTURAS, É CONSIDERADA TABU**. AS DENOMINAÇÕES DE **IYÁ MI** EXPRESSAM SUAS CARACTERÍSTICAS TERRÍVEIS E MAIS PERIGOSAS E POR ESSA RAZÃO SEUS NOMES NUNCA DEVEM SER PRONUNCIADOS; mas quando se disser um de seus nomes, todos devem fazer reverências especiais para aplacar a ira das Grandes Mães e, principalmente, para afugentar a morte. As feiticeiras mais temidas entre os iorubás e nos candomblés do Brasil são as **Ájé** e, para referir-se à elas sem correr nenhum risco, diga apenas **Eleyé**, Dona do Pássaro. O aspecto mais aterrador das **Iyá Mi** e o seu principal nome, com o qual tornou-se conhecida nos terreiros, é **Osorongá**, uma bruxa terrível que se transforma no pássaro de mesmo nome e rompe a escuridão da noite com seu grito assustador. As **Yiá Mi** são as senhoras da vida, mas o corolário, a decorrência, dedução, conseqüência fundamental da vida é a morte. QUANDO DEVIDAMENTE CULTUADAS, MANIFESTAM-SE APENAS EM SEU ASPECTO BENFAZEJO, SÃO O GRANDE VENTRE QUE POVOA O MUNDO. NÃO PODEM, PORÉM, SER ESQUECIDAS; NESSE CASO LANÇAM TODO TIPO DE MALDIÇÃO E TORNAM-SE SENHORAS DA MORTE. **O LADO BOM DE IYÁ MI É EXPRESSO EM DIVINDADES DE GRANDE FUNDAMENTO, COMO APAOKÁ, A DONA DA JAQUEIRA, A VERDADEIRA MÃE DE OXOSI**. Dizem que o deus caçador encontrou mel aos pés da jaqueira e em torno dessa árvore formou-se a cidade de Kétu. Os **assentamentos** de **Iyá Mi** ficam junto a grandes **árvores como a jaqueira** e geralmente são **enterrados**, mostrando a sua relação com os ancestrais, sendo também uma nítida representação do ventre. As **Iyá Mi**, juntamente com **Exú** e os ancestrais, são evocadas nos ritos de **Ipadé**, um complexo ritual que, entre outras coisas, ratifica a grande realidade do poder feminino na hierarquia do Candomblé, denotando que as grandes mães é que detém os segredos do culto, pois um dia, quando deixarem a vida, integrarão o corpo das **Iyá Mi**, que são, na verdade, as mulheres ancestrais. Candomblé - A panela do segredo - Pai Cido de Òsun Eyin

YAMI ESPAÇO SAGRADO

*Se na África o culto dos orixás está circunscrito a determinadas regiões ou cidades, no Brasil a coisa foi totalmente diferente. Lá, existe uma localidade especificamente destinada ao culto de determinada divindade, contendo a mesma história, sua origem, seus mitos, e seus ritos. Assim, **Ifé**, na Nigéria é o **centro da criação para o mundo nago-iorubá, é a capital do mundo mítico e mágico negro, é o ILUAIYE** de que tanto fala os negros da diáspora. Em **Ile-Ife** está o culto a **Oduduwa**, fundador dos povos iorubás, assim como **Obatala ou Osala**, o Deus que criou o homem. Em **Oyo** está **Sango**, que foi seu quarto rei e é o deus do fogo e do trovão, sendo um dos seus antecessores, o seu pai **Oranyan**, que foi o **primeiro rei de Oyo**. Em **Ire**, **Ogun**, deus do ferro e da guerra, invadiu o dominou a cidade tornando-se rei com o nome de **Ogun Onire**. Em **Abeokuta** corre a tradição de lá ter nascido **Yemoja**, bem como a de que **Oyá** ou **lansã** para os brasileiros, ter nascido em **Ira**. **Erinlé**, mais conhecido como **Inlé e Ibualama**, tem o seu culto em **Ilobu**, além de ter rio com seu nome. De **Ilesa** recebemos grande herança. De lá veio o culto a **LOGUNEDÉ**, cujo sacerdote mais velho e mais importante do Brasil é o babalorixá **Eduardo Mangabeira**, popularmente conhecido como **Eduardo Ijesa**, hoje com 99 anos de idade. De **Ikija**, perto de **Ijebu Ode** surgiu **Ososi**, que veio a ser o **primeiro rei de Ketu**, cidade que depois foi dominada, destruída e anexada ao **Dahomey**, hoje **República Popular de Benin**. De seu culto nada mais resta a não ser na diáspora, especificamente na Bahia. **Osun** tem o seu culto principal*

em **Osogbo**, além das cidades de **Oboto**, **Akpara**, **Ipetu**, **Ijimu**, dentre outras. **Osala** andou muito. Saiu de **Ife** peregrinando por diversas regiões, tomando nomes diferentes, ao tempo em que se torna rei dos referidos locais. Em **Ejigbo** tomou o nome de **Osagiyán**, em **Ifon**, **Orisa Olofun** e assim por diante. Também chegou até a Bahia o culto a **Iya Mapo**, patrona da vagina, por ser através dela que todos os seres humanos vêm ao mundo, daí a sua sacralização. **Iya Mapo** é muito venerada e cultuada em **Igbeti**. Existe um **ITON Ifá** (história de **Ifa**), pertencente ao odu **Osa Meji** (10), que conta como foi colocada a vagina, no devido lugar da mulher, até então colocada em vários lugares do corpo, menos no que é hoje. Para isso estiveram envolvidos não só o **ODU OSA MEJI**, mas também **Esu** e **Iyami Osorongá**, num ebó feito com duas bananas e um pote, cabendo a **Esu** a sua localização atual, bem como a do **pênis do homem do qual Esu é o dono**. Quem viaja pela Nigéria, encontrará enormes pênis esculpidos em pedra pelas estradas, em reverência a **Esu**. Na Bahia, o **Esu** da porteira do **Ase Ile Opó Aganju** é assentado com grande pênis esculpido em madeira. Ao saírem da África os primeiros negros com destino ao Brasil, aportaram, primeiramente, na Bahia. Foram negros provenientes das mais diversas etnias e regiões de **Angola**, **Congo**, **Nigéria**, **Dahomey**, todos misturados formando um todo, como se proviessem de uma só região, de uma só etnia. Nesse esquema e independente de ser a Bahia o porto receptor e distribuidor, os negros provenientes na Nigéria, por exemplo, não podiam acomodar seus hábitos, costumes, tradições, e religiões isoladamente, nas diversas regiões do país, primeiro pela condição de cativos, segundo por não haver semelhança quanto à localização do culto, colocando o de **Oduduwa** e **Obatala** e **Osala**, na cidade da Bahia, à semelhança de **Ife**, o de **Sàngó** no Recife, como se fosse **Oyo**. Uma solução teria que ser encontrada, sendo a primeira um agrupamento desses negros em etnias para efeito de professamento religioso, em seguida transportar para a Bahia todas as regiões, onde se processam o culto, na África, bem como as divindades.

Para isso necessitavam de uma área muito grande, com muitas plantações que davam o nome **LOKO** ou roça, em nosso falar, ou simplesmente uma faixa de terra para construir o **Ile Orisa** (casa do orixá), o barracão de festa e, na maioria dos casos, também a casa de morada, ficando depois de tudo pronto com a denominação de terreiro, denominação de conhecimento geral, pois nos primórdios da colonização toda faixa de terra em frente a qualquer edificação era chamada de terreiro, daí a denominação existente ainda hoje, de Terreiro de Jesus, dado à praça que fica em frente ao antigo Colégio dos Jesuítas. Uma vez escolhido o local, segundo a vontade do orixá, faz-se a demarcação da roça, cuidando-se logo de cercá-la, com plantações de uso litúrgico, sendo mais freqüente o ewe peregun, mais conhecido como folha de nativo. Escolhida a entrada, comumente chamada de porteira, realiza-se, aí o primeiro ato religioso na área, que é "assentar a porteira", o qual consiste no assentamento de um **Esu**, para guardar toda área. Esse **Esu** tem o nome de acordo com as suas características ou procedências, como é o caso do **Esu** da porteira do **Ase Opô Afonjá**, que é um **Esu** proveniente de **Ketu**, conhecido por **Esu Alaketu** ou **Bara Ketu**. Já os negros de proveniência **fon** chamam ao **Esu** de sua porteira e dos mercados de **axi-Legba**. Após esse ato religioso vem a construção da casa da divindade à qual a roça vai pertencer. Em seguida constrói-se a do **Esu** da roça, para depois se construir as demais casas de outras divindades e o barracão de festa, no qual são feitos uma série de preceitos no chão e, depois de levantadas as paredes faz-se o preceito final que é o de "dar comida à cumeeira". Uma vez pronto, vem a inauguração do que se chama roça, candomblé, axé, casa de santo, terreiro ou ile orisa. Assim tem o sítio sagrado terrestre. Mas os atos sagrados vão além do espaço terrestre, realizam-se nos rios (**odo**), no mar (**okun**), nas fontes e poços (**ibu**), nas lagoas (**osa**), no ar, no firmamento (**ofurufu**), enfim em todo canto do mundo (**aiye**), que se fazem necessário. Nesses casos, os fiéis se deslocam de seu sítio sagrado para esses lugares, também sagrados, mas que são de uso de todos. Nos rios se fazem oferendas e ritos para **Osun**, divindade do rio **Osun**, com cerimônias nas suas margens, em **Osogbo**. **Yemonja**, no rio **Ogun**, **Yewa** no rio **Yewa**, **Erinle**, no rio **Erinle**. No mar, **Iya Olokun**, que é sua dona, tem o seu rito em **Lagos**, na Nigéria, onde existe esculpidas sua cabeça. Na Bahia se devota grande respeito a essa divindade. Não se entra no mar sem lhe saudar e pedir licença, dizendo:

IYÁ OLÓKUN TO TO HUN , IYA OLOKUN GBA MI O , IYA OLOKUN AGO

Mãe Olokun extremamente respeitada, Mãe Olokun me valha, Mãe Olokun licença após o que se entrar no mar.

Nas lagoas é **Iya Olosa** quem mora, sendo localizada em determinadas partes chamadas **ibu** (poço), aí se fazem as oferendas e ritos, procedem da mesma forma como **Iya Olokun**, antes de se entrar na água, apenas substituir-se o nome de **Iya Olokun** por **Iya Olosa**. Na Bahia ela é dona do **Abateté**, do lago chamado **Dique**. As ruas, os caminhos, as encruzilhadas pertencem a **Esu**. Nesses lugares se invoca a sua presença, fazem-se sacrifícios, arriam-se oferendas e se lhe fazem pedidos para o bem e para o mal, sobretudo nas horas mais perigosas que são ao **meio dia e a meia noite**, principalmente nessa hora, porque a noite é governada pelo perigosíssimo **ODU OYEKU MEJI**. A meia-noite ninguém deve estar na rua, principalmente em encruzilhada, mas se isso acontecer deve-se entrar em algum lugar e esperar passar os primeiros minutos. Também o vento (**afefe**) de que **Oya** ou **Iansã** é a dona, pode ser bom ou mal através dele se enviam as coisas boas e ruins, sobretudo o vento ruim, que provoca a doença que o povo chama de ar do vento. **Ofurufu**, o firmamento, o ar também desempenha o seu papel importante, sobretudo à noite, quando seu espaço pertence a **Eleye**, que são os **Ajé**, transformadas em pássaros do mal, como **Agbibgó, Elùlú, Atioro, Osorongá**, dentre outros, nos quais se transforma a **Ajé-mãe**, mais conhecida por **Iyami Osorongá**. Trazidas ao mundo pelo **ODU OSA MEJI**, as **Ajé**, juntamente com o **ODU OYEKU MEJI**, formam o grande perigo da noite. Eleye voa espalmada de um lado para o outro da cidade, emitindo um eco que rasga o silêncio da noite e enche de pavor os que a ouvem ou vêem. Todas as precauções são tomadas. Se não se sabe como aplacar sua fúria ou conduzi-la dentro do que se quer, a única coisa a se fazer é afugentá-la ou esconjurá-la, ao ouvir o seu eco, dizendo:

OYA OBE LORI

(QUE A FACA DE IANSÃ CORTE SEU PESCOÇO),

Ou então

FO, FO, FO

(VOE, VOE, VOE)

Em caso contrário, tem-se que agradá-la, porque sua fúria é fatal. Se é num momento em que está voando, totalmente espalmada, ou após seu eco aterrorizador, dizemos respeitosamente:

A FO FAGUN WO LU

([SAÚDO] A QUE VOA ESPALMADA DENTRO DA CIDADE),

Ou se após gritar resolver pousar em qualquer ponto alto ou numa de suas árvores prediletas, dizemos, para agradá-la:

ATIORO BALE SEGE SEGE

([SAÚDO] ATIORO QUE POUSA ELEGANTEMENTE)

E assim uma série de procedimentos diante de um dos donos do firmamento à noite. Mesmo agradando-a não se pode descuidar, porque ela é fatal, mesmo em se lhe felicitando temos que nos precaver. Se nos referimos a ela ou falamos em seu nome durante o dia, até antes do sol se pôr, fazemos um no chão com o dedo indicador, atitude tomada diante de tudo que representa perigo. Se durante à noite corremos a mão espalmada, à altura da cabeça, de um lado para o outro, a fim de evitar que ela pouse, o que significará a morte. Enfim, há uma infinidade de maneiras de proceder em tais circunstâncias. Dentro do espaço sagrado ainda se tem os matos rasteiros e os matos fechados, na via pública. Nos primeiros, arriam-se restos de comidas das divindades e pequenos ebo. Nos segundos os grandes ebo, fazem-se rituais e tiram-se folhas (ervas sagradas), neste caso um ritual de entrada e saída do mato para **Ossaniyn** deve ser feito para que se possa encontrar o que se foi buscar, bem como o caminho de volta. Há também as árvores sagradas em conjunto ou solitárias, pelos caminhos da cidade. São os pés de **Iroko**, pertencentes à divindade do mesmo nome, os pés de **Obi, Atori, Aridan, Akoko, Apakoka**, **essas três pertencentes a Eleiye**, lugar de pouso ou morada. Como se vê, todos os pontos da cidade da Bahia são sagrados, identificam-se perfeitamente os lugares onde Esu faz ponto, no centro ou afastado da cidade, quem cuida dele, assim como o lugar onde há **egun** (alma) de alguém que negociava, mas que ao falecer o egun ficou guardando o lugar para que outra pessoa não viesse ocupá-lo. Por outro lado, acomodavam-se em determinados locais, unindo-se por etnias. Deste modo, no local hoje chamado **Gomeia**, que é uma corruptela de **Abomey**, se reuniam os povos de língua fon, vindos do **Dahomey**, hoje **República Popular de Benin** e aí se alastraram em derredor, formando pequenos agrupamentos

em função das cidades daomeanas e de suas procedências, como **Mahis, Savalu** e a própria **Abomey**, cultuando divindades com **Kpo, Ayzan, Sogbo, Sakpata** dentre outras.

Em outro ponto da cidade onde existe uma baixada chamada **Baixa do Bonocô**, antes **Gunucô** (11), que é uma corruptela de **Igunnuko**, os negros se reuniam a noite para fazer o ritual de **Baba Igunnuko**, em volta de uma árvore sacralizada, distribuindo **egbo** (milho branco cozido) enquanto dava meia-noite, quando **Baba Igunnuko** aparecia. Os fiéis que desejassem fazer consulta tomavam de uma terrina branca, **eko** (acaçá), vela e dinheiro e pediam o que queriam, para quando ele chegasse responder as consultas feitas, de acordo com a terrina que encontravam aos pés da árvore. Ao som de cânticos e toques, **Baba Igunnuko** dançava de um lado para o outro e quando avançava para o lado contrário à área do ritual, traziam-no de volta, sempre dizendo:

ESO, ESO BABA
(CALMA, CALMA, PAI).

Essa pequena área que hoje deu nome a todo o vale (**Vale do Bonocô**), era onde se fazia a maior concentração de negros. Posteriormente em seus limites surgiram vários terreiros como o **Ile Ogun Ja**, fundado e dirigido pelo famoso babalorisa, **Procópio Xavier de Souza**, nascido filho de **Osala**, que depois entregou a cabeça de seu filho a **Ogun Ja**. Com o desenvolvimento urbano da cidade, esse Ile Ogun Ja emprestou sua dominação a toda a área em frente, atualmente chamada **Vale do Ogun Ja**. Indo mais além da área, encontra-se o terreiro fundado por Dionísia Francisca Regis, hoje conhecido por terreiro do **Alaketu, que quer dizer senhor de Ketu, uma vez que é um bairro na cidade de Ketu, onde mora o rei**. No local antes chamado Quinta das Beatas há uma infinidade de cultos de procedência africana, responsável pelas denominações de várias ruas, entre elas a que se chama **Giri giri**, nome tirado de um canto de **Ososi**, um dos deuses da caça. **Giri giri** se refere à maneira de segurar as rédeas do cavalo, quando se está montado, pois uma das concepções de **Ososi** é de um rei sempre montado a cavalo. Na localidade secularmente conhecida por **Campo Seco**, ainda hoje com muitos cultos afro-brasileiros, existe uma rua chamada **Beru**, corruptela de **Gberu**, nome próprio personativo, inclusive de um dos reis de **Oyo** (12). É muito comum ao povo guardar na memória os reis das regiões de onde procederam seus antepassados, sobretudo se esses reis foram divindades. No caso de **Oyo**, se fala e se reverencia muito **Oranyan, Aganju e Sango, o quarto rei coroado em Oyo**. Na cidade baixa havia uma área sagrada destinada **ao culto de Gelede** (máscara), no local conhecido até hoje como Dezendeiros do Bonfim, bem onde está localizada a Vila Militar. Aí se fazia a maior concentração desse ritual. Toda cidade se movimentava. Os mais altos dignatários do culto compareciam e tinham nomes e títulos no culto, de **Gelede**, estando entre os mais famosos **Maria Julia Figueiredo sacerdotisa do terreiro Ile Ase Iya Naso, a qual além do título de Iyalode, tinha o nome de Erelu, no ritual de Gelede**. Muito me falou da cerimônia o falecido **Miguel Santana**, Ogan de Obaluaie do Ile Ase Iya Naso e Oba Are do Ase Opó Afonjá, que muito sabia desse preceito. Esse ritual também se processava na cidade alta, no local até hoje chamado Rua do Tijolo. Aí quando menina, a famosa Iyalorisa Menininha (Maria Escolástica da Conceição Nazaré) assistiu a esses rituais, Menininha emocionou-se com a recordação, cantou muitas músicas de **Gelede**, ao tempo em que falou várias coisas que aprendeu. Ainda no centro da cidade, no bairro da Saúde, havia outra concentração de negros iorubás, daí a localidade, com placa oficial de nome cristão Leão Veloso se chamar Nego tedo e a Constâncio Alves, de Beco dos Nagôs. No bairro da Federação há um antigo recanto sacralizado pelos povos fans do antigo Dahomey, descendentes das cidades de **Mahis e Dassa**. Aí se instalaram e criaram o culto dos **vodun** (deus, divindade), com tamanha eficácia e conhecimento geral da cidade, que o local começou a se chamar de **Bogun**, que é corruptela de **vodun**. Instalou-se aí o terreiro do **Bogun** propriamente dito, fundado por africanos e, na rua paralela, havia o terreiro de **Pozarren**, o qual deu nome a toda a área, até então conservado na memória das pessoas mais velhas. **Pozarren** é corruptela do fon **Kpo zeli, o pote com função de tambor e Kpo, a pantera**. O terreiro de **Bogun** existe até hoje, mantendo a tradição de seus fundadores, inclusive a saudação, feita nos grandes momentos do ritual **Zogbo** do **VODOUN MALE HOUNDO** (o fogo aceso sobre o vodun não pode afastar os adoradores). O termo **Cabula** vem do quicongo **kabula**, que além de ser verbo (14) é nome próprio personativo feminino e também nome de um ritmo religioso (15), muito tocado, cantado e dançando, daí o bairro tomar o nome do ritmo (16) frequentíssimo naquela área, onde suas matas eram utilizadas pelos sacerdotes **quicongos**, mais conhecidos como zeladores de **nkisi**

(*força mágica, divindade*), para dar o grau ao noviço possuído pela **nkita**, espírito de seus ancestrais. A **nkita** passa o dia inteiro dentro da mata, somente antes do sol se pôr vai-se embora. Muito perigosa, podendo até causar a morte de quem passar no local, desapercibido. Para advertir a quem passa costuma-se colocar um mastro com uma bandeira branca, na entrada da mata. Também era área de povos **Congo e Angola a parte baixa do Cabula**, que se estendia até o local ainda hoje chamado **Ladeira do Bozó**, cujo nome vem do quicongo **mbóozo** (significando *feitiço, bruxaria* (17)). A rua tomou esse nome em virtude de ali haver um gigantesco pé de **Iroko**, onde todos arream seus *bozós* ou *ebo* para os negros de procedência nago-iorubá. Mais tarde, começaram a chegar os nagôs, que aos poucos foram se alojando pela área, sendo atualmente, o terreiro mais antigo do local o **Ase Opó Afonjá**, fundado e plantado em 1910 por **Oba Biyi (Eugênia Ana dos Santos, Aninha)**.

GELEDE LA “GRAN MADRE”

CAPITULO I

La Ceremonia conocida con el nombre de **GELEDE** intenta combinar ambas cosas: espectáculos de acrobacia y de arte, representación de temas míticos y la elegancia estatuaria de las máscaras danzantes, un espectáculo que gusta tanto a los hombres como a los dioses. El objetivo de las representaciones de las **GELEDE**, tienen como objetivo **el acercar a hombres y fuerzas espirituales a través de la MAGIA del teatro (IRUN)**. Las representaciones varían en sus detalles según los lugares, solo con la intención comediante del juego de máscaras sigue siendo la misma: quitar hierro a los impulsos de las brujas a través del arte. Mientras que las ceremonias **ORO** y **EGUNGUN** se basan en la fuerza, **GELEDE** es un espectáculo mitigante. Las brujas (**AJE**), llamadas “**madres**” de forma galante por los yorubas, amenazan la vida y el bienestar de la comunidad. Las personas que tienen éxito en la vida y que han sido bendecidas con el don de los hijos, temen provocar la envidia de oros menos afortunados y, sobre todo, de las mujeres mayor de edad, de las que se sospecha que puedan dedicarse a la brujería. Los que entran en la **SOCIEDAD GELEDE** esperan y confían estar protegidos de los ataques de las brujas. En las ciudades y pueblos yorubas de **BENIN**, la fiesta anual de la **SOCIEDAD GELEDE (ODUN GELEDE)** se celebra en la estación seca, es decir, de nuevo en el periodo de los espíritus, cuando los trabajos en el campo están básicamente detenidos. Esta ceremonia es un acontecimiento grandioso, el entretenimiento preferido de todo el año, aunque debido a su elevado coste no se celebra anualmente, sino cada dos o tres temporadas, lo que aumenta más aún su importancia. El juego teatral apela a conseguir una disposición favorable y de solidaridad por parte de las brujas, que también como miembros de la sociedad sufren a causa de las tensiones, y busca resolver los conflictos que se está escenificando a través de la obra teatral. La fotografía representa el baile de conclusión de los festejos el cual tiene lugar En el bosque sagrado. En él se encuentra el santuario **GELEDE (ASE)**, donde es adorada **IYA N’LA**, la “Gran Madre” de quien procede toda la vida, pero que también puede ocasionar la esterilidad e incluso la muerte. Las representaciones **GELEDE** se dividen en dos partes. La fiesta se inicia de forma ritual por la noche mediante dos máscaras que encarnan a **ESU** y **OGUN**. A continuación aparecen los cantores de **EFE** que solo llegan bien entrada la noche. No obstante mas importante que su llegada son las palabras que dicen. En la mayoría de las cofradías, solo hay un actor representante de los **EFE**, que entretiene al público mediante canciones, poemas, sátiras humorísticas, y elogios a los **ORISAS** y a las “**MADRES**”, en cuyo honor se celebra la fiesta. Todo lo sucedido en ese año en el pueblo – robos, aventuras amorosas, casos de corrupción, abusos oficiales, ilegalidades políticas...- es sacado a la luz. Se rinde tributo y homenaje tanto a las personas respetables presentes como a los difuntos importantes. Todo ello sirve para mitigar el dolor de los supervivientes pues se adula a los **muertos, que entonces se sienten mejor predispuestos a regalar sus bendiciones a la comunidad**. Tras la representación nocturna sigue, por la mañana, la danza **GELEDE**. Aunque los danzantes enmascarados por lo general son hombres, la dirección de la ceremonia descansa en manos de las mujeres y de una presentadora del culto, **IYALASE**. “El Gelede”, dicen sus miembros, “**es un secreto de las mujeres, de quienes somos sus esclavos. Nosotros bailamos ara aplacar a nuestras madres**”. Desde este punto de vista, podría decirse que la ceremonia **GELEDE** es como un ritual de reconciliación (**ETUTU**), cuyo objetivo es **aplacar o “enfriar” las fuerzas “acaloradas” y alteradas**

de las brujas. Las máscaras sirven para proteger a los danzantes de estas fuerzas y de las mismas “madres”. La explicación de esto se encuentra en el mito del viaje de **ORUNMILA**, el ORISA de las PROFECÍAS, al bosquecillo secreto de las “madres”. Cuando Orunmila entró en el dominio de las mujeres, se puso una máscara (**AWORAN**), un pañuelo en la cabeza (**OJA**) y uno cascabeles en los pies (**IKU**), objetos que se incluyen en la vestimenta y atavíos de los trajes **EFE** y **GELEDE**. Él se dirigió lentamente hacia la gruta de los leones, exponiéndose así a un gran peligro. No obstante, logro escapar de la muerte gracias a su prudencia y no provocó a las “madres”, sino que intentó aplacarlas Ataviado con su extraña vestimenta, las entretuvo con cantos y danzas, regresando luego sano y salvo. La representación teatral **GELEDE repite y rememora este acontecimiento**, brindando un ejemplo de reconciliación y buen sentido. En un próximo capítulo acerca de las **GELEDE** daremos a conocer la ceremonia que se debe de realizar para tener siempre contentas a las **AJE** y que así estas no perturben la vida del ser humano.

GELEDE
LA “GRAN MADRE”
CAPITULO II

En este segundo y último capítulo acerca de la **SOCIEDAD GELEDE** tal y como prometimos, damos a conocer la ceremonia completa de cómo se le da de **comer a las AJE**. Las **AJE** (brujas) comen **JUTIA, GALLINA, GALLO, CHIVO, CHIVA, PESCADO...** El animal favorito de las **AJE** es la **JUTIA**. Cuando vamos a realizar una ofrenda a las **AJE** – también conocidas como las “mayores”- con **JUTIA**, la cabeza y la cola de la misma se quitan. De los demás animales se le ofrece todo, excepto los intestinos con la excepción de cuando se le realiza sacrificio con **CHIVO** o **CHIVA** que entonces si se le ofrenden los mismos. Debemos tener en cuenta que en el sacrificio es necesario que lo que conocemos como pellejo del animal este sea retirado, es decir, el animal que se le ofrende a las **AJE** debe estar sin piel. Para realizar dicha ofrenda debemos conseguir un tazón o plato profundo, bastante **EPO** (manteca de corajo) y tener a mano **IYEROSUN** (polvo amarillo que se utiliza para la adivinación en el **OPON** – tablero – de **IFA**). Este polvo es sacado del árbol **IGI IROSUN - BAPHIA NÍTIDA** –leguminoso). Aquí debemos aclarar que no sirve lo que en **CUBA** se conoce como **ASE** de **ORUNMILA** y cuya base de dicho **ASE** es el **ÑAME**. Una vez limpio de piel el animal debemos preguntar (a **ORUNMILA** o a **ESU**) si este se le cocina o se le ofrece crudo, en cualquiera de las formas en que se le ofrezca no se le prueba la comida. Una vez colocada la ofrenda en el tazón procedemos a rociarle bastante manteca de corajo (**EPO**). Una vez lista para llevar se pregunta (a **IFA** o **ESU**) el lugar donde debe de ser llevada, teniendo en cuenta que dichos lugares pueden ser una encrucijada de tres o cuatro caminos, la manigua, el banco de un río, la montaña, el monte, al frente de la casa, a la parte trasera de la casa, a un árbol del plátano.... La Ofrenda debe de ser llevada a partir de las 11.00 PM y hasta las 02.00 AM. Si el lugar de la ofrenda donde la estamos llevando no se encuentra lejos, podemos ir a las 06.00 AM a recoger el **TAZÓN**, teniendo en cuenta que si aun hay comida no se recoge. Solo podemos recoger el tazón si en él no hay comida, pues eso es señal de que nuestra ofrenda ha sido aceptada, si el tazón está roto, debemos dejarlo allí y por nada del mundo recogerlo. **OSA MEJI** es el signo de las **AJE** y este signo debe de ser marcado y rezado con **IYEROSUN** y una vez recogido se echa encima de la ofrenda (siempre después de haber echado el **EPO** no antes). Mientras vamos echando el **IYEROSUN** en la ofrenda debemos rezar lo siguiente:

SANSA MEJI OTONA GEGERE WOLU
ADIFA FUN ORISANLA
TI AWON ELEYENLEE BOISA
ADIFA FUN ORUNMILA
TI OGBADA LOWO ORISA TI OFI GBAKALE
LOWO AWON ELEYE
IFA DA KUN WA GBA OMORE KALE LOWO
GBOGBO AJOGUN

Dos personas temerosas se corren por el temor

Hizo adivinación para Orisanla
 Que las brujas lo persiguieron
 Hizo adivinación para Orunmila
 Que iba a coger el machete de la mano de Orisanla
 Para salvarlo de las manos de las brujas.
 Ifa por favor sálvame (Nombre y apellidos) de las manos
 De los espíritus malévolos.

NOTA: (El nombre y los apellidos de la persona a quien le estamos haciendo la ofrenda se mencionan. Si es para uno mismo se hace exactamente igual, es decir, siempre se debe de mencionar el nombre y los apellidos de la persona a quien o para quien se le hace la ofrenda). Una vez realizado el rezo anterior procedemos a rezar lo siguiente:

**IYAMI OSORONGA
 OLO KIKI ORU
 AFINJU EYE TINJE LAARIN ORU
 AJE LO TUTU MANBI
 IRUMAN LOOGUN DANU
 IKONIRI IJA IYAMI ASE.**

La que coge a uno en una manera misteriosa
 La famosa de la noche
 Pájaro limpia que come por la madrugada
 La que come hígado crudo sin vomitar
 La que echa a perder la medicina y que no la hace funcionar
 Nunca tengamos la pelea de ustedes. Así sea.

La obra que aquí se ha expuesto esta completa en su totalidad, y cualquier persona que haya sido iniciada en el culto a los ORISAS puede realizarla.

Iyami oshorongu es llamada "la madre ancestral", es la misma **YEYE MOWO**, esposa de Obatala, es Odu, la gran madre que tiene en su calabaza todas las esencias de la creación. Junto con Obatala conforma la **IGBA ODU**. Esta **igba** misticamente esta cortada en dos porciones; una superior y la otra inferior. La superior pertenece a **OBATALA** y la inferior a **YEYE MOWO**. Juntas componen el mundo en que vivimos, partiendolo también en dos submundos: el mundo invisible y el mundo visible. Los pájaros son los animales predilectos de las **Iyami**, puesto que son los únicos capaces de moverse entre cielo y tierra constantemente. Aunque **Oduwa** (nuestra existencia) es la unión de ambas deidades, cuando se habla de **Oduwa** nos referimos solo a **YEMOWO** o **Iyami**. Existió un tiempo en que las **Iyami** por su poder gobernaron la tierra y controlaban las ceremonias rituales de los egun, pero Orunmila encomendó a Obatala hacer ebo con babosas y un látigo y se vistió con las ropas que normalmente se utilizaban para estos rituales y su voz se sintió poderosa y en eco, cosa que asustó a **Iyami** y desde entonces Obatala rige sobre ella y las mujeres no pueden presenciar ciertos ritos a los egun. Se cuenta que **Iyami** vencida por el poder del conocimiento de Orunmila cayó enamorada de este y con él se casó, pero solo existió una condición por parte de **Iyami**. Esta condición fue que nunca más ninguna mujer viviente podría verla personalmente sin riesgo de morir instantáneamente. Esto es por lo que a las mujeres se les está prohibido hacer ifa o sea consagrarse como babalawos. En estos tiempos se ha hablado de "mujeres con ifa" y se les llama **Iyalawo**. Debo entender que existen ciertas confusiones sobre esto. A las mujeres se le hacen ciertas ceremonias que le pueden dar cierta autoridad en esta religión, pero hay mucha distancia entre esto y ser consagradas en ifa, pues sino esta odu presente no se puede consagrar a nadie y esta la condición de la propia odu de que ninguna mujer podía verla, incluso, odu es de mucho cuidado, ni siquiera hombres no consagrados ni incluso niños pueden verla. En el contexto yoruba existen tres momentos si lo podemos llamar históricos. El primero es un tipo de patriarcado, cuando en el momento del traslado del cielo a ife, los hombres dominaban el sistema étnico. Posteriormente otra etapa, en que las mujeres toman el mando por ser estas las capaces de reproducir y tener a su hacer

todas las labores fundamentales en la sociedad de esa época. Por último los hombres recuperan el poder, pero a su vez el poder está controlado por las mujeres, pues son ellas las que engendran. Resumiendo todo lo anteriormente se ha dicho, caeríamos en que: iyami, aje, eleje, yeyemowo, odu, oduwa, onile, son las misma entidad con diferentes defases, cuestión esta muy común entre las deidades que conforman el panteón yoruba. Oduwa es tierra y obatala es cielo. Son los responsables de toda creación habida en nuestro mundo. Oduwa es **O** y Obatala es **1**, es la conformación aritmética del 1 al O, que sería 1O, la unión de ambos, el grupo decimal. 1 es el pene y el O es la bulba femenina, el mismo sistema binario compuesto por 256 variantes que son los llamados **odu de ifa**. **Obatala-Oduwa-Eshu** conforman entonces la suma $1+1=1$. Juntos conforman entonces el número místico y sagrado tres, el número de la creación: **un pene, dos testículos, una bulba, dos ovarios**. Oluwo Ogbonifa Ifabilawo

ORI

El cuerpo humano según los yorubas está compuesto de siguientes partes.

ARA ; Cuerpo físico o visible.

OJJI: La sombra, acompaña al ser humano adonde quiera que va, lo mismo es su amigo que su enemigo. Quien no tenga sombra está muerto.

EMI; Es el aliento, la respiración, el soplo de la vida que anima al cuerpo. Es el oxígeno que oxida la sangre y produce el calor necesario para la vivencia celular...

OKAN; el corazón, es el responsable de mantener todas las partes del cuerpo vivas llevando el líquido vital (sangre) cargado de oxígeno y de alimento a estas.

ORI: La cabeza: es la que piensa y ordena a **ARA** los movimientos y acciones, así como ordena todas las funciones vitales y es el contenedor de **ORI INU**.

ORI INU; Está catalogado como el espíritu interno del ser humano, es el YO de cada cual, es la parte más importante y además invisible de la existencia..Hace independiente a cada uno de los humanos. Ori será afectado por dos componentes de ara-: el estómago(ipin jeun) y los órganos sexuales(obo ati oko), ambos lo pueden llevar a perder el control.

OPOLO- el cerebro- es el que acumula a través de los años los conocimientos que necesitara ori para la comprensión , el conocimiento y la inteligencia aspectos que utilizara para el mejoramiento de su desenvolvimiento dimensional.

IPAKO: Cerebelo: parte que gobierna las acciones de ara. No siempre actúa en conjunción con opolo, pues se ve influido por ipin jeun y obo u oko.

ABIBO: Es el orisha que enseña a los hombres a trabajar y a mover los miembros.

Vive dentro del cerebro y es de la familia de ori. Se compone de dos partes: akinkin otun olo orun abibo(hemisferio derecho cerebral)y osin olo orun abibo gongo orun(hemisferio cerebral izquierdo). Cita el odun Ogbeyonu:

EBITI EGBAKE NII YEDI PEE A DIFA FUN ORISHEEKU OMO OGUN, A BUFUN RILEEMERE OMO IJA, A DIFA FUN AFUWAPE TII SHOMO ORUNMILA.

Es una trampa que se cierra de pronto, lo profetizado para orisheeku ; el hijo de ogun, para orileemere el hijo de ija(el orisha más pequeño del panteón yoruba) y lo profetizado para afuwape el hijo de orunmila. Esta historia refiere cuando los tres personajes bajaron a aiye(la tierra) para escoger su Ori o cabeza . Los dos primeros se apuraron y fueron donde ijala(el constructor de cabezas) para que se las diera y al no encontrarlo escogieron las primeras que vieron, las cuales cuando comenzó a llover se deshicieron. Afuwape, el hijo de orunmila fue al llamado de su padre e hizo el sacrificio prescrito por este y fue donde ijala y pudo encontrarlo y este le dio la mejor cabeza del mundo. Solo la obediencia a nuestros orishas y ancestros y la paciencia nos dará el triunfo definitivo.

Debido a cambios químicos orgánicos del cuerpo humano (solo se hará mención, pues es un secreto grande de lfa) se establecerán tres campos magnéticos definidos en el cuerpo humano. Dos de ellos: positivo y negativo irán desde cada hemisferio cerebral hasta los pies en forma invertida haciendo la figura de un ocho y encontrándose en el ombligo donde a su vez estará el centro de gravedad y donde se unen ambas cargas(según la ley de krichoff ; en un punto donde se unen dos o más corrientes la suma algebraica es cero). Esto es llamado por los yogas aura y por los chinos : las fuerzas del YING _YANG. Estas cargas son positiva y negativas y van del más-menos 1 al más menos 256(odun de ifa-

positivo- negativo; ire o osogbo o ayeo) y seran alteradas en cada individuo por: zona geografica, personas a su alrededor, animales, naturaleza completa, comidas que consume , colores,etc. La tercera fuerza es una fuerza que rodea al cuerpo y va en sentido contrario a la rotacion terrestre y crea a su vez un campo magnetico de atraccion que es la que hace que el alma u ori penetre a traves de la mollera del nino(es la trampa a que se hace referencia en el rezo, pues unavez que penetra es encarcelada, cierra con los aos y solo podra salir por la boca con el ultimo aliento) y comienza a gobernar dos hemisferios separados del cerebro por lo que seria como romper en dos un articulo del periodico o una pancarta musical, no se sabe en definitiva que es y esto se ve en el odu IROSUN MEJI;

ARIRO SOWO GINI GINI MOKO
IRAWO BESE LEYIN ERAN
OJU IMO KIRAWO MATU ERON SE.

Que narra cuando irosun meji fue a pedir mejorar su destino y se encontro con elenini la deidad del infortunio y alli le hizo sacrificios y cuando bajo rapido hacia tierra y esta darse cuenta que la habian timado , ya que olodumare habia oido gracias al ebo las suplicas de mejorar el destino de irosun meji, lo persiguió y solo pudo introducir su dedo indice en lo que hoy es el orificio donde se encuentra la medula espinal , olvidando asi el ser humano en el momento de su nacimiento y entrada del espiritu al cuerpo de lo que ha sucedido en las vidas anteriores. Ori entonces se hallara entre dos hemisferios cerebrales separados, Hacen un triangulo y segun la capacidad e interes de aprendizaje del individuo, haran que los hemisferios sean mas o menos funcionales, dando esto mas capacidad a ori en analisis y razonamientos. Es como los programas que le aadimos a una computadora, mientras mas memoria y programas tenga, su funcionalidad sera mayor,.

Cita Ogbe di:

OGBE DI PEPERE LODAFUN KORI TI O KUNLE TI O YANWA TI ELININI

Cerrado copiosamente, fue lo profetizado para ori cuando se arrodilla y escoge su destino y vence sus obstaculos.

Se cree que en el momento de nacer y entrar **ORI INU** en **ORI**, la persona arrodillada (posicion fetal) ya escogio su destino y los obstaculos comenzaran a frustrar la llegada a orun orere.

ORI INU, a su vez se subdivide en dos partes: **ORI APERE** y **APARI INU**.

ORI APERE; Es el camino predestinado en la tierra que seguira cada individuo

APARI INU: Este sera el comportamiento o caracter de la persona , el cual en definitiva mejorara o empeorara su **ORI APERE** o predestinacion en su paso terrenal.. Si su **APARI INU** es bueno, entonces podra llevar las vicisitudes de la vida en paz y conformidad ,podra aminorar los pesares,esquivar los tropiezos, aminorara las consecuencias negativas, no le dara importancia a las cosas materiales que solo nos acompaan por un corto tiempo, pondra todo en funcion de la espiritualidad y su capacidad de adaptarse al destino preconsevido lo llevara a la felicidad que radica solo en despojarse de los sentimientos impuros que opacan el poder interno de cada cual y son estos: la vanidad, el odio, los celos, el egoismo, la maldad, el rencor, etc. Si es asi, habra logrado el termino denominado IWA PELE que es la paz interna y el control de ORI APERE alcanzando asi el estado de ORUN RERE, que es el cielo o la dimension de las divinidades, es decir se convertiria en un ORISHA, que es el verdadero objetivo de quien procesa la religion de IFA, cosa esta que no se les explica a los interesados en nuestra religion y por ello existen muchas confusiones y decepciones.

Para tener en cuenta que ocurriria en el caso contrario al anterior, tendríamos que hablar sobre lo que llaman los catolicos : diablo. El diablo no existe, el diablo es una metafora de una condicion maligna originada por la incapacidad de algunos o muchos individuos en adaptarse a la capacidad total de su ORI APERE o destino. Al no adaptarse a su destino, recurriran a malas acciones para obtener ganancias materiales, esto seria: el robo, la maldad, la estafa, la muerte, etc,. A sumo grado tendran un APARI INU destructivo. Ifa dice: IWA RE LAYE YII NI YOO DA O LEJO; NUESTRO CARACTER EN LA TIERRA PROFERIRA SENTENCIA CONTRA NOSOTROS.

Estos malignos seran los llamados araiye, que seran los espíritus impuros encarnados que pondran a prueba nuestro APARI INU, en el paso por la vida. Quien su APARI INU este en desacuerdo con su ORI APERE obtendra el estatus de ORUN APAADI., que es una dimension de sufrimiento y alli esperaran cuando mueran hasta que les llegue el turno de regresar a la tierra, aiye, que es el camino donde

pasamos las pruebas y según vayamos mejorando nuestra espiritualidad iremos alcanzando los distintos niveles de orun hasta alcanzar el final ORUN RERE. Ifa dice que la tierra es un mercado, el cielo es nuestra casa. Los animales serían un ejemplo para nosotros a seguir, pues la jicotea se conforma con nadar en su agua y allí encuentra su alimento y lo hace bien, pero nunca se le ocurre volar como el águila, así como el águila, vuela alto y veloz captura su presa donde quiera, pero no le da por meterse a nadar en el agua ni comer lo que come la tortuga. La inconformidad es el peor enemigo de APARE INU y a su vez si APARI INU se echa a perder, nuestros ORI APERE será un desastre. Ori ya escogió antes de llegar a tierra y penetrar en su nueva morada(cuerpo) un destino y este deberá ser cumplido. Al llegar a tierra como dijimos anteriormente, se pierde la memoria de lo que juramos cumplir a modo de rectificar nuestros pecados pasados. Si la persona desea hacer otra cosa que no fue lo que decidió en orun, entonces la vida se convertirá en un caos y vendrá el sufrimiento. Entonces es que entra a hacer función el orisha tutelar a través de un asentamiento y un ita, el cual le dirá al individuo la forma de vivir que escogió y que debe hacer para superar los obstáculos a que será sometido y que el mismo escogió. De nada vale que una persona se asiente osha si en realidad no va a cumplir su destino, pues es ori el que decide que hacer o que no hacer. Cual quier duda que la persona tenga acerca de una decisión que este confusa para él, entonces entra en efecto el oráculo de ifa, el oráculo de orunmila eleripin, quien fue el testigo de ori en Orun. A esto se debe que los itases de orisha e ifa tenga una similitud exacta en su conversación. Los distintos niveles serán alcanzados así sea logrado el avance de espiritualidad de cada individuo. Estos podrán lograrse de dos maneras: el sufrimiento o el conocimiento. Este último hará innecesario la utilización del segundo. Con el conocimiento nos daremos cuenta que: En que se diferencia un Mercedes Benz de un otro auto, en que tiene lujo? Es absurdo, pues ambos nos llevarán a un mismo sitio de la misma manera. En que se diferencia una marca de ropa a otra, la marca? Su función es la misma: taparnos el cuerpo. Cual es la diferencia entre una casa de miles de miles y una de poco dinero: el tamaño? Las dos nos sirven para lo mismo: no coger sol, protegernos de la lluvia y otras inclemencias del tiempo. Un rico come más que un pobre?, acaso no siente el mismo placer sexual con una pareja, siente dolores corporales, les afligen distintas enfermedades no se afligen por las mismas relaciones interpersonales. Para todos es lo mismo. Lo mismo se debe sentir un pobre ambicioso, que un rico ambicioso, ambos se frustran al no poder conseguir un objetivo, la diferencia está solo en los niveles de ambición, pero el grado de frustración es el mismo. Rico no es aquel que tiene todo sino aquel que siente que nada le falta. Debemos pensar que olodumare dotó a cada cual de virtudes y defectos y como por ejemplo los pájaros, todos tienen plumas, pero tienen diferentes picos y patas y sus formas de alimentarse son diferentes, ningún zonzun se puede alimentar como águila ni ningún águila puede vivir como el zonzun, que sucedería? Si nos ponemos a pensar en que radica la razón por la cual, vamos todos a las escuelas, tenemos un idioma común allí, nos alimentamos básicamente de lo mismo y recibimos las mismas lecciones en las distintas materias, por que es que todos no razonamos igual y somos capaces de transitar en la vida por un camino similar, tener las mismas actuaciones, alcanzar los mismos niveles y dirigirnos correctamente etc. Por que se gradúan cientos de profesionales y solo unos pocos crean o inventan algo importante?. Dieron clases diferentes?. No. La respuesta a estas preguntas es fácil: Todos los seres humanos tienen una espiritualidad diferente que va desde el primer nivel hasta el noveno. Cada espíritu según el nivel alcanzado al momento así será su razonamiento y comportamiento. Existen nueve orun o nueve dimensiones y cada alma viviente las veces que ha estado en la tierra serán los diferentes niveles que haya alcanzado si su ori ha sabido llevarlo hasta ese grado, pues a veces deben ser repetidos. Es por los diferentes niveles de espiritualidad el porque a veces hablamos o aconsejamos a alguien y no nos hace caso y es porque al tener diferentes niveles espirituales es como si no entendieran el idioma con que se les habla y nos perdamos el tiempo, no nos escucharán. Los labios de la sabiduría solo se abrirán para los oídos que estén preparados para escucharlo.

ORI APERE o destino tiene tres subdivisiones más y son ellas:

AYANMO IPIN: Es lo que no puede ser cambiado del destino: donde nacimos, nuestros padres, nuestra condición social, etc.

AKUNLEYAN; Es el pedido que se hace al pasar de ORUN A AIYE nuevamente. Este pedido será en base a superar la existencia anterior y rebasar los niveles hasta el noveno ORUN. Esto será hecho ante IJALA MOPIN el que construye las cabezas y su testigo será Orunmila eleripin. En ese momento serán

acordados los diferentes obstaculos y facilidades con que estara llena nuestra proxima venida. Alli se establecera ; tiempo de existencia, ayanmo en general, etc.

AKUNLEGBA: Estas seran las circunstancias que apoyaran los sucesos que nos ocurriran de forma natural y acondicionaran el cumplimiento de AKUNLEYAN. Los dos utlimos, o sea Akunleyan y akunlegba podran ser modificados por APARI INU en la forma anteriormente descrita. A este mejoramiento ayudaran los diferentes sacrificios de toda indole que haremos, tanto religiosos como naturales. Con los sacrificios a los orishas, las deidades nos apoyaran en nuestros deseos de alcanzar una meta, eliminar los distintos araiyes, evadir los llamados oshos(brujos) y eleiye(brujas), en resumen , poder vencer a este inmenso grupo que conforman a ELENINI(la divinidad del infortunio y de los obstaculos que siempre trata de que Apari inu se eche a perder y por ende triunfar sobre ORI. Elenini radica en el cerebelo del hombre, es el que ejecuta la accion fisica y ori radica en el cerebro, es quien piensa y analiza . En multiples ocasiones vemos que la accion fisica no es la aprobada por ori y que despues de ejecutada nos damos cuenta del error, es cuando elenini se va por encima de ori y entonces el hombre baja la cabeza en seal de frustracion y cuando sucede que el cerebelo o eshu ni ipako obedecio el poder de ori, el hombre levanta la cabeza en seal de triunfo. El sacrificio natural parte de nuestro razonamiento, pues el 90 por ciento de los problemas que aquejan al humano provienen de el mismo. Por ejemplo: si no estudiamos, nuestro salario va a ser minimo, si tenemos mal comportamiento, robamos, etc, iremos preso, si consumimos alcohol o drogas nuestra salud sera quegrantada, si tenemos 20 hijos, vamos a ver de que forma los mantenemos y si nos casamos con una pareja no adecuada, imaginen los acontecimientos futuros. Realmente si nos sacrificamos podremos obtener las cosas que deseamos sinbuscarnos otros problemas. Si estudiamos hoy obtendremos maana buen empleo y veremos que fue factible el sacrificio que se hizo de deshacernos de algunos pequenos deseos para lograr algo mayor. Casi todas las personas culpan a los demas o a las propias deidades incluyendo al mismo dios, cuando veremos que nosotros somos los primeros responsables y como dice Ifa en Oshe fun: LA MALA SUERTE NO EXISTE, LO QUE REALMENTE EXISTE HA SIDO QUE NO FUIMOS LO SUFICIENTEMENTE SABIOS. Ademas de los sacrificios o eboses, debemos obedecer los EWO o prohibiciones de comidas, pues se dice que los ewos son los elementos con que ijala mopin moldeo nuestro ORI y por tanto no debemos consumirlas a riegos de no solo enfermar sino que las cosas nos nos salgan como estimamos. La mejor aliada de APERI INU o nuestro caracter es SUURU, la paciencia, es el padre de IWA PELE, el bueno caracter. Cita el odun ogbeyonu que antes de bajar a aiye, orunmila le mando a eye(la sangre), sokun(el llanto), orin (la risa) y a suuru(la paciencia) que hiciera ebo y solo las dos primeras lo hicieron rapido. Es por eso que lo primero que se ve acompaando al humano es la sangre antes de salir este del utero de la madre, despues seguidamente comienza a llorar. Los dos ultimos hicieron el ebo mas tarde , pero mas completo, es por eso que el nio a los 42 dias comienza ya a reir y despues tendra que armarse de mucha paciencia para aprender a caminar, a comer, a vivir. Y solo se desterrara la sangre y el llanto si somos capaces de evadir los obstaculos y araiye. La salud de la persona es importante, pues de acuerdo a la salud asi sera mas duradera la estancia en la tierra y aumentara el chance de mejoramiento espiritual antes de morir. Es importante destacar que a medidas que el humano adquiere mas espiritualidad en una vida, acorta la permanencia del mismo en ella, es decir mientras mas buena sea la persona, menos tiempo durara en la tierra, pues ya esta lista para pasar a otro Orun(Owonrin bosa). En esto se basa la frase yoruba que dice: IKU LO BI OSHA; el muerto pare al santo, refiriendose al hecho de que al morir aquella persona que ha alcanzado el estado supremo de iwa pele adquirira la categoria de orisha, cada dimension acabara muriendo la persona hasta asi llegar a la ultima fase.

ORI INU requerira de vez en cuando un sacrificio con vistas a fortalecer mas su permanencia y fuerza en nuestro interior. Para esto se sacrificaran todo tipo de alimentos que nosotros mismo consumimos independientemente de sacrificios de cuadrupedos y de aves que deben ser selectivamente de color blanco , jovenes y muy sanos. Es muy comun que se confunda el llamado OBORI o rogacion a ORI INU que es el que hacemos anteriormente referencia con rogacion de cabeza refiriendonos solo a la cabneza en si, son dos principios muy dificiles de diferenciar,. Pero la cabeza se cura con medicinas y se ordena con la obediencia mientras que a ORI se le invoca para obtener mas su asistencia y poder.

ORI LO RI DA ENI

**ESI ORIDAYE
ORISHA LO NPA NI I DA
ON PA ORISHA NI I DA
BI ISHU ON SUN
AYE MA PA TEMI DA KI ORI MI MA SE ORI HEHE
KI O MA GBA BODE.**

Ori es el creador de todo
Antes de que el mundo comenzara
El es el orisha (ser supremo) quien puede cambiar
Nadie puede cambiar al ser supremo
Es el orisha quien lo cambia a uno, igual que se asa un ame.
Aye , por favor no interceda en mi destino
Mi ori, no me dejes convertirme en objeto de burla
No permita a lo malo echarme a perder mis asuntos

Ori es el mayor de todos los orishas y todos los orishas le sirven a el como guia al paso por la vida. Ori es mayor que el mismo orisha tutelar, por esto es que cada vez que se hace una ceremonia o ritual de cualquier indole, primero se hara obori para saber si ori esta de acuerdo en lo que se esta haciendo. Es muy comun vez que al hacer alguna de estas preguntas, el ori da Okonran y pregunta si quiere miel o cualquiera de estos elementos, cuando realmente ori noi esta aceptando lo que quieren hacerle . Hay que estar muy claro en esto. Los orishas deber servir a ori, ori no es quien sirve a los orishas. Ori hace sacrificio a los orisha para que lo apoyen a dar cumplimiento correcto de su destino, no a modo de sumision. Siempre que se haga ebo a los orishas con sangre debera darsele parte de esta a Ori. Si se le da a orisha sin darle a ori , no se ha hecho nada. Al unico orisha que se le pone al saludar la frente en el suelo y despues se besa es a orunmila, puesto que el fue en el odu baba ejiogbe quien le dio a ori el poder de direccion, orunmila es eleri ipin, el testigo de la creacion y de ori. Es el quien define que orisha tutelar apoyara a ori en su trabajo terrenal.

ORI ISHESHE(el designador), ORI AKOKO(la primera cabeza), ORI OORO(la cabeza del amanecer) , con estos tres nombres se le conoce al orisha prototipo de todos los ori del mundo. Este prototipo representa la correccion, el camino correcto , la guia de todos los ori. Dicho prototipo se representa por una figura conica construida en cuero y forrada con 41 caracoles, en su interior debera tener elementos conjurados con los cuales fue construido nuestro ori por ijala mopin y dichos elementos son los llamados ewos de nuestro odu. A su vez esta figura conica ira dentro de un receptaculo tambien en forma conica. Nuestra cabeza siempre comera con este orisha y a el seran dadas las primeras oraciones junto con orunmila. A la muerte, a este orisha se le haran ceremonias especiales de despedida pues es el unico orisha que nos acompaña de orun a aiye y de aiye a orun.

**ORI NIKAN
LO TO ALASAN BA ROKUN
BI MO BA LOWO LOWO
ORI NI N O RO FUN
IRE GBOGBO TI MO BA NI LAYE
ORI NI N O RO FUN
ORI MI, IWO NI**

Es ori solo quien acompaña sus devotos a cualquier lugar sin virar atras
Si tengo dinero, es a mi ori a quien ruego
Mi ori fuistes tu
Si tengo hijos en la tierra
Es a ori a quien tengo que orar mi ori fuistes tu
Todas las cosas buenas que tengo en la tierra
Es a mi ori a quien ruego
Mi ori fuistes tu.

Quien crea que las deidades los van a apoyar en actos injustos e impuros estan equivocados. Cuantas veces hemos escuchado la frase: si no quieres ir preso debes hacer ifa o osha. Y realmente en vez de gastar ese dinero y seguir haciendo lo mismo por lo cual al final ira preso mas rapido, seria aconsejarlo que no hiciera nada y que dejara de hacer lo malo en que esta incurriendo y asi no ira preso de ninguna forma. En numerosas ocasiones las personas acuden a una adivinacion de cualquier indole porque quiere o desea algo. Acto seguido el adivino sin preguntar ni siquiera si esta en su destino, comienza a elaborar formulas a modo de complacer a la persona, pero al final los resultados son nulos. Que sucedio?. Simplemente que en destino de una persona no esta contado como cumplido dicho deseo o capricho.

Cual es el papel del sacerdote de ifa o babalawo para poner un ejemplo:?

Simplemente nuestro papel es acortar o alargar los periodos de destino, aconsejar la forma de llevar su problema de una manera mas comoda o logica o acelerar las cosas buenas y aminorar las malas, siempre contando por supuesto con el apoyo del ori de la persona, pues de nada vale que una persona vaya al medico y no se tome la medicina o no haga lo que el medico ordeno, nunca se curaria ,no significando esto de que el medico es una basura y no sabe. A modo de ejemplo , para que entiendan pondriamos que: Una persona X tiene en su destino que a los 18 aos tenga un accidente y se fracture una pierna, que se case tres veces; una a los 20, otra vez a los 40 y otra vez a los 50 y por ultimo a los 80 adivina los numeros de la loteria. Que podriamos hacer?: .Pues mediante eboses, pasariamos el accidente hacia los 80 aos, si a esa edad no se cuida o se hace algo, seguro se accidenta. En el caso de los tres matrimonios, no hay quien quite los tres, pero si se puede acortar el sufrimiento de dos matrimonios infructuosos y llegar rapido al ultimo que seria exitoso. Seria entonces: se casa a los 20, se divorcia a los 21, se casa a los 22, se divorcia a los 23 y ya aqui sigue con el ultimo. Y en cuanto a la loteria, con 80 , seria absurdo, podemos trasladarlo a los 30, pero si en el destino no hubiese ese punto, nunca lo obtendria, pues entonces , si fuese asi como asi, el primero en obtenerlo seria el mismo adivino, no cree usted? El sacerdote de ifa u orisha es un beneficiado de olodumare , que ya teniendo su grado espiritual apto para terminar esta vida, se le da la facultad de vivir mucho mas tiempo para que ense a sus neofitos a adquirir un comportamiento similar a el. Todo sacerdote de ifa u orisha es un profeta de olodumare para el mejoramiento espiritual el es una guia, es un maestro del espiritu . El ori del sacerdote es un ori lider, es un ori que guiara a los demas por el camino correcto, pero, para poder guiar a otros ori , se necesita tener el propio en buen orden. Como ir a casa de alguien para resolver un problema, si el propio adivino tiene lo mismo o esta peor que el. Para dar hay que tener, no se trata de tener riquezas, pues sabemos que el babalawo hace un voto de pobreza ante odu, pero si no debe de carecer de los valores elementales de rigor, no excesos, pero tampoco carencia. El awo de orunmila debe ser un modelo de persona en cuanto a su etica y su moral. Como decir a alguien que no consuma drogas, si el propio adivino lo hace, o que no robe, o que no maltrate a alguien, etc, etc. A veces hay resoluciones de problemas que solo con un consejo seguido se resolveria y en vez de esto lo que le dicen hacer ifa u osha, sin siquiera explicarle a la persona que es esto, pues el neofito confundido se piensa que al tener los orishas lo podra todo, hara lo que quiera a su antojo, dominara, etc, etc. Ifa es un modo de vivencia, no es un modo de sobrevivencia. Saque usted sus propias conclusiones de que lo ha estado haciendo hasta ahora. Siempre hay tiempo de recapacitar, para eso tenemos a Orunmila que es el conocimiento(IMO), la inteligencia(AGBON) y el entendimiento(OYE). E ifa dice en Otura niko. ; La riqueza mas grande que puede tener una persona es su inteligencia, su conocimiento y su entendimiento.

Oluwo Ogbonifa Ifabilawo

IYAMI OSHORONGA(gran madre bruja), **eleye** (dueña de los pajaros), **iyami**(madre mia), aje, son los nombres con que se conoce a esta entidad, que en realidad son varias deidades agrupadas bajo un mismo termino. Ella es la encargada de establecer el control y el equilibrio de la naturaleza estableciendo la armonia y el orden de toda la creacion, valiendose para ello de los llamados osobu o ayeo; iku(muerte), arun(enfermedad), ofo(perdida), eyo(tragedia), etc y contando siempre con la ayuda de eshu. Es amante del aceite de palma, del polvo de osun con el cual se pinta, del eje y de los ñales, los eyin, dueña de

todos los pajaros que son sus hijos y hechiceros, es sorda y ciega lo que justifica su falta de misericordia y su actitud eternamente agresiva y desafiante y al igual que en el caso de eshu, no se obtiene nada de ellas si no se le ofrecen sacrificios, los cuales son hechos bajo rituales rigurosos y dirigidos por los babalawos. En sus sacrificios que son realizados bajo la noche, siempre se utiliza la luz de las lamparas de aceite o velas para que vean el ofrecimiento y el toque de campanas de bronce o hierro para que escuchen la peticion y conceda su misericordia y perdon, tornandose en este caso en la su otra fase de bondad y amor. . Se dice que para ejecutar sus funciones se transforman en pajaros y van a los mas recognitos lugares para hacerlo. Una leyenda de osa meji refiere que cuando todas las criaturas y deidades hicieron su descenso a la tierra, iyami no pudo hacerlo pues estaba completamente desnuda. Pidio ayuda a todos, pero nadie la escuchaba, hasta que vio a orunmila y conociendo su caracter benevolente pidiole que la ayudara a bajar. Orunmila le pregunto: y como bajaras asi desnuda?. Ella le respondio, sera facil, pues si me lo permites entrare a tu interior y nadie me vera. Orunmila accedio y cuando llegaron a tierra firme, orunmila le pidio que saliera, pero ella se nego a salir. Orunmila le dijo: ah, te moriras de hambre y ella le contesto, pues sabes que?, no pues te comere por dentro. Orunmila asustado se hizo osodifa y viendose este odu, hizo los sacrificios necesarios y le hizo el ofrecimiento a iyami para que saliera y esta al sentir el olor del sacrificio salio y mientras entretenida comia, orunmila echo a correr escapando del lugar , quedando entonces establecido el poder de iyami en la tierra. Tiempo despues de su descenso iyami se subdividio y lo primero que hicieron fue ir a tomar del agua de los siete sagrados rios que se unian en ife y ellos eran: majomajo, oleyo, iyewa, oserere, ogun, ibo, y ogbere.. despues de esto se alojaron en una foresta escogiendo los arboles que serian sus igbo y que servirian unos para el bien(ire) y otros para el mal(ibi) y estos fueron: orogbo(ire), iroko(ibi), arere(ibi), oshe(ire), obobo(ire),iya(ibi) y asurin (ire ati ibi). Una leyenda de oyekun pelean narra cuando iyami y humanidad eran hermanas. Iyami tenia un solo hijo que era un pajaro y humanidad tenia muchos hijos. Una vez humanidad tuvo que ir de compras al mercado de ejigbomekun akira que era el mercado de las divinidades y los humanos, los del cielo y de la tierra y que quedaba a tres dias de viaje y dejo a sus hijos a cargo de iyami. Al regresar, ella encontro a todos sus hijos en buen estado. Toco el turno entonces a iyami a salir de compras y dejo a su unico hijo al cuidado de humanidad. A los dos dias, los hijos de humanidad ya hambrientos querian comerce al hijo de iyami y se lo pidieron a su madre, pero esta les dijo que no, y que aguardaran que ella les traeria un pajaro cualquiera del bosque. Acto seguido que salio. sus hijos mataron y se comieron al pajaro. Al tercer dia cuando iyami regreso se encontro con la fatidica noticia de que su unico hijo habia muerto a manos de los hijos de la humanidad, por lo que ella juro mientras el mundo fuera mundo acabar con los hijos de su hermana.

OOLE LO SHEYIN GUMOLE BI ENI ARINMORIN , BO BA JA KO RIN A DURO SII, A DIFA FUN OKANLENU IRUNMOLE, WON TORUN BO WAYE A DIFA FUN ELEYE, EGUN, OSHA, ORUNMILA.

La casa tiene una joroba a sus espaldas como una persona invalida que quiere caminar pero no puede, fue lo profetizado para las 201 deidades, ellos vinieron del cielo a la tierra, lo profetizado para las brujas, los espíritus, los orishas y orunmila. Este camino narra cuando Obatala e iyami eran vecinos y cada uno tenia respectivamente un lago, los cuales estaban unidos por un conducto que era cerrado por eshu para que no se comunicaran uno con el otro, ya que existia un desnivel y de quitarse la piedra que lo cerraba, toda el agua del lago de obatala iria hacia el lago de las eleye. Orunmila le dijo a obatala que necesitaba hacer sacrificio para mantenerse bien, pero este rehusó ofrecer el sacrificio por entender que no era necesario. Eshu enterado fue y quito la piedra del tunel y toda el agua del lago de obatala paso al lago de las iyami. Las mujeres de obatala necesitadas de lavarse sus partes pues estaban con la menstruacion, al no encontrar agua en su lago, fueron a hacerlo al lago de las iyami que estaba rebotante de agua y al hacerlo fueron divisadas por el pajaro guardian , quien rapidamente aviso a las iyami de que estaban manchando de menstuo sus aguas y eso era tabu para ellas. Las iyami culpando a obatala de este suceso corrieron a capturarlo para sacrificarlo, pero obatala se percató de esto y echo a correr , implorando la ayuda de todos los orishas. El primero en salir en su defensa fue ogun, pero en vano fue, pues las iyami enseguida acabaron con el. Asi sucedio con cada uno de los orishas que quiso intervenir desafiando el inmenso poder de las brujas. Solo estas se detuvieron cuando obatala entro en la casa de orunmila y se cobijo debajo del manto de este. Las iyami le pidieron a orunmila que les entregara a obatala y le narraron lo acontecido y orunmila les dijo: por que no esperan siete dias , pues obatala esta

muy flaco y durante esos días yo se los engordare?. Las iyami acordaron en esperar. Durante ese tiempo orunmila preparo 16 asientos con goma de pegar pajaros y ciertos alimentos que a ellas les agradaba. Al séptimo día, se aparecieron temprano y orunmila las mando a pasar y a disfrutar primero el festín para ellas preparado. Llegado el momento en que se pegaron, obatala salio de su escondite y a garrotazos fue acabando con ellas, pero una de ellas, la mas vieja logro huir covijandose ella esta vez bajo el manto de orunmila Cuando obatala iba a acabar con ella orunmila lo detuvo y le dijo: no ves que esta en estado y que se cobija debajo de mi, no te puedo permitir que hagas eso, pues cuando tu lo necesitastes yo te ayude y todo el que a mi llegue en ayuda yo lo protegere. Obatala se calmo e iyami le dijo a orunmila: que favor quieres a cambio de que me has salvado a mi y al hijo unico de mis entrañas?. Orunmila le dijo: que respetes a mis hijos, no les podras hacer daño sin mi consentimiento y siempre y cuando no violen los tabu dictaminados para ellos por mi. Iyami acepto y concluyo: todo hijo mio(hechiceros) que ataque uno tuyo injustamente, yo juro que yo misma lo destruire. Y la tierra sera testigo de lo que digo, ademas todo el que llegue a ti y haga sacrificios y riegue con sangre la puerta y los alrededores de su casa sera respetado por un tiempo conveniado y sus peticiones seran concedidas, asi como te concedo coger a mis hijos las aves(gallos, gallinas, palomas, etc)para sacrificios a las deidades y alivies los males que yo ocasione.Asi fue como continuaron las descendencias de brujos y brujas sobre la tierra hasta hoy en día. La literatura religiosa yoruba confiere en alto grado la participacion de orunmila, el orisha de la inteligencia y el conocimiento como controlador de las actividades de las eleye. Una historia de irete olota cita cuando las iyami quisieron probar el poder de orunmila y le enviaron los pajaros hechiceros para probar su fuerza. Al verse este odu, orunmila preparo ishu con ekujebu(un grano muy duro) y un opipi eiyele (paloma sin plumas) y fue donde ellas y les dijo: asi como ustedes no pueden comer ekujebu y este hijo suyo no puede volar porque asi yo lo quice, asi mismo ustedes no tienen poder para matarme. Otro odu de ogbeyonu cita cuando las iyami estaban exterminando a los seres humanos por completo y fueron a donde orunmila y estas acordaron de que si orunmila acertaba el acertijo que le pusieran, entonces el les daria permiso para continuar su exterminio. Orunmila fue donde los siete rios de las iyami y alli se consulto y al verse ogbeyonu hizo sacrificio a los humanos con :huevos, pluma de loro, ewe oyoyo, ewe aanu, ojusaju y agogo igun, algodón, kola blanco y kola rojo, polvo de osun y efun. Al encuentro con las iyami estas quedaron asombradas, pues las hojas que orunmila estaba utilizando era para apaciguarlas. No obstante ellas le preguntaron el acertijo diciendo: "reventar". Orunmila dijo entrapar y ellas dijeron : " eso mismo por siete veces. Orunmila contesto ; eso seria un huevo que lanzado siete veces sobre un monton de algodón no se revienta. Asi complacidas las iyami se retiraron y desistieron por el momento de sus intenciones. Iyami oshoronga es llamada "la madre ancestral", es la misma yeye mowo, esposa de obatala, es odu, la gran madre que tiene en su calabaza todas las esencias de la creacion. Junto con obatala conforma la igba odu. Esta igba misticamente esta cortada en dos porciones; una superior y la otra inferior. La superior pertenece a obatala y la inferior a yeye mowo. Juntas componen el mundo en que vivimos, partiendolo tambien en dos submundos: el mundo invisible y el mundo visible. Los pajaros son los animales predilectos de las iyami, puesto que son los unicos capaces de moverse entre cielo y tierra constantemente. Aunque oduwa(nuestra existencia) es la union de ambas deidades, cuando se habla de oduwa nos referimos solo a yeyemowo o iyami. Existio un tiempo en que las iyami por su poder gobernaron la tierra y controlaban las ceremonias rituales de los egun, pero orunmila encomendo a obatala hacer ebo con babosas y un latigo y se vistio con las ropas que normalmente se utilizaban para estos rituales y su voz se sintio poderosa y en eco, cosa que asusto a iyami y desde entonces obatala rige sobre ella y las mujeres no pueden presenciar ciertos ritos a los egun. Se cuenta que iyami vencida por el poder del conocimiento de orunmila cayo enamorada de este y con el se caso, pero solo existio una condicion por parte de iyami. Esta condicion fue que nunca mas ninguna mujer viviente podria verla personalmente sin riesgo de morir instantaneamente. Esto es por lo que a las mujeres se les esta prohibido hacer ifa o sea consagrarse como babalawos. En estos tiempos se ha hablado de "mujeres con Ifa" y se les llama iyalawo. Debo entender que existen ciertas confusiones sobre esto. A las mujeres se le hacen ciertas ceremonias que le pueden dar cierta autoridad en esta religion, pero hay mucha distancia entre esto y ser consagradas en ifa, pues sino esta odu presente no se puede consagrar a nadie y esta la condicion de la propia odu de que ninguna mujer podia verla, incluso, odu es de mucho cuidado, ni siquiera hombres no consagrados ni incluso niños pueden verla. En el

contexto yoruba existen tres momentos si lo podemos llamar historicos. El primero es un tipo de patriarcado, cuando en el momento del traslado del cielo a ife, los hombres dominaban el sistema etnico. Posteriormente otra etapa, en que las mujeres toman el mando por ser estas las capaces de reproducir y tener a su hacer todas las labores fundamentales en la sociedad de esa epoca. Por ultimo los hombres recuperan el poder, pero a su vez el poder esta controlado por las mujeres, pues son ellas las que engendran. Resumiendo todo lo anteriormente se ha dicho, caeriamos en que: iyami, aje, eleje, yeyemowo, odu, oduwa, onile, son las misma entidad con diferentes defases, cuestion esta muy comun entre las deidades que conforman el panteon yoruba. Oduwa es tierra y obatala es cielo. Son los responsables de toda creacion habida en nuestro mundo. Oduwa es O y obatala es 1, es la conformacion aritmetica del 1 al O, que seria 1O, la union de ambos, el grupo decimal. 1 es el pene y el O es la bulba femenina, el el mismo sistema binario compuesto por 256 variantes que son los llamados odu de ifa. Obatala-oduwa-eshu conforman entonces la suma $1+1=1$. Juntos conforman entonces el numero mistico y sagrado tres, el numero de la creacion: un pene, dos testiculos, una vulva, dos ovarios.

Un escrito de Eduardo Conde Oluwo Ogboni Ifabilawo

OGBONI

Cuenta una antigua leyenda que a principios de la creacion , iyami ,la gran madre ancestral dio a luz a 16 hijos . Los dos primeros nombrados ogbo y oni, comenzaron a luchar entre si trayendo el caos y el desorden universal. Viendo iyami que sus dos hijos provocarían la destruccion ,los tomo a ambos y les hizo hacer un pacto de hermandad, jurando ante su amuleto sagrado que nunca mas pelearian entre si, naciendo asi la primera sociedad secreta del mundo que se nombraria con los nombres unidos de estos: **OGBO_ONI**. La **SOCIEDAD SECRETA OGBONI**, temida y respetada por todos los que la conocen, es la segunda corte judicial en rango de los yorubas.Ella tiene como **finalidad principal la proteccion comunal** , el establecimiento **del orden en general**, asi como **ejecutar los castigos a que seran sometidos los que violen la leyes establecidas**. A esta sociedad solo pertenecen aquellos que guardan un **comportamiento etico,moral y social ejemplar**, no importando el nivel intelectual, raza, procedencia social ni sexo de sus miembros. Entre ellos estan los miembros activos que son los que realizan los ritos y ceremonias secretas; *babalawos, babalorishas, e iyaloshas* y *los pasivos que solo participan en las decisiones a tomar y en los festines que siempre acompañan la realizacion posterior de las mismas*. A esta sociedad pertenecen tambien; **políticos, doctores, licenciados, abogados ,militares y ancianos de la comunidad**. Los **OGBONI**, omo oshin (los hijos del seor de la religion) incrementan cotidianamente a través del estudio, ritos y ceremonias su nivel místico espiritual y evacuan de sus sentidos los defectos de los sentimientos impuros que comunmente aquejan al ser humano. Muchas sociedades de hermandad han sido creadas imitando los estatutos principales de esta sociedad entre ellas estan los masones, los caballeros de la luz, et para citar solo unos ejemplos conocidos ,pero ninguna ha logrado la unificacion , el respeto y los valores reales espirituales de esta. Los **OGBONIS** hablan el mismo yoruba, pero dentro de este **tienen un vocabulario especial y por supuesto muy secreto con que denominan deidades, objetos, acciones, animales, etc**. Estas palabras secretas son lo que queda del antiguo lenguaje que utilizaron los hombres para comunicarse entre si y con ellas activaban las energias para utilizarlas en beneficio o prejuicio segun fuese la necesidad. Es decir, el **OGBONI** tipico vive en armonia con la naturaleza. Los ogboni se hacen llamar ellos mismos **OMO ODUWA**, los hijos de **ODUWA**, la deidad **primaria ancestral simbolo de la creacion**, la deidad **bicefala** del panteon yoruba que representa **la union de lo masculino y lo femenino**. Tambien se les conoce como **OSHOGBO**, pues su base principal radica en el estado de **Oshogbo**, la region de la diosa **Oshun**. Asi mismo se cre que la palabra **OGBONI** provendria de la union de los monosilabos yorubas: **OGBON-sabio y ENI-uno** que es. La mayoría de sus manufacturas artesanales son de bronce, simbolo de la similitud anticorruptiva de esta sociedad. Este corto documento tiene como finalidad simple, dar una corta explicacion general acerca de la fundamentacion de la **Sociedad Ogboni**, la cual ha sido durante mucho tiempo objeto de difamacion y calumnias exgrimiendo la supuesta costumbre de esta de realizar sacrificios humanos, asi como llegar por desconocimiento a compararla a organizaciones como la mafia. Se hace claro para cualquier persona con uso de razon, que la justicia se imparte segun el grado de severidad o agravantes del crimen

cometido, es de imaginarse que en ciertas ocasiones la sentencia promulgada por la sociedad ogboni haya sido la muerte, no en forma de sacrificio como se ha venido difamando sino en forma de ejecucion , como mismo se hace desde miles de aos en la llamada civilizacion moderna en los casos en que los sentenciados a muerte han quebrantado las leyes de ellos tambien. Cual ha sido la diferencia?; el que la sentencia se ejecute con un hacha o cuchillo a que se ejecute con guillotina, con inyeccion letal , fusilamiento o silla electrica?. En que los primeros aparenten ser unos barbaros y salvajes y los otros mas misericordiosos en la forma de ejecucion?, ha sido cuestion de los tiempos., al parecer continuan por parte de algunos la falsa idea que aquellos negros africanos analfabetos eran incapaces de establecer un sistema de orden social igual que la de los blancos civilizados. Muchos de los que husmearon en la sociedad yoruba como filosofos o geologos europeos del siglo pasado escribieron algunos articulos donde se narraba el caracter salvaje de la sociedad a que hacemos referencia. Pero habria que hacer otro estudio mas profundo para analizar quienes fueron mas salvajes. Cabria recordar aquel refran del odu ogbe se:

QUIEN TIENE MERITOS SE DESPRECIA MAS QUE EL TIENE VIRTUDES".

ORIKI ÌYÀMÌ-ÒSÒRÓNGÀ

01

**Okiti Kata, Ekùn A Pa Eran Má Ni Yan
Olu Gbongbo Ki Osun Ebi Ejè
Gosun-gosun On Wo Ewu Ejè
Ko Pá Eni Ko Je Oka Odun
A Ni Esin O Ni Kange
Odo Bara Oto lu
Omi a Dake Je Pa Eni
Omo Opara Oga Ndanu, Sese Iba o !
Iba Ìyàmì o !
NiMo Mo Je Ni Ko Je Ti Aruní
Emi Wa Foribale Fun Sese
Olu idu Pe O papa
Ele Adie Ko Tuka
IyaTemi Mi Ni Bariba Li Akoko
Emi Ako Ni Ala Mo Le Gbe Agada
Emi A Wa Kiyà Onile Ki Ile.
Ìbà Ìyàmì o!
Asé O!**

02

**Ilè mopue o!
Ìyàmì Òsòróngà Mopue o!
Òdu-Logboje Ibá o!
Ibá Òsa-iyeku kibi odu Ìyàmì Òsòróngà
Mojubá Obinrin Lode Olo Gèlèdè
Ibà Ìyàmì o!
Ohun abáwi fun Agbà
Ni agbà Ngbo
Ohun awí fun Agbà
Ni agbà Ngbá
Ohun timowí lonijé osé
Ohun mofé kose loní
Je kori be e**

Ní orunkò éhiyn Ìyàmi Òsòróngà
 Olo hun Òla !
 Olo kun Òla !
 Ójò ojú òmó , baféfó
 Aki gbe pue Òòrúnmilà
 Ko gbehun Agbe
 Asè o !

03

IBÀ ÌYÀMÌ O!
 ÌYÀMÌ ÒSÒRÓNGÀ MOKI O!
 E MAPA MI
 E MAPA MI
 E MAPA MI
 IBI ÉRIO
 É KI GBE MI LO IBI ÉRIO
 É KIGBE MI LO
 ORI, KI IFÁ UN
 ÉDÓ, KI IRIGBIN
 O TUTU KI IMÁ MÉJA LALÈ ODO
 IBI ÉRIO È KIGBE MI LO
 ASÈ O!